

Kerolin Edinete da Costa

**TRAJETÓRIAS, ESTRATÉGIAS E PERCEPÇÕES DE
ATENDENTES DE SUPERMERCADO QUE VIVENCIAM UMA
TRIPLA JORNADA: TRABALHO REMUNERADO, TRABALHO
DOMÉSTICO E ESCOLARIZAÇÃO.**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Da Costa, Kerolin Edinete
TRAJETÓRIAS, ESTRATÉGIAS E PERCEPÇÕES DE ATENDENTES DE
SUPERMERCADO QUE VIVENCIAM UMA TRIPLA JORNADA: : TRABALHO
REMUNERADO, TRABALHO DOMÉSTICO E ESCOLARIZAÇÃO. / Kerolin
Edinete Da Costa ; orientadora, Maria Soledad Etcheverry
Orchard - Florianópolis, SC, 2015.
151 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Tripla jornada. 3. Trajetórias
de vida. 4. Estratégias de trabalho, de estudo e de vida
doméstica. I. Orchard, Maria Soledad Etcheverry . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

Kerolin Edinete da Costa

**TRAJETÓRIAS, ESTRATÉGIAS E PERCEPÇÕES DE
ATENDENTES DE SUPERMERCADO QUE VIVENCIAM UMA
TRIPLA JORNADA: TRABALHO REMUNERADO, TRABALHO
DOMÉSTICO E ESCOLARIZAÇÃO.**

Este Trabalho de Graduação foi julgado adequado para a obtenção do título de “bacharel” em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pela Comissão examinadora e pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de Janeiro de 2015.

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Laura Senna Ferreira
Universidade Federal de Santa Catarina

Ms. Caroline da Graça Jacques
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradecer, admitir que houvesse um momento em que se precisou de alguém, é reconhecer que o homem e a mulher jamais poderão lograr para si o dom de serem autossuficientes. Ninguém e nada cresce sozinho; sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor. Muito bom passar por uma jornada desta e ter tanto a agradecer, e querer a tantos homenagear... Muito bom dizer “obrigada” a tanta gente que, neste período, em que se é acometida de tantos surtos de tristeza, incapacidade, euforia, incerteza, cansaço, alegrias, conseguiu manter-se simplesmente presente. Por isso, as homenagens.

Ao meu querido pai Walmir Costa, que sempre me incentivou e mostrou que eu era capaz. À minha querida mãe Edinete Francelino que sempre me dava força e quando estava cansada, me acalmava com uma palavra amiga. À minha irmã Kerolaine Costa que à sua maneira sempre me incentivou. Ao meu companheiro de vida David Costa pelo apoio nos momentos difíceis e por compreender minhas ausências, mas principalmente por todo amor e carinho dedicados a mim.

Agradeço também à professora Dr.^a Maria Soledad Etcheverry Orchard que me orientou nesse trabalho. Por compartilhar comigo seu vasto conhecimento, por meio de uma orientação valiosa, segura e competente. Obrigada pelo privilégio de ter sido sua aluna.

Agradeço também ao grupo LMT, por todas as reflexões que fizemos acerca do mundo do trabalho e pela incrível oportunidade de aprendizado incessante, críticas construtivas, debates, tudo foi fundamental para a construção desta pesquisa.

Aos amigos e colegas de curso que, com seus conhecimentos, comentários, sugestões e apoio tornaram possível a realização deste trabalho, estando comigo ao longo desta caminhada. Obrigada por tornarem essa jornada muito mais divertida! Um obrigado especial para as minhas amigas, digo amigas pelo carinho que construí ao longo desses quatro anos e meio e porque quero manter esse laço para além da Universidade. Luana Tabora, Thayse Jacques, Giovana Pansera, Maria Teresa de Bastiani. Obrigada por tudo! Essa conquista é de vocês também!

Agradeço a todas as minhas entrevistadas por me darem a oportunidade de conhecer melhor as suas trajetórias, estratégias e

percepções em detrimento de uma vida com tripla jornada. Esse campo foi mais que um trabalho, mais uma possibilidade de reafirmar minha admiração por essas mulheres que mesmo tendo uma jornada pesada conseguem dar conta.

Obrigada a todos que não couberam aqui e que me ajudaram com uma palavra, um olhar, uma risada, uma música, uma conversa.

Obrigada!

RESUMO

Considerando as transformações que vêm incidindo nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres brasileiras nas últimas décadas e sua inserção cada vez maior no mercado de trabalho, buscamos, nesta pesquisa, tentar entender melhor as trajetórias, estratégias e aspirações de operadoras de supermercado, para enfrentar os desafios de manter uma vida com tripla jornada, por meio das suas próprias percepções. Procuramos descrever e analisar a trajetória laboral, verificando como a opção pelo estudo se entrelaça com suas aspirações de trabalho e vida. Para tanto, entrevistamos cinco mulheres que trabalham oito horas diárias em supermercados, têm casa e filhos e ainda criam estratégias para estudar. Fizemos uso de entrevistas semi-dirigidas que foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes foram submetidos a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: trajetória de vida, estratégias de trabalho, de estudo e de vida doméstica; alternativas e dificuldades para manter uma tripla jornada; aspirações na esfera profissional e familiar. De modo geral, pudemos observar em nossa análise da literatura pesquisada que a simultaneidade das múltiplas atribuições vivenciadas por mulheres hoje é bastante frequente e desgastante. Na nossa pesquisa apostamos na hipótese de que entre mulheres pertencentes a camadas populares essa tripla jornada ainda seria mais difícil, devido às circunstâncias complicadoras da sua condição social. Verificamos que essas mulheres estão conscientes de suas limitações e desafios, mas ao mesmo tempo, estão determinadas a se colocarem na sociedade não somente como vítimas, mas, sim, como protagonistas ativas na condução das suas histórias.

Palavras-chave: mulheres trabalhadoras em supermercado - trajetórias de vida - estratégias de trabalho, de estudo e de vida doméstica - tripla jornada.

ABSTRACT

Considering the changes they see influencing social roles played by Brazilian women in recent decades and its increasing integration into the labor market, we seek, in this research, trying to better understand the trajectories, strategies and aspirations of supermarket operators, to meet the challenges to maintain a triple life journey through their own perceptions. We seek to describe and analyze the labor trajectory, checking how the choice of study is intertwined with their job aspirations and life. Therefore interviewed five women who work eight hours a day in supermarkets, has home and children and still create strategies to study. We made use of semi-structured interviews were recorded and transcribed. The resulting texts were subjected to a discourse analysis from the following categories: life path, working strategies, study and home life; alternatives and difficult to maintain a triple journey; aspirations in work and family sphere. In general, we observed in our analysis of the literature that the simultaneity of multiple assignments experienced by women today is quite frequent and exhausting. In our research we bet on th

e hypothesis that among women from lower classes this triple journey would be even more difficult due to complicating circumstances of their social status. We found that these women are aware of their limitations and challenges, but at the same time, are determined to put themselves in society not only as victims, but rather as active protagonists in the conduct of their stories.

Keywords: working women in supermarket - life trajectories - work strategies, study and home life - Triple journey.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mulheres no ramo da construção civil.....	38
Figura 2: Mulheres no ramo da aviação – pilotas.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação por sexo no mercado de trabalho.....	37
Tabela 2: Taxa de atividades das mulheres com filhos, segundo faixa etária do último.....	40
Tabela 3: Distribuição dos ocupados por sexo e setor de atividade no Brasil.....	48
Tabela 4: Distribuição da PEA segundo sexo e escolaridade.....	61
Tabela 5: Áreas de maior atuação do sexo feminino.....	63
Tabela 6: Participação feminina em áreas selecionadas.....	64
Tabela 7: Classificação das entrevistadas.....	78
Tabela 8: Número de matrículas de 2003 -2012 no Ensino Superior.....	86
Tabela 9: Participação dos segmentos na pesquisa anual de serviços.....	112

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

PEA – Pesquisa Mensal de Emprego

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PROUNI - Programa Universidade para Todos

OIT – Organização Nacional do Trabalho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	25
MULHER E TRABALHO	25
1.1 A CONSTRUÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA – ESPAÇO PRIVADO	26
1.2 A CONSTRUÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA – DO ESPAÇO PRIVADO AO ESPAÇO PÚBLICO	30
1.3 A EXPANSÃO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO	33
1.4 A CONDIÇÃO FEMININA NO MUNDO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO E OS DESAFIOS	39
CAPÍTULO 2	49
MULHER E A EDUCAÇÃO	49
2.1 A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE LIBERDADE - A LUTA DAS FEMINISTAS	49
2.2 A EDUCAÇÃO E AS MULHERES CONTEMPORÂNEAS – AVANÇOS E CONTRADIÇÕES	56
2.3 O CAPITAL CULTURAL E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO	61
CAPÍTULO 3	69
METODOLOGIA	69
3.1 PARTICIPANTES	69
3.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	70
3.3 PROCEDIMENTOS	71
3.4 PERFIL DAS ENTREVISTADAS	72
CAPÍTULO 4	75
ANÁLISE DOS DADOS	75
4.1 TRAJETÓRIA E PERFIL DAS ATENDENTES DE SUPERMERCADO E DOS FAMILIARES	76
4.1 A) <i>Profissão e escolarização dos pais das entrevistadas</i>	78
4.1 B) <i>Escolarização dos irmãos das entrevistadas</i>	81
4.1 C) <i>A história das entrevistadas</i>	83
4.2 ESTRATÉGIAS DE TRABALHO, ESTUDOS E VIDA FAMILIAR HOJE	91

4.2 A) Rotina das entrevistadas e das pessoas que moram com elas.....	94
4.2 B) Divisões da tarefas no âmbito familiar.....	99
4.2 C) Setor de serviços – sua entrada e trajetória	102
4.2 D) Escolarização – Incentivo da família	109
4.2 E) As motivações para estudar	111
4.2 F) O relacionamento com os colegas de sala de aula	114
4.2 G) Estratégias de estudos, local e tempo.....	116
4.2 H) Rendimento escolar	120
4.3 PERCEPÇÕES DO PRESENTE E PROJEÇÕES PARA O FUTURO.....	121
4.3 A) A escolha do curso, e a vontade de fazer uma faculdade.....	122
4.3 B) Projeções para o futuro – lado profissional e pessoal.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre a presença feminina no mercado de trabalho e as implicações disso nas suas trajetórias de vida têm sido alvo constante de preocupações de pesquisadores debruçados sobre os estudos da relação entre trabalho e gênero. Esse é um tema que nos instiga, apesar da constatação registrada por Oliveira e Ariza (2000, p. 652) que destacam que ao longo de 25 a 30 anos, essa indagação, tem sido formulada por diferentes estudiosos desde distintas perspectivas analíticas, constituindo, portanto, um dos tópicos mais estudados nesse campo. Entendemos que essa constatação não retira valor a nossa tentativa atual de procurar construir um olhar sobre as *trajetórias, estratégias e percepções* dessas mulheres que, como trabalhadoras em supermercados, triplicam sua jornada, visando dar cobertura às suas necessidades e aspirações de vida, trabalho e formação. A própria recorrência do tema nas pesquisas revela a importância de um problema social e sociológico que não se esgota. Como mesmo aponta Bourdieu (1989) fazer uma pesquisa social sobre um tema recorrente implica em fazer com que o pesquisador apreenda o mesmo tema mas sob um ângulo imprevisto, diferente, cujas conclusões serão diferentes.

Segundo Bruschini (2007), o país passou por grandes mudanças e transformações tanto demográficas, quanto culturais e sociais que influenciaram diretamente no aumento do trabalho feminino. Segundo a autora essas modificações foram apontadas por muitas pesquisas, que puderam dar um panorama da situação das mulheres no mercado de trabalho hoje. Com base em estatísticas oficiais como as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, Bruschini aponta algumas das principais tendências das brasileiras. Uma delas é a questão demográfica, em que a autora aponta que houve uma queda da taxa de fecundidade, sobretudo nas regiões mais desenvolvidas do país, onde a taxa atingiu no ano de 2005 uma média 2,1 filhos por mulher. Segundo, houve uma redução no tamanho da família¹ que nesse mesmo ano atingiu uma média de 3,2 pessoas. Em terceiro, apontou uma maior

¹Segundo a terminologia adotada pelo IBGE, a qual incorpora a ampla literatura sobre o tema. “Família ou arranjo familiar é o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa, que mora só em uma unidade domiciliar.” (IBGE,2004, p. 398)

expectativa de vida para as mulheres (75,5 anos) em relação aos homens (67,9) e por fim, o crescimento acentuado de diversos arranjos familiares.

Além das questões demográficas Bruschini (2007) mostra que aconteceram também mudanças sociais e culturais relacionadas ao papel da mulher na sociedade, transformações essas que redefiniram não somente a identidade e a autoafirmação dos valores dessas, como também, e principalmente os papéis sociais e o comportamento feminino, elevando a participação da mulher, dentre outras, na esfera do trabalho e escolar.

Diante disso, muitas pesquisas envolvendo as mulheres no mercado de trabalho foram feitas, e umas das mais recentes aplicadas em 2012 pelo IBGE² mostrava uma intensidade e uma constância do aumento da participação feminina. Os dados da pesquisa apontavam que elas no ano de 2011 eram maioria na população de 10 anos ou mais de idade cerca de (53,7%), enquanto os homens eram de (46,3%), e que sua participação nos quadros da população economicamente ativa (PEA)³ cresciam ao longo dos anos: os resultados mostravam que no ano de 2003 havia 44,4% de mulheres ativas no mercado de trabalho e em 2011 esse dado passou para 46,1%. Ou seja, houve um aumento de 1,8 pontos percentual, o que mostrou uma amplitude e um avanço da mulher brasileira no mercado de trabalho. Porém, os estudos indicam que os homens ainda são maioria na categoria dos economicamente ativos (53,9 %) se confrontados com as mulheres.

Apesar do considerável aumento, as análises constataam que as mulheres estão longe de atingir as taxas masculinas de atividade entre as pessoas ocupadas e o respectivo reconhecimento social. Segundo Nogueira (2006 – p.28): “A divisão sexual do trabalho não apresenta nenhuma neutralidade, trabalho feminino e trabalho masculino são categorias importantes não em função da natureza técnica das suas atividades, mas em função das relações de poder e dos interesses que os

²Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf

³ De acordo com o IBGE, compreende o potencial de mão-de-obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada, assim definidas: população ocupada - aquelas pessoas que, num determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalho mas não trabalharam (por exemplo, pessoas em férias).

encobrem?”.

Com esses dados do IBGE, percebemos a importância de trazer esse assunto em pauta, na medida em que entendemos o quão relevante esse tema é para compreender as estratégias e desafios das mulheres nos dias atuais. Além do que, nos fornece um panorama revelador da própria construção social do papel da mulher dentro da sociedade. Segundo Bruschini (2007, p. 542)

A primeira geração de estudos sobre o trabalho feminino, no Brasil, focalizou exclusivamente a ótica da produção, sem levar em conta o fato de que o lugar que a mulher ocupa na sociedade também está determinado por seu papel na família. O debate teórico e as pesquisas sobre o trabalho feminino tomaram um novo rumo quando passaram a focalizar a articulação entre espaço produtivo e a família, ou espaço reprodutivo. Pois, para as mulheres, a vivência do trabalho, implica sempre a combinação dessas duas esferas, seja, pela articulação, seja pela superposição, tanto no meio urbano quanto no rural.

No artigo a autora aponta os estudos realizados pelo PNAD⁴, sobre tempo semanal médio de dedicação aos afazeres domésticos⁵ e os resultados mostraram exatamente essa relação entre espaço produtivo e reprodutivo. Os dados indicavam que 90% das mulheres dedicavam seu tempo aos afazeres domésticos, enquanto os homens foram pouco menos de 45%, ou seja, ao fazer essa comparação por gênero fica evidente um grande abismo. Isso quer dizer que apesar de todas essas mudanças a mulher permanece sendo a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, além de uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas, pois o trabalho doméstico consome tempo e energia de quem o realiza.

⁴É um Programa Nacional de Pesquisas Contínuas por Amostra de Domicílios da Fundação IBGE, a PNAD vem sendo realizada desde 1967.

⁵A PNAD define afazeres domésticos a realização, em domicílio, de tarefas como por exemplo arrumar ou limpar parte da moradia, cozinhar, passar roupa, limpar quintal, ou seja, abriga uma ampla gama de atividades.

Porém, mesmo diante de todos esses empecilhos, uma parcela significativa de mulheres tem prosseguido (ou retomado) os estudos, aumentando ainda mais sua carga diária de afazeres. Segundo dados do IBGE, em relação ao perfil educacional das mulheres no mercado de trabalho, “os dados mostram que em 2011, os maiores percentuais de escolarização foram das mulheres”. No setor público, por exemplo, as mulheres com 11 anos ou mais de estudos atingiram uma média de 93,3%, e as com nível superior, atingiram uma média de 60,6%. Entre os homens, os com 11 anos ou mais de estudos alcançaram uma média de 88,6% e os com nível superior obtiveram 40,9%.

Ou seja, na comparação por sexo, verificou-se que em todas as categorias apontadas pela PME⁶ (Pesquisa mensal de emprego) o percentual de mulheres com 11 anos ou mais de estudos ou com curso superior era maior que a dos homens. Isso mostra uma expansão da escolaridade, a qual as brasileiras têm tido cada vez mais acesso, o que é um dos fatores de maior impacto sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho.

O presente estudo então propõe investigar e identificar as experiências de algumas dessas mulheres bem como as estratégias empreendidas por elas que mesmo vivenciando uma jornada triplicada, conseguem criar estratégias para continuarem ou retomarem os seus estudos. Compreende-se o quanto é pertinente pesquisar a situação de mulheres que se enquadram nesse perfil e que, como trabalhadoras do setor de serviços, atuam em distintas funções em supermercados, sejam como operadoras, como gerentes, ou supervisoras, dentre outras atividades.

Entendemos que dessa maneira podemos abrir espaço para uma reflexão acerca de suas trajetórias, estratégias e percepções, as quais nos permitirão entrar no mundo dessas mulheres e registrar suas tentativas de enfrentar desafios para conseguir uma valorização no mercado de trabalho, dando também projeção às suas aspirações de vida ao incluir os estudos.

Para tanto, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas, que foram submetidas a uma análise de discurso. Assim, buscamos entender como elas vivenciam a experiência de estar trabalhando, estudando e ainda cuidando da casa e dos filhos. Trata-se de mulheres que não estão apenas buscando se inserir em uma atividade profissional, mais do que

⁶Trata-se de uma pesquisa domiciliar urbana realizada por meio de uma amostra probabilística, planejada de forma a garantir os resultados para os níveis geográficos em que é realizada.

isso, estão penetrando em universidades, cursos técnicos para melhor se posicionarem tanto no mercado de trabalho, como também dando projeções aos seus interesses pessoais. Sem esquecer que lidamos com mulheres com uma condição social específica, oriundas de segmentos sociais vulneráveis, em que a projeção através dos estudos, sobretudo os de nível superior, não necessariamente fazia parte do seu horizonte familiar e de gênero.

Para isso, algumas questões serviram de base para a nossa abordagem do discurso dessas mulheres, primeiro procuramos saber: a) qual a importância da educação para elas, b) como elas fazem para dar conta dessa tripla jornada, c) quais suas projeções de trabalho, de estudo e familiares.

Desse modo, achamos necessário começar a entrevista perguntando a elas sobre a trajetória dos pais e irmãos, visando entender qual era o contexto social dessas mulheres entrevistadas. Depois de penetrarmos nesse assunto, procuramos saber um pouco da história de vida, perguntamos sobre seus relacionamentos, seus interesses pelo estudo, suas relações com o trabalho. Em seguida, indagamos como faziam para dar conta dessa tripla jornada. Ao fim, procuramos saber sobre o desempenho escolar, suas notas e se existia algum incentivo por parte dos familiares e amigos para continuarem estudando, e quais eram suas aspirações de vida e trabalho.

Para responder a estas questões, antes de partirmos para a pesquisa de campo, fez-se necessário traçar um caminho teórico que alicerçasse e fundamentasse o tema aqui desenvolvido.

Por ser esta uma pesquisa sobre a mulher com tripla jornada, iniciamos o capítulo 1, chamado de “Mulher e Trabalho” falando a respeito da construção da mulher no espaço privado até a sua entrada massiva no mercado de trabalho. Buscou-se inicialmente apresentar esse histórico e em seguida mostrar que, mesmo as mulheres adentrando cada vez mais nesse mercado, elas ainda sofrem com construções hierárquicas de papéis designados para homens e mulheres.

No Segundo capítulo, chamado de “Mulher e Educação”, faz-se um breve levantamento das conquistas feministas em relação à educação, ligando com os avanços e contradições que a mulher contemporânea sofre em relação à escolarização.

No terceiro capítulo discorre-se sobre os métodos de pesquisa que foram utilizados e se expõe quem são as entrevistadas e qual é o perfil dessas.

No quarto e último capítulo, apresentamos nossa pesquisa de campo e, em especial, os resultados na nossa análise. Procuramos apresentar a trajetória das operadoras de supermercado, assim também procuramos saber sobre suas estratégias atuais para lidar com uma vida com tripla jornada e por fim quais as expectativas de trabalho e estudo.

CAPÍTULO 1

MULHER E TRABALHO

Segundo Bila Sorj (2000) o *trabalho* é a principal referência que determina não apenas os direitos e deveres, diretamente inscritos nas relações de trabalho, mas principalmente padrões de identidades e sociabilidade, interesses e comportamentos políticos, modelos de família e estilos de vida. Isso significa que essa categoria apresentada na sociedade de forma explícita ou implicitamente consegue expressar diversas formas e maneiras do papel do indivíduo, como um sujeito ativo que tem suas motivações e seus interesses que vão dar sentido para a suas práticas sociais.

Dentro dos estudos da sociologia do trabalho, a questão de gênero⁷ se fez sempre presente. Sorj (2000) mostra que esse campo por muito tempo sustentou uma ideia ortodoxa acerca da *mulher*. “A noção de que a produção e o trabalho doméstico seriam regidos por diferentes princípios, isto é, de que as regras do mercado se aplicariam a produção, ao passo que o trabalho doméstico seria, por assim dizer, um dote natural que as mulheres aportariam ao casamento em troca do seu sustento...” (SORJ, 2000, p. 28)

Probst (2003), da mesma forma, acrescenta que a sociedade sempre determinou os papéis para o homem e para mulher, “a sociedade sempre apresentou o homem como sendo sempre o provedor do lar, e a mulher aquela que não precisava e não deveria ganhar dinheiro. A sua função era apenas cuidar dos filhos e da casa, e isso bastava para ela”.

Porém, com o passar dos anos, profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher foram intensificadas pelo impacto dos movimentos feministas e pela presença feminina cada vez mais atuante nos espaços públicos. Isso facilitou a procura e oferta de postos de trabalho para serem ocupados pelas mulheres, conforme sustenta Bruschini (2012).

Como aponta Sorj (2000), Bruschini (2007) e Probst (2003), “a sociedade sempre designou o papel da mulher na sociedade”. A partir desse contexto e considerando a relevância dessas discussões sobre a realidade produtiva e reprodutiva da mulher, este capítulo apresenta reflexões sobre a construção da condição feminina nesses espaços. Os

⁷ De acordo com Sorj (1992): gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações.

papéis foram sendo designados historicamente tanto para os homens quanto para as mulheres e, assim também, aos poucos, vão sendo desconstruídos. Autores vão mostrar como esses valores e normas foram se constituindo na sociedade de forma aparentemente tão natural, e como as lutas feministas foram cruciais para o embate em torno de reivindicações sociais, políticas e econômicas envolvendo as questões de gênero. Além disso, ao final desse capítulo trago considerações a respeito da situação atual da mulher no mercado de trabalho, quais as conquistas e quais os maiores impasses que elas vivenciam ainda hoje.

1.1 A construção da condição feminina – Espaço privado

As mulheres sempre lutaram por direitos que lhes foram negados num mundo construído sob a autoridade masculina. Os vários movimentos feministas mostraram que nessas lutas, além do direito político ao voto, as mulheres reivindicaram educação, instrução, igualdade e cidadania, o que lhes possibilitariam o trânsito da esfera doméstica para o espaço público. (ALMEIDA, 2000, p. 5)

Para Castells (2002), a construção da condição feminina tem um fundamento no próprio modelo de sociedade moderna. Para o autor, não só na América, mas em todas as sociedades contemporâneas sempre predominou o sistema patriarcalista⁸. A prática do patriarcalismo não só esteve presente no âmbito familiar, mas em todas as estruturas sociais, pois, do contrário, a autoridade do homem não se legitimaria. Esse patriarcalismo familiar possibilitou que as relações sociais se estabelecessem em cima da autoridade masculina. O modelo de família – homem/provedor e mulher/dona de casa – foi o que vigorou, culminando em uma assimetria sexual correspondente a distintos papéis sociais no espaço privado e na relação com o espaço público. Ao

⁸Cf. Muraro (2010): no sistema patriarcal, o sexo masculino é o predominante. E a característica dos homens é a posse do pênis, um apêndice corporal que é o instrumento de prazer e a insígnia do poder dos homens.

homem coube à centralização do poder de decisões como “chefe de família” e como provedor, reservou-se para ele o papel de mediador e interlocutor com o espaço público. Para a mulher, foi destinado o papel de dona de casa, de quem se esperaria que cumprisse adequadamente sua função de esposa, mãe e responsável pelo trabalho doméstico. Seus vínculos deveriam estabelecer-se de forma preponderante no espaço privado e as mediações externas prioritariamente (se não exclusivamente) a partir de laços informais, com parentes e amigos da família. O espaço público em princípio era um espaço masculino e as mulheres que se aventuravam, seja por necessidade ou por opção nesse espaço, tiveram que enfrentar as resistências morais que a elas se impunham.

Araújo (2005) concorda com essa dicotomia dos papéis e afirma que eles estão relacionados de forma complexa, sendo pautados em valores e normas.

Caberia ao homem o exercício das atividades de natureza instrumental de provisão e de intermediação com o espaço público. Essas atividades se expressam pela vinculação masculina com o emprego remunerado e com a provisão da família. Já a mulher cômputo caberia o desempenho das atividades expressivas e afetivas, que estão voltadas para o espaço privado da família. Essas atividades se relacionam com os cuidados com os filhos, e com o marido, bem como com o trabalho doméstico. (ARAÚJO, 2005, P.125)

Esses papéis direcionados para o homem e também para a mulher têm fundamento nas próprias relações familiares que, por conseguinte, tem uma base moral. Para Sarti (1995), os valores associados ao trabalho remunerado, trabalho doméstico, maternidade e cuidados com os filhos fazem parte de um vasto conjunto de significados historicamente produzidos que se constituem na sociedade. O próprio sentido que a mulher carrega referente ao “cuidado com a casa, filhos, trabalho”, são mobilizadas nas situações do seu dia-a-dia que envolvem a sua vida. Desse modo, os significados desses papéis atuam no próprio processo de construção de sentidos por inserirem em uma rede de significações das pessoas. (ALMEIDA, 2007)

Ainda sobre essa demarcação de papéis, vista pela sociedade como natural, BOURDIEU (1998, p. 160), argumenta que:

Não há espaço numa sociedade hierarquizada que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na ideia de ‘fronteira natural’). É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (na igreja, na escola, nos lugares públicos e até em casa).

Bourdieu (1998) nos mostra que a dominação masculina da forma que é imposta e vivenciada, é um exemplo de uma submissão paradoxal, ou seja, o fato de o dominado consentir na dominação e aceitação dessa, o que em termos de dominação masculina se traduz numa submissão paradoxal resultante da violência simbólica⁹. Isso quer dizer, as diferenças entre os sexos são tidas como consideradas “normais”, tanto no pensamento, quanto na ação dos indivíduos inevitavelmente legitimando essa divisão social.

A ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetua-se apesar de tudo tão facilmente, que condições de existência das mais intoleráveis, podem permanentemente ser vistas como aceitáveis, ou até mesmo como naturais. (BOURDIEU, 1998, pg.7)

Essa dominação masculina, para Bourdieu, perpassa pelo que ele chama de violência simbólica, que seria uma forma de violência invisível ao reconhecimento da sua própria vítima. Para ele, essa violência simbólica se dá pelas vias simbólicas da comunicação e do

⁹O processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados.

conhecimento, e mais do que isso, ele mostra que essa dominação é tanto reconhecida pelo dominante quanto pelo dominado, no entanto, ela é naturalizada. Os efeitos duradouros e eficazes das manifestações de poder entre a dominação masculina e a submissão feminina apresentam uma lógica paradoxal na medida em que, ao mesmo tempo em que se trata de uma relação imposta extorquida, trata-se também de uma relação consentida, espontânea. Essa dualidade é fruto de um poder que se consolida não pelo uso da força ou violência física; antes, ao contrário, o seu poder de dominação se consolida pela força simbólica de um trabalho lento, prolongado, silencioso e, quase sempre, invisível que tem início precocemente (antes mesmo do nascimento) na vida dos sujeitos masculinos e femininos e se perpetua por toda a existência de forma individual e coletiva.

Com isso, Boudieu expõe:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse. (BOURDIEU, 1998, pg.31)

Dizemos então que o papel que o homem e a mulher, cumprem na sociedade, está diretamente relacionado com a divisão sexual do trabalho, no qual as situações dos homens e das mulheres não são produto de um destino biológico, mas são, antes de tudo, construções sociais. (NOGUEIRA, 2006, p. 16) Isso quer dizer, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social. Nogueira (2003) acrescenta dizendo que:

A desigualdade na divisão sexual do trabalho nas esferas produtivas e reprodutivas, portanto, é central para as relações de poder, principalmente o poder exercido pelos homens sobre as mulheres, presente na estrutura da família patriarcal. (NOGUEIRA, 2003, p.29)

Na mesma direção Hirata e Kergoat (2008) mostram que essa divisão sexual do trabalho é resultante das relações sociais, que destinam aos homens o serviço produtivo e às mulheres o reprodutivo. A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc) (HIRATA e KERGOAT, 2008 p. 266).

1.2 A construção da condição feminina – do espaço privado ao espaço público

No século XIX, com a consolidação do sistema capitalista, inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Aos poucos a mulher transpôs o espaço essencialmente privado e passou a ocupar, também, o espaço público, uma vez que foi se inserindo no mercado de trabalho. Desde que o trabalho na indústria foi se consolidando como o espaço por excelência da produção capitalista, ocorreu uma mudança gradativa na transferência da produção da mulher do espaço do lar para o da fábrica.

Com o desenvolvimento tecnológico as mulheres adentraram no mercado de trabalho, e hoje constatamos que a mulher está a cada dia mais presente nesse novo mercado.

Todavia, Nogueira (2006), nos mostra que mesmo após o período referente à Revolução Industrial, o qual permitiu de certa forma, uma acentuada inserção da mulher no mercado de trabalho, as tarefas domésticas continuavam reservadas exclusivamente à mulher. Perrot (2001) afirma que a inserção da mulher no mercado de trabalho não significou igualdade de direitos, a sociedade burguesa excluiu tanto os proletários quanto as mulheres. Na declaração dos direitos dos homens se proclamava a igualdade entre todos os indivíduos, mas na prática, não era assim que as coisas aconteciam. Apenas os homens com posses é que realmente eram considerados merecedores desses direitos e, para

isso, eles se apoiaram em um discurso naturalista que estereotipava a mulher.

É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres o coração, a sensibilidade, o sentimento. (PERROT, 2001, p. 177)

Nogueira (2006) aponta que historicamente as mulheres sempre estiveram em situação de desigualdade. As relações sociais capitalistas legitimaram uma relação de subordinação das mulheres em relação aos homens, imprimindo uma conotação considerada “natural” à mulher, dada pela subordinação. Dentro desse modelo de família patriarcal a mulher, então, sempre ficou reservada e responsabilizada pelo trabalho doméstico, e para os homens foi atribuída a responsabilidade de “colocar o dinheiro em casa”.

Cabe assinalar aqui, no entanto que, desde antes do advento do capitalismo industrial, havia mulheres em todo o mundo, principalmente das classes menos abastadas, que ganhavam seu sustento exercendo atividades como costureiras, fiandeiras, cervejeiras, amas, criadas, entre outras ocupações, em trabalhos realizados tanto dentro, quanto fora de casa (Scott, 1991). Todavia Knebel (2009) nos fala que somente famílias em estado de penúria empregavam todos os seus membros. Para o homem não poder sustentar sua família era vexatório, para mulher adentrar no mercado, somente em última instância. Além disso, como o espaço público deveria ser ocupado pelos homens, as mulheres que se atreviam a nele adentrar eram mal vistas, sofrendo vários tipos de preconceitos.

Porém, no século XX, a mulher foi atrás dos seus direitos e em busca de sua emancipação, questionando as diversas formas de opressão. Mas foi um processo difícil que se desenhou com idas e vindas ao longo desse século por meio dos movimentos de mulheres. As reivindicações eram prioritariamente para obter uma independência econômica e também pelo reconhecimento do seu estatuto cívico. Como lembra Muraro (2001), foi a partir do século XX que se passou a usar a

categoria gênero¹⁰ enquanto categoria sócio-cultural, pois nos anos sessenta ainda não havia nenhum instrumento metodológico que explicasse a ascensão das mulheres enquanto sujeitos sociais, históricos e econômicos. O movimento feminista que eclodiu nesse século na América do Norte e Europa e teve repercussões na América Latina, encarregou-se de sepultar aparentemente de forma definitiva, a visão que via a emancipação feminina como contaminadora da sua consciência, perigosa para a pureza de seu corpo e da sua alma. Almeida (2000) nos mostra que os vários movimentos feministas mostraram que nessas lutas, além do direito político ao voto, as mulheres reivindicaram educação, instrução, igualdade e cidadania, o que lhes possibilitariam o trânsito da esfera doméstica para o espaço público.

Precisamos lembrar, no entanto, que esse grupo de feministas que reivindicavam por seus direitos eram geralmente mulheres brancas, oriundas de famílias bem sucedidas que tinham acesso à cultura letrada, o que não retira valor, já que suas lutas tinham o intuito de romper com a dominação masculina existente na sociedade e em todos os espaços. Segundo Almeida (2000, p.7), as mulheres engajadas no movimento, normalmente letradas e bem nascidas, viam a possível saída para romper com os mecanismos de dominação e opressão do seu sexo através da educação e a instrução. Por meio da educação, acreditavam que alcançariam a liberdade, os direitos sociais e políticos, além da profissionalização e até o poder econômico. Isso proporcionaria uma relativa autonomia, dentro dos limites que a vida social urbanizada impunha ao sexo feminino.

O século XX, como já foi comentado anteriormente, se mostrou como um marco importantíssimo para as transformações da mulher na sociedade; a mulher conseguiu adentrar nos espaços escolares e conseguiu através da educação e do trabalho alcançar novos horizontes. Antunes (2005) mostra que, com a nova configuração do mercado de trabalho e a própria necessidade desse sistema ao longo dos anos, a mulher foi tendo mais espaço. Como constata o mesmo autor, compreender a classe trabalhadora feminina, significa perceber o significativo processo de feminização do trabalho que, segundo ele, atinge entre 40% e 50% da força de trabalho que foram conquistados

¹⁰ Gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado (GROSSI, 1998, p.5).

durante todo esse tempo, e que tem sido absorvido pelo capital. Isso quer dizer que, ao longo dos anos, a feminização do mercado de trabalho, foi se tornando mais comum, decorrente de muitas lutas para romper com uma cultura em que a mulher servia apenas para cuidar dos filhos e da casa.

Bruschini (1999) explica que as mutações nos padrões de comportamento e nos valores referentes ao papel social da mulher decorreram sobretudo das ideias lançadas pelo feminismo e da presença marcante da mulher nos espaços públicos, tudo isso possibilitou a oferta da mão de obra feminina.

1.3 A expansão da participação feminina no mercado de trabalho

As mulheres, tanto das camadas médias quanto das camadas populares conseguiram aumentar sua participação no mercado de trabalho e há alguns anos, vêm movimentando a economia do país. No entanto, a sociedade teve de encarar essa mudança de crenças que colocava a força masculina como a mais importante no mercado de trabalho. Podemos citar como relevante para exemplificar o processo de superação dessas barreiras, o fato de, no Brasil, termos uma presidente do sexo feminino. Isso pode ilustrar que a sociedade começa a enxergar a inserção feminina no espaço público de uma nova forma, valorizando a profissional por sua formação e capacidade, e não por ser do sexo feminino ou masculino. Embora esse e outros exemplos que possamos citar exponham essa mudança de percepção, sabemos que ainda estamos bastante distantes de uma razão mais igualitária (por exemplo, sobre salários, proporção de mulheres em cargos de gestão, etc.), no entanto, são sinais bastante contundentes dessa gradativa mudança, que parece fortalecer a aceitação de que as mulheres possam cada vez mais estar sendo legitimadas no comando de diversas áreas do mundo do trabalho

Por outro lado, desconstruindo as posições arbitrariamente deterministas que ainda insistem na dominação masculina sobre a feminina como a única ou principal forma de encarar as relações de gênero, Touraine (2007) nos aponta que, atualmente (neste início do século XXI), é preciso repensar e analisar esses discursos. “Isso era verdade ontem, hoje ainda o é, mas em parte e em menor proporção” (TOURAINÉ, 2007, p. 81). A questão não é descartar a possibilidade da dominação masculina, antes é pensar que os tempos são outros. Não dá mais para reduzir a vida e as escolhas das mulheres aos efeitos da

dominação masculina como se a essas coubesse apenas um papel passivo de submissão, mesmo que inconsciente.

Corroborando essa linha de pensamento, Louro (1992 e 2007b) argumenta que é preciso que se desconstrua a lógica que percebe a relação masculino-feminino somente como uma relação de oposição entre um polo dominante e um polo dominado. Segundo esta autora, os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, etnias, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de 'homem dominante versus mulher dominada'. (LOURO, 2007b, p.33).

Em detrimento desse espaço que a mulher conquistou no mercado de trabalho ao longo dos anos, Bruschini (1998) acrescenta dizendo que, ao analisar o comportamento da força de trabalho feminino no Brasil, a mesma percebeu um crescimento muito significativo. Para a autora, esse crescimento denota que as mulheres desempenham um papel muito importante se comparado com os homens no crescimento da população economicamente ativa e essa importância pode ser ilustrada pelo próprio reconhecimento de IBGE o qual nos mostra que, no ano de 1992, passou a considerar outras formas de trabalho¹¹. Ou seja, foi ampliado o conceito de trabalho para o qual começou a se considerar atividades de auto-consumo, a produção familiar, entre outras, ampliando o sentido que se tem do trabalho.

Em relação a essa intensidade da participação feminina no mercado de trabalho, Nogueira (2006) aponta que a taxa de participação feminina nos empregos formais do período de 1992 a 2002 foi contínua, ou seja, a mulher nesse período teve uma maior participação no mercado laboral. Para Nogueira, esse período de feminização no mundo do trabalho se efetivou em muitos segmentos, principalmente no setor de prestação de serviços¹², o qual nessa época teve uma acentuada inserção de mulheres. De acordo com a tabela 1, em 1992 eram 43,4% de mulheres no mercado de trabalho e em 2002 esses percentuais atingiram

¹¹ Bruschini (1998): O novo conceito de trabalho inclui: ocupações remuneradas em dinheiro, mercadorias ou benefícios, ocupações remuneradas, ocupações sem remuneração na produção de bens e serviços, ocupações desenvolvidas pelos menos uma hora por semana na produção de bens.

¹²Regulamenta dispositivos da Lei no 5.859, de 11 de dezembro de 1972, que dispõe sobre a profissão de empregado doméstico, para facultar o acesso do empregado doméstico ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS e ao Programa do Seguro-Desemprego .

44,5%. Isso quer dizer que, entre 1992 a 2002 houve de fato esse crescimento.

Tabela 1 – Participação por sexo no mercado de trabalho

Percentual de pessoas ocupadas na semana de referência, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo o sexo - 1992/2002 – Brasil									
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002
Total	57,5	57,3	57,6	55,1	55,4	54,8	55,1	54,8	55,7
Homens	72,4	71,9	71,3	69,0	69,2	68,3	67,9	67,4	67,8
Mulheres	43,4	43,5	44,6	41,9	42,5	42,0	43,0	43,1	44,5

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
Nota: Excluídas as pessoas da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Fonte: NOGUEIRA, 2006, p.35

Probst (2003), na mesma direção, ressalta que não existe um único lugar de trabalho que seja majoritariamente masculino, as mulheres hoje alcançaram muitos espaços de trabalho e ocupam cargos que antes não se ouvia falar, como pilotas de avião, cargos de presidência, topo de grandes empresas, enfim, as mulheres foram conquistando grandes espaços. A mão de obra feminina ganhou mais força no mercado e pouco a pouco as mulheres ganham fatias de espaços no mundo todo. Passaram a conquistar espaços significativos no mercado de trabalho, deixando barreiras para trás e abrindo mão de seu papel exclusivo de esposas, mães e donas de casa.

Segundo Bruschini, a partir dos anos 80, ocorreram alguns fatos inovadores. As mulheres começaram a conquistar melhores empregos, ocupações e acesso a profissões (BRUSCHINI E PUPPIN, 1994, p.2). A respeito disso, trouxemos duas reportagens que tratam de mulheres em áreas consideradas predominantemente masculinas. A reportagem trata de mostrar que esses espaços estão se alargando para o sexo feminino, a figura 1 trata de mulheres nos ramos da construção civil e a figura 2 sobre pilotas de avião, profissões que até pouco tempo não se encontrava o protagonismo feminino.

Figura 1: Mulheres no ramo da construção civil



Fonte: A crítica, UOL, 2013. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/noticias/Manaus-amazonas-amazonia-Mulheres-capacitas-atuarem-construcao-civil-trabalhos-economia_0_906509343.html acessado em: 30/08/2014.

Figura 2: Mulheres no ramo da aviação - Pilotas



Fonte: Tripulantes News, 2012. Disponível em: <http://www.tripulantesnews.com.br/2012/05/cresce-numero-de-mulheres-pilotando.html>. Acessado em: 30/08/2014.

Essa expansão da participação feminina no cenário econômico, não se explica apenas pelo fato das mulheres representarem uma renda complementar da família. Está além disso. Aconteceram grandes mudanças sociais que envolveram transformações nas expectativas de vida pessoal, nas relações familiares, na autorrealização profissional entre outras coisas. Segundo Bruschini (1998), a participação das mulheres no mercado de trabalho foi uma das mais importantes transformações ocorridas nas últimas décadas, e principalmente no caso brasileiro, decorrentes de vários movimentos. Em vários trabalhos a autora mostra mudanças demográficas (com a diminuição dos filhos) que influenciou na entrada da mulher no mercado de trabalho. Também aponta a expansão da escolaridade, que intensificou a oportunidade na entrada nesse mercado. Além disso, as mudanças culturais em relação ao papel das mulheres nas sociedades ocidentais modernas, ao valorizar o exercício do trabalho profissional que as impulsionaram para o mundo do trabalho remunerado.

No caso da participação das mulheres no mercado de trabalho, Bruschini (2007) traz um dado interessante em relação à taxa de atividades das mulheres segundo faixa etária do último filho, pois a partir desse parâmetro é possível perceber como se dá a participação dessas. Em 2005, a mais alta taxa de atividade, 73%, é a das mães de filhos com mais de sete anos, idade em que, supostamente, estariam sendo ajudadas pela escola no cuidado com os filhos. Dessa forma, essas mulheres seriam as que têm maior participação no mercado do trabalho. No outro extremo, Bruschini constata que a presença de filhos pequenos é o que mais limita a atividade produtiva feminina, na medida em que o cuidado com esses é uma das atividades que mais consome o tempo de trabalho doméstico das mesmas. A autora nos mostra que as mães que dedicam tempo a estas atividades gastam 32 horas do seu tempo semanal. Os filhos pequenos são aqueles que consomem o maior número de horas de dedicação à esfera reprodutiva. Sobrecarregadas na esfera reprodutiva, as mães de filhos pequenos apresentam taxas mais baixas de atividade produtiva, como mostram as cifras da tabela 2, que será apresentada a seguir. Porém, Bruschini ressalta que todas as mães, mesmo as de filhos muito pequenos, ampliaram sua presença no mercado de trabalho, no período considerado.

Tabela 2: Taxa de atividades das mulheres com filhos, segundo faixa etária do último

TABELA 4
 TAXAS DE ATIVIDADES DAS MULHERES QUE TIVERAM FILHOS,
 SEGUNDO FAIXA ETÁRIA DO ÚLTIMO FILHO VIVO*
 BRASIL

Idade do último filho vivo	1998	2002	2005
	Taxas de atividade	Taxas de atividade	Taxas de atividade
	%	%	%
até 2 anos	47,1	51,9	54,9
mais de 2 a 4 anos	57,9	64,1	67,5
mais de 4 a 5 anos	61,8	66,9	70,4
mais de 5 a 6 anos	65	68,3	72,6
mais de 6 a 7 anos	63,7	67,7	72,4
mais de 7 a 14 anos	65,2	69,1	72,7
mais de 14 anos	40,1	42,8	45,6
Total	48,3	54,0	57,1

Fonte: FIBGE/PNAD-Microdados.

*Foram consideradas as mulheres com 15 anos e mais que tiveram filhos e que têm vivo o último filho.

Fonte: BRUSCHINI, 2007, p. 546.

Cabe lembrar, porém, que o papel no qual o trabalho assume na vida das mulheres pode estar carregado de vários sentidos. Segundo Almeida (2007), nas camadas médias o trabalho feminino é um projeto individual, é uma atividade voltada para a satisfação pessoal, pois além de proporcionar um status, leva ao crescimento pessoal, portanto, fazendo parte da própria construção da sua identidade. Por outro lado, Almeida aponta que nas camadas populares, o trabalho feminino assume muito mais o sentido de um benefício para a família do que uma afirmação de individualidade, isso porque, nas relações familiares da camada popular os projetos são sempre pensados em prol da família. No entanto, vão ter autores como Bruschini (1994) que vão apontar que o próprio movimento da inserção da mulher no mercado de trabalho e o sentido que tem o próprio trabalho para as mulheres, está intrinsecamente relacionada com uma complexa combinação de características pessoais, como a idade e a escolaridade, de outras relacionadas à família, como o estado civil e a presença de filhos, como

ainda de características da própria família, como o ciclo de vida e a estrutura familiar.

Todavia, mesmo com essas conquistas, alguns empecilhos se colocam na presença das mulheres no mercado de trabalho. No próximo tópico, vamos discorrer sobre a contradição existente da entrada dessas no mercado de trabalho, pois ao mesmo tempo em que foi uma conquista, representou uma inserção no mercado como mão de obra mais barata, decorrente sobretudo desse histórico das mulheres na sociedade, como responsáveis pelo lar e cuidados com a família. Bruschini (1997) reitera isso apontando que, apesar da conquista de novos espaços, as mulheres ainda são discriminadas no mercado de trabalho. A autora aponta que as mulheres em relação aos homens encontram um leque de oportunidades mais limitado, barreiras para ocupar cargos de chefia e continuam ganhando menos do que seus colegas.

1.4 A condição feminina no mundo do trabalho contemporâneo e os desafios

Se a participação masculina no mundo do trabalho aumentou muito pouco, para as mulheres houve um crescimento contínuo. Mas, cabe lembrar que esse crescimento ocorre mais no espaço dos sub-empregos, onde a precarização encontra-se mais acentuada. (NOGUEIRA, 2011, P.187)

Conforme constatamos, as mulheres foram ganhando seu espaço no mercado de trabalho, decorrentes de muitas lutas que as impulsionaram a ocupar diferentes setores. Todavia, Hirata (2001) nos mostra que os efeitos da globalização têm suas implicações complexas e também contraditórias, isso quer dizer que, no campo do emprego afetou de forma desigual homens e mulheres. Ao longo dos anos, as mulheres tiveram um aumento no emprego em nível mundial, tanto nas áreas formais quanto nas informais, no setor de serviços. Mas Hirata vai nos dizer que esse emprego se traduz principalmente em empregos precários.

Os efeitos da globalização, complexos e contraditórios, afetaram desigualmente o emprego masculino e feminino nos anos noventa. Se o emprego masculino regrediu ou se estagnou, a liberalização do comércio e a intensificação da concorrência internacional tiveram por consequência um aumento do emprego e do trabalho remunerado das mulheres ao nível mundial, com a exceção da África. Notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, assim como no setor de serviços. Contudo, essa participação se traduz principalmente em empregos precários e vulneráveis, como tem sido o caso na Ásia, Europa e América Latina. As pesquisas realizadas por economistas feministas indicam claramente essa tendência. Trata-se de um dos paradoxos da globalização, este aumento do emprego remunerado acompanhado pela sua precarização e vulnerabilidade crescentes. (HIRATA, 2001, p. 144)

Esse emprego precário se deve sobretudo ao novo modelo produtivo. Segundo Sorj (2000), o cenário produtivo atual com o qual nos defrontamos está muito diferente, as empresas são hoje capazes de operar em escala mundial, isso faz com que essas possam se movimentar de um país para o outro, como de uma região para outra. Tal fato beneficiou diretamente as empresas, pois elas conseguiram tomar proveito dessa situação, um bom exemplo, foi na diminuição dos salários. Além disso, houve outras mudanças, por exemplo, nas formas de emprego - como o trabalho temporário - formas que contribuiriam ainda mais para essa precarização. Por outro lado, significa que esse cenário do mercado de trabalho – o emprego precarizado e flexibilizado – impõe um novo padrão de implicação no trabalho por parte do trabalhador.

Antunes (2006) nos mostra que o mundo do trabalho na sociedade capitalista tem suas múltiplas processualidades, de um lado uma desproletarização do trabalho industrial, mas, paralelamente a isso, existe uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços, o que significa uma heterogeneidade do trabalho, o qual se expressa também

por meio da crescente incorporação do contingente feminino no mundo do trabalho. Segundo o mesmo autor, esse modelo vai trazer para a sociedade uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado, no qual as pessoas mais afetadas são as mulheres, já que vão ocupar em grande medida esse tipo de trabalho.

A partir dessa complexa e contraditória realidade da sociedade capitalista, Sorj (2000) se ateu principalmente às mudanças relativas à forte expansão do setor de serviços. Para ela, esse setor ganhou grande força nos últimos anos, como a demanda por transporte, saúde, educação, serviços financeiros, dentre outros. E o que mais a instigou a pensar esse setor foi justamente compreender os aspectos interativos das ocupações de serviço e as novas formas de controle em relação ao trabalhador. Sendo assim, a autora percebeu que esse novo modelo de emprego cria estratégias de interação e que a grande consequência dessa produz significados que operam como importantes sinalizadores do valor do próprio produto e do valor do trabalhador. (SORJ, 2000, p. 30) E como consequência disso, Sorj constata uma forte estratificação do mercado de trabalho, ou seja, os empregos mais inferiores, como os empregos temporários, de tempo parcial, acabam ficando para as mulheres jovens com pouca escolaridade.

Nogueira (2011) vai argumentar em perspectiva semelhante, que o mundo produtivo urbano contemporâneo tem um movimento contraditório, pois ao mesmo tempo em que existe uma emancipação da mulher no mercado de trabalho, também encontramos uma maior precarização e exploração do mesmo. Segundo ela, um dos setores que mais absorve a força de trabalho feminina é o de serviços. Frequentemente esta força de trabalho tem como característica as atribuições mais precárias, sendo responsáveis, em boa parte dos casos, pelas tarefas mais monótonas, repetitivas e estressantes, do trabalho, entre outros.

Contudo, isso só é possível porque as mulheres encontram-se diretamente articuladas às relações de poder, presentes na histórica afirmação de que o trabalho feminino tem menos valor que o masculino, em virtude prioritariamente de suas especificidades “naturais” de mãe e esposa (Nogueira, 2006: 191).

Abramo (2007) então nos mostra que o que caracteriza o mercado de trabalho hoje é a heterogeneidade de situações e novos e complexos processos de segmentação da estrutura produtiva e da força de trabalho, em que, segundo ela, a dimensão de gênero e raça tem um

papel central (ABRAMO, 2007, p. 47). Para a autora, a relação que se faz entre mão de obra feminina e a categoria “força de trabalho secundária”, se constrói a partir de vários pressupostos estereotipados sobre as mulheres, um deles seria o de que “as mulheres não estão interessadas e nem dispostas a investir na sua formação profissional”, é como se o trabalho cumprisse um papel secundário nas suas vidas. Além desse tipo de proposição é fundamental, segundo o ponto de vista da própria Abramo (2007), pensar a relação entre trabalho doméstico e trabalho remunerado como uma relação complexa e contraditória, referida à reprodução das relações sociais capitalistas de produção é também a reprodução da divisão sócio-sexual do trabalho.

“Aqui, a relação capital/trabalho como uma relação histórica concreta pode ser vista de forma a incorporar uma hierarquia de gêneros, expressa em categorias como - qualificação, responsabilidade, controle - que de fato não são neutros, nem o sexo, como também não são neutras as classes”. E, por sua vez, o capital não ignorou essa realidade ao longo da história e até hoje vem reforçando e se apropriando da existência de dominação e subordinação de gênero. (ABRAMO *apud* Pena, 1981: 81- 82)

Para Bruschini (1998), a constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limitaram a disponibilidades das mulheres para o trabalho. Essas limitações aparecem de diferentes maneiras como, por exemplo, no estado conjugal, na presença de filhos, na escolaridade. Fatores como esses implicaram diretamente na participação feminina no mercado de trabalho. Para a autora, uma vez que a presença das trabalhadoras se torna mais marcante no meio urbano nas regiões mais desenvolvidas e nos setores mais formalizados da economia, as dificuldades encontradas por elas para conciliar atividades domésticas e profissionais quando são mais velhas, casadas e com responsabilidades familiares, se tornam mais agudas e evidentes.

Nas pesquisas feitas por Bruschini no ano de 2007, a autora procura compreender de que modo essas limitações aparecem para mulheres no mundo produtivo e no reprodutivo, para isso ela questiona sobre os afazeres domésticos tanto para os homens quanto para as mulheres. Os dados mostram que de todos os investigados, 68% responderam afirmativamente à pergunta sobre os cuidados com os afazeres domésticos. No entanto, ao desagregar as informações por

sexo, ficaram evidentes as desigualdades de gênero, pois, enquanto quase 90% das mulheres responderam “sim” à pergunta, pouco menos de 45% dos homens deram respostas semelhantes. Além disso, em relação ao tempo de dedicação aos afazeres domésticos, segundo o tempo médio semanal, aponta que enquanto na população total este número foi de 21,9 horas, o das mulheres foi cerca de 27 horas e dos homens pouco mais de 10 horas (BRUSCHINI, 2007, p. 544).

Esses dados demonstram que essa força de trabalho eminentemente feminina, a do trabalho doméstico, é invisível às estatísticas de produção, embora sua importância para viabilizar o próprio sistema de reprodução social se encontra na base do próprio modelo de sociedade capitalista. O que conseqüentemente Nogueira (2011) mostra em sua obra, - a manutenção da desigual divisão sexual do trabalho e as relações de opressão do homem sobre a mulher - são propícias à lógica capitalista, dentre as quais se destaca a garantia da reprodução social pela mulher e seu ingresso no espaço produtivo.

Além desses aspectos, Abramo (2007) constata que entre as mulheres no Brasil existem diferenças significativas quando é considerado o extrato social em que elas se inserem.

As desigualdades de gênero e raça são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social do Brasil que, por sua vez, está na raiz da permanência e reprodução das situações de pobreza e exclusão social. Para driblar essa situação de desigualdade significa dialogar com a própria estrutura da sociedade brasileira. (ABRAMO, 2007, p.40)

As questões de gênero e raça se manifestam nitidamente através de diferenças na remuneração. Segundo Abramo:

As mulheres recebem, em média, 79% da remuneração média dos homens (ou seja, 21% a menos), e os trabalhadores negros de ambos os sexos recebem em média a metade (50%) do que recebem o conjunto dos trabalhadores brancos de ambos os sexos. Por sua vez, as mulheres negras recebem apenas 39% do que recebem os homens brancos (ou seja, 61% a menos). (ABRAMO, 2007, p.41)

Essa situação de desigualdade social que se realimenta na forma como se estabelecem as relações de trabalho hoje, se recriam no atual marco da revolução tecnológica, da globalização e reestruturação produtiva, dando novos encadeamentos a esses processos de divisão sexual de trabalho que também se manifestaram no seio das relações de trabalho do taylorismo-fordismo¹³, nos mercados de trabalho do pós-guerra.

Em relação à entrada da mulher no mercado de trabalho, Nogueira (2011) nos fala que as metamorfoses do mundo do trabalho, dentre as quais se destaca a feminização, deveriam contribuir no avanço do difícil processo de emancipação feminina, mas ao contrário, o que vem ocorrendo com essas transformações é o agravamento significativo da precarização da mulher trabalhadora. A autora aponta que esse agravamento é consequência da maneira como o capital incorpora o trabalho feminino, cujas características, tais como a multiatividade, são decorrentes de suas atividades no espaço reprodutivo, o que as tornam mais apropriadas às novas formas de exploração pelas novas formas de exploração pelo capital produtivo.

Outra autora que avança em relação a essa discussão é Hirata (1998),

As consequências dessa evolução da atividade feminina são múltiplas, mas pode-se dizer que uma das mais importantes consiste no fato de que este modelo de trabalho precário, vulnerável e flexível pode constituir um modelo que prefigura um regime por vir de assalariamento masculino e feminino. Dito de outra maneira, as trabalhadoras podem ser vistas como cobaias para o desmantelamento das normas de emprego predominantes até então. Um cenário possível neste contexto seria a extensão ou a generalização deste modelo a toda a população ativa, inclusive a masculina. As mulheres podem ser mais facilmente “cobaias” de experimentação social porque são menos protegidos, tanto e são mais

¹³ O desenvolvimento da produção no quadro do regime de acumulação, se baseia na fabricação em massa de bens padronizados através do uso de máquinas especializadas não flexíveis e com recurso a uma massa de trabalhadores semiquualificados.

vulneráveis. Embora o cenário mais provável seja o de uma dupla segmentação, com a constituição de dois segmentos do emprego masculino e dois segmentos do emprego feminino, um estabilizado, outro precarizado, a força dissuasiva e de pressão sobre salários, condições de trabalho e de negociação dos trabalhadores de ambos os sexos parece evidente. (HIRATA, 1998, p. 145)

Para esta autora, o modelo de sociedade que ao mesmo tempo abre espaço para a feminização tem suas contradições, pois o trabalho que as mulheres encontram nesse mercado são muitas vezes empregos frequentemente instáveis, mal remunerados como uma possibilidade quase inexistente de formação, de promoção e de carreira, e com direitos sociais limitados ou até mesmo inexistentes. Hirata (1998, p. 147) nos mostra que o contexto atual o qual a mulher enfrenta está marcado por uma transformação dupla e também paradoxal, isso porque ela é caracterizada por um lado, pela estabilidade requerida pelos “novos modelos de produção” que apelam ao forte envolvimento do trabalhador e, de outro, pela insegurança no emprego devido ao desenvolvimento da flexibilidade do trabalho e ao aumento do desemprego.

Diante disso a autora nos mostra que surgem duas grandes tendências da evolução do trabalho feminino:

1. A bi-polarização do trabalho assalariado feminino, ao lado de uma maior diversificação de tarefas e funções e de um crescimento da minoria significativamente de mulheres pertencentes à categoria estatística “profissões executivas e intelectuais”.
2. O desenvolvimento do setor de serviços e o impacto de novas profissões também polarizadas em termos de relações de gênero, classe e raça/etnia.

Essas duas grandes tendências Bruschini (2007) também identifica em sua obra, isto é, que a mulher hoje está presente em vários setores de trabalho e ocupando uma diversificação de funções. Todavia esses dados retratam profissões com dois extremos. Por um lado, trabalhos altamente qualificados, com salários relativamente bons no conjunto da mão de obra feminina, exemplos como, arquitetas, médicas, professoras (como constata Hirata (1998), as mulheres ainda se

concentram em setores de saúde e educação). Por outro lado, encontramos trabalhos ditos de baixa qualificação, ou seja, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social.

Os dados do IBGE que expomos abaixo, sobre a realidade de ocupações e cargos que exercem as mulheres, expõem essa precariedade do trabalho, mostrando também esse aumento da sua presença no mercado laboral. O aumento delas neste (43,9% da população economicamente ativa/ IBGE-2001) não superou os obstáculos de desigualdades, numa demonstração de que as mulheres aceitaram postos de trabalhos miseráveis para sobreviver com sua família. Conforme Melo (2005), a maior taxa de participação na ocupação das mulheres pobres (36%) e não pobres (11%) está na prestação de serviços, exprimindo a clareza do drama da precarização do trabalho feminino, pois esta ocupação possui ainda a pior remuneração das atividades econômicas e com maior precarização do trabalho. Como retrata a tabela 3, extraída da pesquisa de Brusquini (2007), sobre a distribuição dos ocupados por sexo e setor de atividades no Brasil no ano de 2005, percebemos que elas se situam nos trabalhos mais vulneráveis - Serviço doméstico (17%), Educação (16%) e Comércio (16%) – coincidindo com as ideias de Hirata (1998).

Tabela 3: Distribuição dos ocupados por sexo e setor de atividade no Brasil

TABELA 14
DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SEXO E SETOR DE ATIVIDADE BRASIL
BRASIL, 2005

Grupamentos de atividade	2005	
	HOMENS	MULHERES
Agrícola	23,68	16,02
Outras atividades industriais	1,17	0,23
Indústria de transformação	15,22	12,67
Construção	10,88	0,40
Comércio e reparação	18,94	16,18
Alojamento e alimentação	3,14	4,36
Transporte, armazenagem e comunicação	6,82	1,43
Administração pública	5,22	4,45
Educação, saúde e serviços sociais	3,44	16,14
Serviços domésticos	0,90	16,93
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	2,71	5,26
Outras atividades	7,51	5,88
Atividades mal definidas ou não declaradas	0,36	0,04
Total %	100,00	100,00
Milhões	50.436.228	36.653.748

Fonte: FIBGE/PNADs--Microdados.

Fonte: BRUSCHINI, 2007, p. 560

Neste contingente de trabalhos precários, estão inseridas as mulheres atendentes de supermercado (exemplo de um trabalho

precarizado). O crescimento ostensivo desse tipo de ocupação e o perfil das ocupantes revelam um quadro em que grande parte dos trabalhadores de supermercados são mulheres, tornando esse ambiente um círculo vicioso de pobreza, na medida em que os baixos níveis de educação formal e as baixas rendas são condicionantes. As metrópoles brasileiras estão abarrotadas dessas mulheres pobres, com baixo grau de escolaridade, trabalhando sob condições precárias e instáveis. São mulheres “invisíveis” na multidão, sendo muitas delas provedoras do sustento familiar. Estão apenas dentro das estatísticas do setor de serviços, mas não se sabe quem são, de onde vêm, como vivem, o que fazem, seu estado civil, etc. Somadas a outros milhões de brasileiros e brasileiras, representam também a face perversa do capitalismo contemporâneo: a pobreza, como resultado de um processo social e econômico de exclusão social, cultural e político.

Isso significa dizer que, a situação que hoje grande parte dessas trabalhadoras enfrenta, está marcada pela origem de classe e de gênero. Assim, a intenção de mudança decorrente do próprio histórico de lutas, com o intuito de crescimento pessoal, esbarra nas barreiras ideológicas e estruturais que se perpetuam. O histórico da mulher como responsável pelo trabalho doméstico, pelo cuidado com os filhos e com a família se mistura com esse mercado de trabalho que de certa forma desqualifica essa abertura para feminização do trabalho.

Hirata (1998) alerta dizendo que, pesquisas feitas na Europa e nos países da América Latina tem demonstrado que a introdução de novas tecnologias pode redundar em abertura de novas oportunidades para o trabalho feminino, criando novas chances de empregos qualificados. Mas no que diz respeito a trabalhadoras não qualificadas, vamos encontrar uma situação de marginalização, com um risco real no plano do emprego, ou seja, o encontro direto com o desemprego, trabalho precário, instabilidade. Por outro lado, como aponta Jacques (2012), nos deparamos com os direitos trabalhistas que passam a estar sujeitos às variações dos objetivos econômicos e, é nesse contexto - de precarização das condições de trabalho - que a OIT inicia, na década de 90, o processo de identificação dos direitos¹⁴ fundamentais do trabalho.

¹⁴ O documento reafirma os valores da justiça social, a equidade como parâmetro para o desenvolvimento das políticas sociais, a erradicação da pobreza e o estímulo ao progresso social, o desenvolvimento econômico e social, a realização de políticas focadas na geração de empregos, a garantia dos princípios e direitos fundamentais do trabalho e a aplicação destes em âmbito universal.

Tratar-se-ia dessa polarização entre o próprio grupo de mulheres, no qual o primeiro grupo conta com qualificação profissional, nível de vida e trabalhos muito melhores que o segundo. Esse segundo grupo, segundo Hirata (1998), tendo que confrontar com os desafios da desqualificação e maior grau de vulnerabilidade. No entanto, ambos os grupos, embora os recursos diferenciados tenham que enfrentar com uma dupla transformação do trabalho, tanto quanto ao conteúdo da atividade quanto à forma de emprego. Segundo Hirata (1998), as mulheres (assim como os homens) se encontram em um processo paradoxal, pois ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho exige autonomia, iniciativa, responsabilidade e comunicação, por outro lado, encontramos um processo de “instabilização”, de precarização dos laços empregatícios, com o aumento do desemprego prolongado, das formas de emprego precário, da flexibilidade no uso da mão de obra. (HIRATA, 1998, p. 8)

As mulheres nesse contexto têm que lidar ao mesmo tempo com habilidades para ser reconhecida no trabalho, mas paralelamente vivem uma instabilidade e precarização que permeia todo o seu desenvolvimento. Do ponto de vista de Sorj (2000), torna-se cada vez mais evidente, nos tempos atuais, empregos temporários, instáveis, isso quer dizer que, o emprego como uma carreira fortemente estruturada não é mais uma opção que esteja amplamente disponível. O emprego que tanto a mulher quanto o homem vão encontrar, são flexíveis no tempo, no espaço e na duração, dando origem a um universo totalmente diferente de sentido, sem segurança.

Um olhar crítico para a história e o comportamento da força de trabalho feminino aponta para uma história de lutas e conquistas que ainda estão em processo, são ganhos e perdas que se misturam a papéis tradicionais e modelos requisitados pelo mercado de trabalho que se mostram contraditórios e quase impossíveis de serem exercidos concomitantemente de forma satisfatória.

Diante disso, entramos no capítulo 2, o qual iremos abordar a relação que as mulheres estabelecem com a educação. Nesse capítulo, trataremos da educação como um meio para atingir mais liberdade de opções de vida. A partir da educação a mulher reconhece o caminho para alcançar novas conquistas, conseguir melhores empregos, salários e qualidade de vida. Para isso apontaremos como se deram essas conquistas, que lutas travaram para acessar a educação e, por fim, abordaremos sobre a situação da mulher hoje em relação à educação e consequentemente sua relação com o mercado de trabalho.

CAPÍTULO 2

MULHER E A EDUCAÇÃO

2.1 A Educação como meio de liberdade - A luta das feministas

*E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.
Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos da vida.
(CAROLINA, 1987, p. 84. Grifos meus).*

Segundo Louro (1997, p.17), tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas. A segregação social e política que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência. Para Almeida (2007), embora as lutas tenham ocorrido de formas diversificadas e tivessem uma extrema conotação política, variando em intensidade nos diferentes locais, as reivindicações por educação foram vistas da mesma maneira: as mulheres viam no acesso ao letramento e ao conhecimento, o caminho mais direto para a liberação feminina das limitações a que estavam sujeitas, considerando que a educação e a instrução promoveriam avanços significativos na existência feminina.

Duarte (2003) nos mostra que no início do século XIX a bandeira do movimento feminista foi levantada em prol do direito de aprender a ler e escrever, privilégio até então do sexo masculino.

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou

o ensino individualizado, todos se preocupando apenas com as prendas domésticas.

E foram aquelas primeiras e (poucas), que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que a mulher não necessitava saber ler nem escrever. (DUARTE, 2003, p. 153)

Desse modo, o movimento feminista, que eclodiu no final do século XIX e início do século XX nos países da América do Norte, Europa e que mais tarde se expandiu para a América Latina, teve como intuito romper com o ideário de visão que apontava que a educação feminina seria algo ameaçador e perigoso para sua vida. Esse movimento, liderado por mulheres da elite intelectual e econômica, detentoras de poderes no espaço privado e que também lhe dava abertura no espaço público, revelava uma inteligência e sensatez buscando aliados políticos, inclusive do sexo masculino, para combater toda forma de opressão.

As mulheres engajadas no movimento normalmente eram letradas e bem nascidas. Para essas, a educação seria o caminho mais rápido a romper com os mecanismos de dominação e opressão do seu sexo. Por meio da educação, alcançariam a liberdade, os direitos sociais e políticos, a profissionalização e até o poder econômico que proporcionaria uma relativa autonomia, dentro dos limites que a vida social urbanizada impunha ao sexo feminino (ALMEIDA, 2007, p7).

Batista (2012) também nos direciona para esse mesmo pensamento, de que os movimentos em prol dos direitos femininos como o acesso à educação são originados de mulheres de classes sociais elevadas, que tinham maior acesso aos bens culturais, inclusive os de aquisição da leitura e escrita.

Todavia, esse primeiro momento de conquista por educação ainda estava marcado por grandes problemas, isto porque, do ponto de vista de Almeida (2007), à medida que a educação das mulheres possibilitou conservar tanto nos lares como nas escolas e na sociedade a hegemonia masculina, esta foi uma tentativa arriscada, pois os detentores do poder econômico e político, que nesse caso eram os homens, apropriaram-se do controle educacional e passaram a ditar as regras e a normatizar a educação feminina segundo seu modo de agir e

pensar. Sendo assim, o homem controlava o poder e, por isso, ditava a regra da educação feminina.

Batista (2012) acrescenta dizendo,

As próprias mulheres escritoras possuíam um ideal de como atuar socialmente, pois suas produções não eram neutras e exerciam opiniões sobre sua condição social que estavam relacionadas com uma conformidade social de dominação masculina, ou não. Em obras direcionadas ao público feminino que circularam no Brasil, podemos observar escritos indicando como a mulher deveria atuar. Manuais de conduta, tanto de autoria de homens quanto de mulheres, faziam parte do repertório de obras que circulavam entre o público feminino, e tinham como características exortações morais e idealizações religiosas. (BATISTA, 2012, P. 22)

Segundo Batista (2012), nos finais do século XIX e início do século XX, havia uma ampliação do acesso dos indivíduos do sexo feminino à educação, mas o objetivo real dessa educação para a mulher era muito distinto do objetivo de uma educação direcionada aos homens. Do ponto de vista da autora, nos próprios manuais femininos era possível de identificar instruções de como se tornar uma boa esposa e mãe, enquanto que os homens usufruíam de uma maior autonomia educacional, longe de preocupações com cuidados do lar e preocupação moral em agrandar a família, exceto o dever moral de sustentá-la.

Além disso, Batista (2012) aponta que a educação escolar que se fazia entre meninos e meninas era muito diferente. Para os meninos era uma educação mais formal, enquanto as meninas recebiam uma educação em que a evidência era o saber cuidar do lar, o que englobava aulas de corte e costura, e também aulas para aprender a ser socialmente apresentáveis. Ou seja, o objetivo de um processo educativo para as meninas ricas era, no final, transformá-las em boas moças de família. Desse modo, a autora nos mostra que a finalidade da educação reservada às mulheres era a formação de senhoras que soubessem se portar em determinadas ocasiões sociais e também de preparação para sua maior missão, considerado socialmente o ápice da vida de uma mulher: o casamento.

No Brasil não foi diferente, Rodrigues (2013) nos mostra que no século XIX, surgiram pioneiras, como Nísia Floresta, discípula de Comte, e as precursoras do feminismo no Brasil. Elas fundaram o Colégio Augusto, propondo a ampliação do currículo do ensino feminino nos moldes clássicos e humanísticos, e apesar de tanto esforço não conseguiram ir adiante. Segundo ele, este entusiasmo não passava de uma “percepção romântica” dos problemas e soluções da sociedade brasileira e de suas soluções, pois as mulheres de fato ainda não tinham total abertura na sociedade.

Já em meados do século XX, diante do contexto de construção de um novo estado republicano, a sociedade brasileira se encontrava em uma ambiguidade entre o espaço público e o privado, a ideia de civilização e educação, que se expandia por todo mundo sob a forma de progresso técnico e científico tomava conta de todos os espaços. Nessa época a instrução pública apresentava-se como elemento essencial para a expansão da classe e para a “formação do povo”, funcionando como um laboratório de atuação política, capaz de imprimir à nação os rumos ditados pela civilização. (RODRIGUES, 2013, p. 12)

E no caso da mulher, Almeida (2007) acrescenta,

A educação das mulheres que a princípio foi negada, tendo como justificativa que isso iria prejudicar sua *frágil* constituição física e emocional, acabou por revelar-se uma necessidade, notadamente. De acordo com os pressupostos dos liberais e positivistas, o novo estado que se delineava após a queda do regime monárquico exigia cidadãos aptos a fazerem a nação crescer e a desenvolver-se. Isso não seria possível sem a instrução da população em geral. (ALMEIDA, 2007, p.8)

Almeida (2007) nos mostra que, com o decorrer da história, a sociedade evidenciou que educar as mulheres apenas nas prendas domésticas não era suficiente. As moças de classe elevada conseguiriam se manter financeiramente por meio da fortuna familiar ou do marido. Mas havia aquelas de poucos recursos, solteiras que tinham que ir trabalhar. Almeida (2007), porém, ressalta que esse trabalho tinha que seguir uma regra: a profissão que a mulher exerceria, não poderia ser contra os costumes vigentes e não poderia constituir um empecilho para o exercício do que na época era considerado o trabalho feminino - o

casamento, filhos e o cuidado da casa. Com isso, abriu-se a possibilidade para as moças cursarem a escola normal e se habilitarem para o magistério primário, desse modo alcançando também o desempenho de uma profissão.

Contudo, Almeida (2007) acrescenta que essa liberdade dada a mulher para exercer uma profissão, ainda estava determinada pelo domínio dos homens, isso quer dizer, os homens controlavam de alguma maneira essa entrada no mercado de trabalho.

No Brasil dos primeiros anos do século 20, haviam sido efetivadas algumas conquistas feministas, principalmente quanto à necessidade de escolarização para as mulheres, embora houvesse ainda uma certa resistência quanto a seguir carreiras profissionais, abrindo-se a possibilidade de exercerem o magistério, uma profissão que rapidamente se feminizava. Isso concedia às jovens um pouco mais de liberdade e autonomia, embora fossem severamente controladas. (ALMEIDA, 2007, p.8)

Diante desse contexto, as feministas se adiantaram. Martins (2012) nos mostra que o receio masculino e de algumas feministas, de que a mulher educada abandonaria a sagrada missão a ela destinada como mãe e esposa, e que o excesso de instrução interferiria na saúde e na capacidade reprodutiva, apressaram as feministas em declarar que a educação da mulher só traria benefício para a sociedade. Martins (2012) aponta que na década de 50 o movimento das mulheres ganhou força. Esse tinha como intuito questionar a condição feminina em uma sociedade constituída por relações assimétricas entre os sexos, suas questões colocavam como tema de debate um maior espaço de atuação política da mulher e de lutas por seus interesses.

Entretanto, Martins (2012) nos fala que somente no final dos anos 60 é que os estudos sobre a mulher e a questão da educação, família, sexualidade entraram em voga. Nessa época as feministas, apontavam que educar-se e instruir-se, mais do que nunca, era uma forma de quebrar sujeições domésticas e sair para o espaço público, adequando-se às normas sociais e às exigências da vida pessoal. Como aponta Almeida (2007), as reivindicações feministas nesse período, apelaram pela igualdade de direitos, o acesso à cidadania e ao trabalho,

a denúncia da opressão masculina, o direito à educação e instrução, a profissionalização e a liberdade, ao direito de votar e serem votadas.

Na década de 70, Alves (1982) mostra que foi um momento em que a luta feminina alcançou todas as esferas da sociedade. Nesse período o feminismo se fortalece como um movimento de massa e com um enorme potencial de transformação social e política. Do ponto de vista de Almeida (2007), isso decorre da ampliação do mercado de trabalho e o acelerado progresso e desenvolvimento, assim como as novas descobertas da ciência, acabaram por produzir uma nova consciência feminina. Esse período foi muito importante para as mulheres, visto que elas tiveram possibilidades de exercer profissões e conquistaram o acesso às universidades, ainda que coexistissem guetos profissionais.

Além de Martins (2012) e Alves (1982), Bruschini (1994) nos atenta sobre os principais temas que as mulheres na época se propuseram a debater. De acordo com esta última autora os primeiros estudos buscavam romper com a invisibilidade, o silêncio e a desvalorização que a sociedade atribuía ao trabalho feminino. Além disso, traziam esses estudos, temas envolvendo questões econômicas, revelando desigualdades salariais, segregação ocupacional e discriminações. Bruschini também aponta que na segunda metade dos anos 80 surgia uma nova tendência de refletir sobre as relações de poder e da dominação masculina. Nessa época as principais discussões partiam da ideia de mulher e trabalho, as quais eram pautadas na direção de uma análise das relações sociais de gênero passando pela crítica e as explicações dicotômicas.

Esse momento deu abertura para as mulheres mostrarem suas reais qualidades e saírem das penumbras domésticas, constituindo parte importante do sistema produtivo. Para Almeida (2007, p.10): “O silêncio sofrido das antepassadas pareceu ter ficado para trás e vozes femininas se tornaram uma constante no panorama sociopolítico e econômico dos vários países. Isso abriu espaço para que se expandisse a educação como um meio de socialização”.

Aos poucos as mulheres foram alcançando novos espaços e as reivindicações de acesso à educação assumem um caráter estritamente relacionado com a emancipação feminina. Com essas lutas, as mulheres começaram a perceber que a educação seria um passo importante para essa emancipação, diante disso, portanto, as próprias lutas foram se modificando e logo a questão central dos discursos foi o direito ao ensino superior. Segunda Silva (1995) é somente a partir dessas lutas que foi possível perceber o aumento significativo de mulheres nas

escolas superiores. Esse período foi muito importante, pois trata da época em que as mulheres tiveram uma maior maturidade de produção feminina, possibilitando expor o que realmente acreditavam quanto ao seu papel na sociedade.

Para Alves (1982, p. 69), a experiência importante desse movimento foi de concretizar a solidariedade entre as mulheres, ou seja, as mulheres conseguiram compartilhar de um sentimento que há tempos estavam sentindo.

Vários estudos mostram a quantidade de livros e jornais que as mulheres começaram a escrever. Louro (1997) nos mostra que algumas dessas vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos. Esses primeiros passos foram de extrema importância, acima de tudo, porque elas tiveram o mérito de mostrar que as mulheres eram capazes de trazer temas e problemas em relação à sociedade e contribuir com respostas aos mesmos.

Duarte (2003) nos mostra que a imprensa feminista glorificava essa expansão da mulher na educação.

E a cada nova médica ou nova advogada, a imprensa feminista expressava seu regozijo pela importante vitória “sobre os conceitos brutais da educação atrofiante, ainda infelizmente em vigor”. Mas também a literatura, o teatro e a imprensa masculina se manifestavam, encarregando-se de ridicularizar as doutoras e insistindo que seria impossível manter um casamento, cuidar dos filhos e exercer uma profissão. A resistência a uma profissionalização das mulheres de classe alta e de classe média permanecia inalterada, pois se esperava que elas se dedicassem ao lar e a família. (DUARTE, 2003, p.58)

Como Duarte, outra autora que nos mostra o papel das militantes feministas é Louro (1997). Esta última aponta que as primeiras militantes feministas que participaram do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, penetrando seu fazer intelectual - como estudiosas, docentes, pesquisadoras, interferindo em questões políticas.

Louro (1997) acrescenta que esses estudos que as feministas iniciam vão adentrar em diferentes temas como - formas de trabalho, corpo, prazer, afetos, escolarização, oportunidades de expressão e de manifestação artística, profissional e política, modos de inserção na

economia e no campo jurídico - o que diretamente vai exigir mais do que descrições minuciosas desses assuntos. As feministas vão passar a ensaiar explicações, ou seja, buscarão produzir explicações e teorias propriamente feministas.

Percebendo o processo de busca e esforço das mulheres para adentrar nas escolas, com o intuito de valorização, e todo o seu trajeto de conquistas e também de lutas, procuraremos no próximo tópico, 2.2, estudar o contexto atual da mulher e da educação. Para isso, vamos observar por meio dos dados como está se dando a entrada da mulher no mercado de trabalho. Também procuraremos compreender os atuais desafios que o feminino ainda enfrenta, seja aquela de grupos com alto índice de escolarização ou de grupos com escolarização reduzida.

2.2 A Educação e as mulheres contemporâneas – avanços e contradições

Segundo Bruschini (1985), a discriminação contra as mulheres diminuiu consideravelmente à medida que aumentou o seu nível de escolaridade. Para a autora (1985) independentemente do seu estado civil, o grau de instrução das mulheres vai interferir diretamente na sua participação na força de trabalho. De acordo com os dados em relação às taxas masculinas e femininas de atividade por escolaridade, constatamos que quanto mais instruídas forem essas mulheres, maior sua participação na taxa de atividade. A autora nos mostra que em 2005 a mulher atingiu 82% na sua participação de 15 anos ou mais de estudo, isso quer dizer, a escolaridade elevada teve impacto diretamente sobre o trabalho feminino, pois mostrou que ao longo dos anos as mulheres foram adentrando cada vez mais no ensino superior.

Tabela 4: Distribuição da PEA segundo sexo e escolaridade
TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO DA PEA, SEGUNDO SEXO E ESCOLARIDADE
BRASIL

Anos de estudo	1995		2005	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
s/instrução e menos de 1 ano	16,3	13,2	10,1	7,6
1 a 3 anos	19,0	16,5	12,5	9,4
4 a 7 anos	34,1	31,9	28,6	24,3
8 a 10 anos	13,4	13,6	17,6	17,1
11 a 14 anos	12,2	18,1	24,6	31,7
15 anos ou mais	4,8	6,5	6,2	9,5
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Milhões	44,2	30,0	54.290.827	41.741.144

Fonte: FIBGE/PNADs-Microdados.

Fonte: BRUSCHINI, 2007, p.547

Esses dados são importantes na medida em que nos fornecem de antemão um panorama da situação das mulheres referente à sua escolarização, o que de alguma forma vai nos mostrar a sua participação no mercado de trabalho. Isso porque se a mulher tiver uma escolarização elevada, terá uma melhor oportunidade de trabalho oferecida pelo mercado, do contrário, caso seu nível de instrução for baixo, o risco de ter um trabalho precário será maior.

Segundo Ávila (2009), entre as modificações sociais de gênero que ocorreram na sociedade brasileira nas últimas décadas, a inserção das mulheres na universidade tem se mostrado uma das mais significativas. Como percebemos na história de lutas para a entrada das mulheres no mercado de trabalho e conseqüentemente sua inserção nas escolas, universidades – essas mostraram que, o que lhes foi durante muito tempo negado, hoje já se mostra diferente, a mulher sendo maioria nesse segmento de ensino.

Na mesma linha, Bruschini (2000) nos mostra que nos últimos anos vem ocorrendo também um movimento consistente de ingresso em setores ocupacionais de maior prestígio, caracterizados pela presença de profissionais de nível universitário. É o caso das ocupações técnicas, científicas, artísticas e assemelhadas. Essas ocupações sempre representaram um nicho importante de colocação da mulher no mercado de trabalho. Bruschini aponta que no Censo de 1991, 16% das ocupadas

(ou cerca de 2,8 milhões) desempenhavam funções destas categorias. Por outro lado, a autora nos mostra que esse perfil de mulheres com ensino superior se situa em terceiro lugar entre os grupos de ocupações nos quais a presença feminina é mais significativa. Por ordem de importância, a presença das mulheres nos trabalhos ditos tradicionais, sendo eles prestação de serviços e da área administrativa, que absorvem respectivamente 29,8% e 16,8% da força de trabalho feminina, ainda é a mais elevada.

Esses trabalhos ditos tradicionais decorrem, sobretudo do que Queiroz (2000) vai chamar de “ideologia da vocação”. Mesmo a mulher tendo alcançado espaço no ensino técnico e superior, a ideologia da vocação que a partir das instituições e práticas foi introjetada e interiorizada nos sujeitos femininos e masculinos, condiciona para que hajam profissões pré-determinadas a cada sexo. Sendo assim, Louro (1997) aponta que os sujeitos apreendem a ideia de qual devem ser sua posição na sociedade e colocam-se nessas posições, como se essas correspondessem à ordem natural das coisas.

Com isso, Bruschini (2000) nos mostra que na década de 80 ocorreram tanto a ratificação de tendências que apontavam para um processo de feminização de certas profissões, quanto movimentos pioneiros de avanço da participação da mulher em ocupações cuja tônica, até então, era a predominância de homens. Esses dois movimentos vão mostrar algumas peculiaridades. No primeiro, Ávila (2000) aponta que ocorre um processo de feminização de algumas áreas que vão estar ligadas com os trabalhos mais desvalorizados, as carreiras normalmente escolhidas pelas mulheres vão ser verdadeiros guetos profissionais. Ou seja, a escolha de carreiras ditas femininas, estão sempre relacionadas com as profissões mais desvalorizadas, o que provoca essa “guetização” de certas profissões.

Na tabela 5, Bruschini (2007) nos mostra as principais áreas em que as mulheres mais atuam no ensino superior e, com isso, conseguimos notar que as áreas de educação, serviço e saúde são as áreas mais ocupadas pelas mulheres, indo ao encontro com Ávila (2000). Em 2005, 81% ocupava a área de educação, na saúde eram 73% e na área de serviços, nesse mesmo ano, 67%. Percebendo desse modo que essas áreas são majoritariamente ocupadas pelo sexo feminino e que, além disso, essas áreas de atuação recebem menor remuneração.

Tabela 5: Áreas de maior atuação do sexo femininoTABELA 8
ENSINO SUPERIOR: CONCLUINTE DO SEXO FEMININO
SEGUNDO AS ÁREAS DE CONHECIMENTO NO BRASIL

Área de Conhecimento	Concluintes					
	1994			2005		
	Total	Mulheres	parcela feminina (%)	Total	Mulheres	parcela feminina (%)
Brasil	245.887	150.339	61,1	717.858	446.724	62,2
Educação	26.158	24.119	92,2	199.392	161.695	81,1
Humanidades e artes	26.323	20.630	78,4	24.810	16.108	64,9
Ciências Sociais, negócios e direito	100.979	55.298	54,8	277.572	150.958	54,4
Ciências, matemática e computação	30.175	17.657	58,5	56.436	22.061	39,1
Engenharia, produção e construção	19.491	5.081	26,1	36.918	10.892	29,5
Agricultura e veterinária	5.274	1.671	31,7	11.874	4.834	40,7
Saúde e bem-estar social	35.687	24.621	69,0	90.610	66.600	73,5
Serviços	1.435	1.110	77,4	20.246	13.576	67,1

Fonte: MEC/Inep - Censos do ensino superior: tabulações especiais.

Fonte: BRUSCHINI, 2007, P. 550

Por outro lado, Bruschini (2000) aponta algumas áreas que ganharam destaque, a maior participação da mulher pelo viés da educação. Essas profissões são: dentistas, advogadas, engenheiras, pilotas, dentre outras. Tomando como exemplo a carreira de advocacia, engenharia e a arquitetura a autora nos aponta:

A carreira de dentista, por exemplo, já apresentava, no início do período, tendência a maior feminização quando comparada com a medicina. Esse quadro acaba ficando mais evidente em 1991: neste ano nada menos do que 42% dos dentistas e um terço dos médicos eram do sexo feminino. A mesma tendência parece se consolidar para a engenharia e a arquitetura. A primeira especialidade ainda apresenta restrições ao ingresso das mulheres (em 1991 as engenheiras somavam apenas 6,6%), enquanto a arquitetura tem sido mais receptiva ao ingresso das mulheres e apresentado grande expansão: em 1980, um

pouco mais de um terço dos arquitetos eram mulheres, cifra que alcança quase a metade desse grupo em 1991. (BRUSCHINI, 2000, P.5)

O quadro a seguir nos fornece esse panorama, no caso, da medicina, por exemplo, no ano de 1993 a taxa chegou a 36% e no ano de 2004 esses dados foram para 41%. O mesmo pode-se perceber na área de advocacia, em que no ano de 1993 era 35%, já em 2004 essa taxa chegou a 45%. Assim, constatamos nas outras áreas esse crescimento constante da mulher nas profissões tradicionalmente ditas masculinizadas.

Tabela 6: Participação feminina em áreas selecionadas

TABELA 9
PARTICIPAÇÃO FEMININA EM OCUPAÇÕES SELECIONADAS
BRASIL

Ocupações	1993		2004	
	Total	% de mulheres	Total	% de mulheres
Médicos	135.089	36,3	202.733	41,3
Advogados	25.404	35,1	37.682	45,9
Procuradores e advogados públicos	6.508	40,6	6.694	43,3
Magistrados	10.818	22,5	11.337	34,4
Membros do Ministério Público	–	–	6.159	40,9
Engenheiros	142.686	11,6	139.300	14,0
Arquitetos	7.118	51,5	8.472	54,1

Fonte: MTE - Rais: 1993 e 2004.

Fonte: BRUSCHINI, 2007, p.552

Sendo assim, as mulheres por meio da educação conseguiram conquistar outros espaços. De acordo com Bruschini (2000), as carreiras que antes predominantemente eram masculinas, foram abrindo novos leques de atuação profissional para as mulheres que, por sua vez, se colocaram no mercado de trabalho em profissões que vão além dos tradicionais “guetos” femininos.

Segundo Ávila (2009), algumas pesquisas que foram feitas sobre a relação entre escolha de carreiras, profissionalização e nível de escolarização das mulheres brasileiras apontavam para modificações - ainda que lentas - na representação social que a sociedade, as mulheres e as próprias categorias profissionais constroem a respeito das profissões.

Além disso, Ávila (2009) nos mostra outra questão que pode estar em jogo, quando se fala da entrada das mulheres nesse mercado dito masculino. Para a autora, a escolha do curso e, conseqüentemente da sua carreira, pode estar relacionado também com o olhar que as mulheres hoje têm sobre si mesmas. As mulheres já deram prova que são capazes e que têm capital cultural para competir no mercado de trabalho e conquistar qualquer carreira que desejarem. Tudo indica que as mulheres, hoje, optam pelo que realmente interessa para elas, a ideia de “vocação” não parece ser mais algo tão naturalizado.

2.3 O capital cultural e a relação com a educação

Nos estudos de Bourdieu (1998), o mesmo acentua que no interior de uma sociedade de classes, existem diferenças culturais e, por sua vez, as classes burguesas possuem um determinado patrimônio cultural constituído de normas de fala, forma de conduta, de valores. Já as classes trabalhadoras possuem outras características culturais que lhes têm permitido sua manutenção enquanto classes. Desse modo, precisamos nos dar conta de que existe um grupo de mulheres com um capital cultural elevado, mas por outro lado encontramos mulheres com baixo capital cultural, assim, a escolha do curso pode estar intrinsecamente relacionada a isso.

Ávila (2009) nos aponta que a ideia do desejo vinculada a escolha de carreiras mais concorridas, pode fazer parte até mesmo das escolhas das mulheres das camadas mais desfavorecidas. Todavia, ele aponta que, o que levaria essas mulheres a escolher outra carreira diferente daquela desejada, seriam mais as condições materiais de existência, ou seja, com um baixo capital cultural para concorrer a determinados cursos, a escolha está para aqueles menos concorridos.

Assim, as trajetórias escolares de estudantes provenientes de famílias de camadas populares advêm de um contexto social de circunstâncias que derivam do reduzido (ou escasso) capital econômico, cultural e escolar da família à qual o aluno pertence. Na perspectiva de Bourdieu (1998c), os diferentes tipos de capital, tendo como principais

os capitais econômico, social, cultural e simbólico, são instrumentos de apropriação e acumulação de vantagens que poderão ser convertidas ou reconvertidas (no caso das famílias que já possuem elevado grau de determinado tipo de capital) em vantagens, sobretudo de caráter econômico e de prestígio social. “O sucesso escolar dependeria, em grande medida, do capital cultural possuído pelos indivíduos” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p. 42).

Para isso, Bourdieu (1998) nos mostra em sua obra que o capital cultural é ponto crucial para compreender a desigualdade e o desempenho escolar de diferentes classes sociais. Para o autor o “sucesso escolar” de certos indivíduos em detrimento de outros, seriam os benefícios que esses teriam decorrente da bagagem cultural. O autor, ao sustentar isso, se contraporia as teorias que acreditam que o sucesso desses indivíduos parte exclusivamente do interesse pessoal e das aptidões. Diante disso, Ávila (2009) nos mostra que Bourdieu em sua obra, expõe sobre a “causalidade do provável”, isso quer dizer que, para as mulheres com um capital cultural mais desfavorecido e detentoras de insuficiente capital social e econômico, as situações as arrojam a empreender escolhas práticas mais fáceis. É como se suas decisões tivessem mais relação com o desejo de ter um diploma, supostamente mais fácil de conquistar, do que necessariamente escolher outros cursos mais concorridos.

Tudo se passa como se o futuro objetivo, que está em potencia no presente, não pudesse advir se não com a colaboração ou até a cumplicidade de uma prática que, por sua vez, é comandada por esse futuro objetivo, como se, em outras palavras, o fato de ter chances positivas ou negativas de ser, ter ou fazer qualquer coisa predispuesse, predestinando a agir de modo, a que essas chances se realizem. Com efeito a causalidade do provável é o resultado dessa espécie de dialética entre os habitus, cujas antecipações práticas repousam sobre toda a experiência anterior, e as significações prováveis, isto é, o dado que ele toma como uma apercepção seletiva e uma apreciação oblíqua dos índices do futuro para cujo advento deve contribuir. (BOURDIEU, 1998, p.111)

Bourdieu (1998), desse modo, aponta que as principais vítimas da desvalorização dos títulos escolares são aquelas que entram no mercado de trabalho desprovidas de diplomas mais prestigiosos. Com efeito, essa desvalorização para ele está relacionada com a extensão progressiva do monopólio dos detentores de títulos escolares, isso quer dizer, aqueles que detêm capital cultural, econômico e social mais elevado, terão mais chances de fazerem uma faculdade mais valorizada no mercado de trabalho o que, por efeito, restringe oportunidades de carreiras as pessoas com um diploma mais desvalorizado ou até mesmo os não diplomados. Para Bourdieu, o diploma vale o que, do ponto de vista econômico e social, vale o seu detentor, isso significa que a valorização desse diploma decorre do seu rendimento do capital escolar, o que consequentemente depende do seu capital econômico e social.

Por outro lado, Stival (2011, p.5) acrescenta dizendo que para a classe trabalhadora, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, ou seja, é uma forma de aprender novos padrões ou modelos de cultura. Ou seja, a classe trabalhadora se adapta e se apropria dessa cultura “nova”. Dentro dessa lógica, é evidente que para os alunos filhos das classes dominantes, alcançar o sucesso escolar torna-se bem mais fácil do que para aqueles que têm que desaprender uma cultura para aprender um novo jeito de pensar, falar, movimentar-se, enfim, perfilar-se de acordo aos requisitos do *status-quo*, para poder inserir-se nesse processo e almejar uma possível ascensão social. Bourdieu nos mostra que:

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 1998, p.311)

Sendo assim, para a classe trabalhadora conseguir alcançar esse capital cultural é necessário que ela crie estratégias. Para isso, o conceito de “estratégia” em Bourdieu, faz-se necessário. Tal conceito, compreende que os sujeitos sociais e suas famílias adotam uma série de ações e práticas decorrentes de diferentes situações que aparecem ao longo do processo de escolarização. Essas respostas, que dependem em

grande parte do pertencimento social de origem, podem ser, desde ações extremamente calculadas e racionais, chamadas pelo autor de “objetivamente orquestradas” até ações de ajustes emergenciais e sem planejamento, práticas de curto prazo e de curto alcance, que funcionam especialmente para as camadas populares, como uma estratégia puramente defensiva em resposta às difíceis condições objetivas de existência (BOURDIEU,1998c).

Bourdieu (1998) nos mostra que decorrente da desvalorização dos títulos a classe trabalhadora é obrigada a criar estratégias, esses portadores de diplomas desvalorizados têm acionado estratégias para manter sua posição. Para o autor, o que garante o título escolar mais próximo do título da classe com um capital cultural mais alto é a experiência social, ou seja, mais do que ocupar uma posição é saber desempenhá-la.

O autor nos mostra que as estratégias escolares empreendidas pelos alunos e suas famílias estão fortemente relacionadas a vários tipos de estratégias, como, por exemplo, as de fecundidade, a fim de possibilitar melhores chances de investimentos educativos para os filhos; as econômicas, como o investimento financeiro em um determinado estabelecimento de ensino, em cursos extracurriculares ou em cursos no exterior; as estratégias sociais, a fim de garantir uma vantajosa rede de influência social; as ideológicas, “que visam legitimar os privilégios, naturalizando-os”.

Bourdieu acrescenta ainda que a posição de um indivíduo, ou mesmo de um grupo, não pode ser definida desde um ponto estritamente estático, isto quer dizer, numa dada estrutura e momento, ela tem que ser entendida no seu todo, ou seja, a partir da sua trajetória social. Para isso, Bourdieu (1998) aponta que:

Uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-la em distinções significantes. É a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou por assim dizer,

das marcas de distinção, graças às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantem com esta posição) operando sobre os “valores” (no sentido do linguistas) necessariamente vinculados a posição de classe, uma duplicação expressiva que autoriza a autonomização metodológica de uma ordem propriamente cultural. De fato essa expressiva sistemática da ordem econômica e social pode, como tal, ser legitimamente constituída e tratada como sistema, e, por conseguinte, pode tornar-se objeto de apreensão estrutural. É evidente que as diferenças em distinções, transmutação esta que depende principalmente da educação dos agentes e, portanto, de sua condição e de sua posição estrutural. (BOURDIEU, 1998, p. 14)

Diante disso, percebemos que o indivíduo como tal, e no pensamento bourdieusiano, a autonomia em relação a uma ordem social deve-se da possibilidade de desenvolver sua própria lógica enquanto universo de relações simbólicas.

Desta forma, as diferenças econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas nas maneiras de usufruir estes bens. Os bens econômicos transformam-se em signos e as ações orientadas para fins econômicos em atos de comunicação (Bourdieu, 2008, p. 17). As ações simbólicas representam uma posição social segundo uma lógica da estrutura social que é a lógica da distinção.

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar pelo seu aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por (...) um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase

never appears as such. (BOURDIEU, 2008, p. 25)

Por outro lado, trago um autor que vai pensar como se dão as relações com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Charlot (1996), procura em seu trabalho identificar que relação o adolescente das grandes periferias tem com a escola e com o aprender. Para o autor, nessas escolas de periferias encontram-se muitos casos de crianças de famílias “desfavorecidas” que, apesar de tudo, ainda obtêm sucesso escolar. Como tal, é necessário que se pense nas histórias singulares das pessoas. Para Charlot (1996), parece necessário que olhemos para as histórias singulares, não apenas para compreender as possibilidades dos casos marginais, mas também para conhecer formas modernas de desigualdade social no terreno escolar.

Como acrescenta ainda Charlot (1996), a escola não é somente um espaço de diferenciação social, ela também é um espaço onde os jovens se formam, em que o saber se transmite. A escola por si só não é uma máquina de selecionar, mas sim um meio de aprendizagem. Para Charlot, a escola é uma instituição que preenche funções específicas de formação e que seleciona jovem através dessa atividade específica. O autor argumenta que “embora o indivíduo se construa no social, ele se constrói como sujeito, através de uma história, não sendo assim, a simples encarnação do grupo social ao qual pertence”. (CHARLOT, 1997, p.49)

Desse modo, Charlot (1996) vai além do que o próprio Bourdieu propõe, que é procurar compreender a partir de dados a relação entre a origem social dos alunos e seu sucesso e fracasso escolar. Para tanto, essa autora propõe compreender mais a fundo os casos de pessoas que mesmo vivenciando uma vida marginalizada conseguem obter um sucesso escolar e, por outro lado, também procura compreender porque indivíduos de família com mais recursos não consegue obter esse sucesso. Charlot acredita que um ponto determinante dentro dessa lógica do sucesso escolar de alunos da periferia é muito por conta do significado que os mesmos vão dar para escola e para o ensino. Para a autora, a questão chave é “que sentido tem para o aluno ir para escola e aprender coisas” (p. 49). Nesse sentido, pensar esses casos nos dá abertura para compreender a trajetória, compreender os casos atípicos de sucesso escolar, na medida em que proporciona identificar como se dão esses percursos e verificar até que ponto se obtém uma mobilização social desses indivíduos.

Por outro lado, não podemos esquecer que as leis do mercado escolar são visíveis nas estatísticas (Bourdieu, 1998, p.307). De acordo com Bourdieu, desde que o aluno ingressa em uma escola até a sua entrada em uma universidade, a hierarquia dos estabelecimentos escolares, ou então até mesmo a hierarquia de alguns cursos de maior prestígio, corresponde à hierarquia social de classe. Desse modo, as classes e frações de classes mais ricas, com capital cultural e econômico mais favorecido, conseguem adentrar mais facilmente nesses estabelecimentos. Por outro, as famílias mais pobres sofrem muito mais para conseguir adentrar nesses ambientes.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

O método qualitativo, segundo Heloisa de Souza Martins (2004), é definido como aquele que privilegia a análise de micro processos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados.

A autora coloca que a pesquisa desse modo abre espaços para o exercício da intuição e da imaginação do sociólogo, chama esse trabalho de artesanal, porque os sociólogos além de fazerem um aprofundamento da análise, também têm liberdade para produzir um conhecimento que, além de útil, seja importante para a sociedade.

Diante disso, achei interessante apontar o porquê da escolha do tema, haja vista que, todo esse meu interesse se deu pela minha própria experiência em cumprir uma dupla jornada diária, o trabalho e os estudos, em que pude perceber que essa carga diária ocupava boa parte do meu tempo. Mesmo trabalhando 6 horas por dia, os estudos se alongavam além das aulas em sala e esse consumo do tempo fazia com que eu criasse estratégias para continuar trabalhando e estudando. A partir disso, comecei a me questionar, entre idas aos supermercados, como se dava a rotina de um grupo específico de mulheres, que cumpriam uma rotina maior que a minha (8 horas diárias) e que, além disso, desempenhavam o papel de estudantes, trabalhadoras, donas de casa e provavelmente mães de família.

Como aponta Roberto da Matta (1991), mesmo entendendo que essa relação é complexa a partir do momento que compreendemos tal realidade, podemos superar o preconceito em relação ao “outro” (ou a “outra”), abrindo assim, uma possibilidade de dialogar com o indivíduo investigado.

3.1 Participantes

Iniciamos a pesquisa procurando um supermercado, a escolha do mesmo se deu pela proximidade que ele tem com a minha casa. Depois da escolha do supermercado, fui ao local e falando com o gerente, o mesmo, gentilmente, se prontificou a ajudar na mesma.

Tivemos uma conversa informal em que ele nos forneceu algumas informações que seriam interessantes. Uma delas foi que, dentro do supermercado, existem diversos setores e em cada setor existe um (a) responsável. O gerente então me sugeriu que fosse ao supermercado no dia seguinte, no período da manhã – pelo fato de ser mais tranquilo. Esse me apresentaria uma responsável de um setor, o qual se encaixaria dentro do perfil a ser estudado. No outro dia fui ao supermercado e o gerente me apresentou Rosa (nome fictício, como todos os outros que aparecem nesta pesquisa). Conversamos por um tempo e apresentei os objetivos da minha pesquisa e a mesma ficou interessada e se dispôs a responder o questionário. Rosa me indicou outra responsável de outro setor que também se adequava a esse perfil e assim, sucessivamente, foram sendo somadas as indicações. A cada uma delas apliquei um questionário.

Ao todo, participaram da pesquisa cinco mulheres, com idades entre 30 e 43 anos, trabalhadoras de um supermercado da grande Florianópolis, que dedicam seu tempo ao trabalho remunerado, doméstico e aos estudos. Todas, portanto, fazem parte desse grupo de **mulheres** que vivenciam uma **tripla jornada**.

A escolha das participantes da pesquisa deve-se ao fato de que essas mulheres exercem múltiplos papéis, ou seja, são mães, donas de casa e trabalhadoras em supermercado, além de estudantes. São mulheres que criam estratégias para dar conta de cumprir essa jornada “árdua”.

3.2 Instrumentos da pesquisa

A pesquisa consistiu em duas etapas:

1º etapa: Aplicamos um breve questionário composto de uma ficha de identificação com perguntas fechadas a respeito do perfil profissional, familiar e de escolaridade das mulheres. Esse primeiro procedimento serviu de norteador para a segunda etapa.

2º etapa: Foi uma entrevista semiestruturada, em que procuramos trazer as percepções mais espontâneas dessas mulheres, sobre suas aspirações, estratégias e trajetórias, seja em relação ao mundo do trabalho, ao doméstico ou ao escolar. Este tipo de instrumento possui um roteiro elaborado previamente (ver anexo) que não foi, contudo, apresentado e nem necessariamente seguido no momento da entrevista, na ordem exata em que foi elaborado, o que fez com que parecesse mais uma conversa informal.

Assim, os assuntos trazidos previamente foram abordados de acordo com o próprio fluxo da conversa. Apenas quando um assunto não foi tratado espontaneamente pela entrevistada, introduzimos perguntas relacionadas a ele. O objetivo nessas entrevistas foi que cada uma das entrevistadas se sentisse à vontade para falar o máximo que pudesse, pois, entendíamos que, quanto mais cada uma das entrevistadas discorresse sobre os tópicos, mais ricos poderiam ser os testemunhos para serem objetos de posterior análise de discurso.

3.3 Procedimentos

Todas as mulheres foram entrevistadas separadamente, na parte externa do supermercado, em uma praça de alimentação que existe no próprio prédio. A escolha de ser no supermercado se deu a partir das próprias entrevistadas que logo no primeiro encontro o qual apliquei o questionário, colocaram que ali seria o melhor local, isso porque no período noturno, elas estudavam e ficaria mais complicado de efetivar a entrevista. O horário também se deu a partir do que lhes pareceu mais conveniente.

Quanto às entrevistas, foram feitas em cinco dias diferentes, quatro dessas no mês de setembro, algumas no período matutino, outras no vespertino, e apenas uma entrevista foi feita em outubro. A entrevistada dessa última etapa havia entrado em um curso no mês de setembro e acreditamos que precisaríamos dar um intervalo um pouco maior para a conversa. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas na íntegra, levando-se em consideração, inclusive, possíveis erros, gírias, entonações e pausas, de forma a representar o discurso das entrevistadas da maneira mais fiel possível. Após a transcrição, os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso.

Cabe considerar que, apesar do caráter singular das falas de cada entrevistada, buscamos encontrar os temas comuns e os pontos em que os discursos convergem ou divergem, para desenvolver nossa análise.

Ainda sobre a metodologia, achamos importante para manter a privacidade das mesmas modificar o nome, isso porque acreditamos que as questões éticas e políticas da pesquisa devem estar em primeiro plano.

Como mesmo aponta Luis Roberto Cardoso de Oliveira (2010), os três compromissos/responsabilidades éticos que permeiam a atividade dos antropólogos/sociólogos seriam:

“(…) o compromisso com a verdade e a produção de conhecimento em consonância com os critérios de validade compartilhados na comunidade de pesquisadores; o compromisso com os sujeitos de pesquisa cujas práticas e representações constituem o foco da investigação – daí a ideia da pesquisa com seres humanos e não em seres humanos; e, por fim, o compromisso com a sociedade e a cidadania, que exige a divulgação dos resultados da pesquisa, usualmente por meio de publicações, e eventualmente demanda a intervenção pública do pesquisador, quando esses resultados são distorcidos para beneficiar interesses que ameacem direitos da população pesquisada. Assim, a divulgação dos resultados é uma obrigação moral do pesquisador, com o objetivo de contribuir para o esclarecimento do cidadão e da sociedade sobre o problema em tela” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2010, p. 27 – 28).

3.4 Perfil das entrevistadas

Ana da padaria – Tem 30 anos, é natural do Rio Grande do Sul, casada, tem três filhos cujas idades são 3, 13 e 15 anos. Reside e trabalha em Florianópolis, está nesse supermercado há 2 anos, ocupando atualmente a função de líder e controladora de estoque da padaria, com uma carga horária de trabalho de 8 horas diárias. Cursa técnico em logística 4 dias por semana, no período noturno.

Debi dos Frios – Tem 48 anos, é natural de Florianópolis, casada, tem três filhos, cujas idades são 10, 16 e 18 anos. Reside e trabalha em Florianópolis, e está nesse supermercado há 6 anos, ocupando atualmente o cargo de líder dos frios, com uma carga horário de trabalho de 8 horas diárias. Cursa técnico de logística 5 dias por semana, no período noturno.

Rosa do crediário – Tem 36 anos, é natural do Paraná, solteira, tem uma filha de 12 anos. Reside e trabalha em Florianópolis e está nesse supermercado há 7 anos ocupando atualmente o cargo de líder de crediário, com uma carga horário de trabalho de 8 horas diárias. Cursa a faculdade de Letras 4 dias por semana, no período noturno.

Rebeca conferente – Tem 43 anos, é natural de Florianópolis, solteira, tem um filho de 9 anos. Reside e trabalha em Florianópolis e está nesse supermercado há 3 anos e 5 meses, ocupando atualmente o cargo de conferente, com uma carga horário de trabalho de 8 horas diárias. Cursa a faculdade de Pedagogia (já é formada em Serviço Social) 4 dias por semana, no período noturno.

Tânia do eletro: Tem 30 anos, é natural de Florianópolis, casada, tem um filho de 8 anos. Reside em São José e trabalha em Florianópolis, está nesse supermercado há 7 anos ocupando atualmente o cargo de líder de eletro, com uma carga horária de 8 horas diárias. Cursa técnico em massoterapia, quatro dias por semana, no período noturno.

Para melhor apresentar estas mulheres e criar maior entendimento sobre cada uma, segue abaixo uma tabela demonstrativa da amostragem de atendentes de supermercado desta pesquisa:

Tabela 7: Classificação das entrevistadas

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	ESTADO DE ORIGEM	CURSO	FILHO (S)
Ana	30 anos	Casada	Rio Grande do Sul	Logística	3 anos, 13 anos e 15 anos
Debi	48 anos	Casada	Santa Catarina	Logística	10 anos 16 anos e 18 anos
Rebeca	43 anos	Solteira	Santa Catarina	Pedagogia	9 anos
Rosa	36 anos	Solteira	Paraná	Letras	12 anos
Tânia	30 anos	Casada	Santa Catarina	Massoterapia	8 anos

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez procedida a discussão sobre a construção da condição feminina na sociedade - do espaço privado ao público - da sua situação no mercado de trabalho hoje e de como se deram as conquistas por melhor educação, neste capítulo será apresentando, então, o resultado da pesquisa empírica com as 5 entrevistadas. Procuramos analisar as trajetórias, estratégias e percepções de vida das entrevistadas, buscando identificar o perfil dessas mulheres operadoras de supermercado, como e de que forma, as mesmas lidam com uma vida de tripla jornada diária (trabalho remunerado, trabalho doméstico e escolarização). Para isso, dividimos esse capítulo em três grandes eixos. No primeiro, *4.1*, vamos tratar das *Trajetoárias de vida das entrevistadas e de seus familiares*. Nessa primeira parte, vamos compreender um pouco da história das entrevistadas e de suas famílias, para tanto algumas questões serão chave, como por exemplo, local de nascimento, trabalho e escolarização dos pais e irmãos, seus relacionamentos afetivos e sua relação com o trabalho e estudo, entendemos que essas questões podem proporcionar uma apreensão maior para entender as próprias escolhas que nossas entrevistadas fizeram ao longo de sua trajetória. O segundo ponto, *4.2*, é sobre as *Estratégias de trabalho, estudos e vida familiar hoje*. Nessa segunda parte, procuramos saber um pouco da vida das entrevistadas hoje, para isso, adentramos nas questões referentes às suas rotinas e das pessoas que moram com essas, pois, a partir disso, podemos entender suas estratégias para conciliar trabalho e estudos e vida familiar. Além disso, procuramos saber sobre seu rendimento escolar e a relação que a

mesma possui com os estudos. E o último ponto, 4.3, é sobre *Percepções do presente e projeções para o futuro*. Nessa última parte do capítulo, pretendemos saber das entrevistadas o que elas almejam para o futuro, quais os seus planos e metas. O que elas imaginam daqui a algum tempo para as suas vidas.

Entendemos que esses três eixos são cruciais para identificarmos as condições históricas e o contexto econômico e sociocultural em que elas se inserem e as dinâmicas e estratégias criadas para manter uma vida com tripla jornada. Além disso, abre espaço para compreendermos quais os seus maiores desafios, para conseguir conciliar trabalho, família e estudos. Esses eixos nos possibilitam conhecer as nuances de suas vidas no interior de cada um desses ambientes, desde suas trajetórias até suas estratégias de conciliação. Enfim, perceber as circunstâncias complicadoras e favorecedoras de sua entrada no mercado de trabalho e que, além disso, ainda estudam e tem uma vida familiar.

4.1 Trajetória e Perfil das atendentes de supermercado e dos familiares

Dois conceitos serão cruciais nessa pesquisa, como já adiantamos em capítulo anterior, ambos abordados por Bourdieu em suas obras, o conceito de *trajetória* e o de *estratégia*. Nesta primeira parte (4.1) da pesquisa, vamos utilizar o conceito de *trajetória*.

No capítulo 2 (Mulher e Educação), quando tratamos de capital cultural, social, econômico para analisar situações de classe na sociedade, vimos que Bourdieu se utiliza desses termos, entendendo desse modo que o capital, seja ele social, econômico, político interfere na *trajetória do indivíduo*. De certa forma, o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou setores de classe. Como aponta Silva (1995), uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura, num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, que decorre das condições de vida

específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e, esta, da classe trabalhadora.

Silva (1995) acrescenta dizendo que o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. (p. 23)

Segundo Silva (1995), quando Bourdieu utiliza o conceito de capital cultural ele propõe pensar a maneira como a cultura reflete e também atua sobre as condições de vida dos indivíduos. Diante disso, a autora aponta que, para entender as *trajetórias* dos indivíduos, precisamos entender sobre a valorização da cultura dominante sobre. Isso quer dizer, quando identificamos nos sujeitos certos valores na formação da personalidade, conseguimos identificar diferentes *habitus*¹⁵.

Assim a trajetória de um indivíduo está intrinsecamente relacionada com a classe à qual ele pertence, isso porque, Bourdieu aponta que cada classe desenvolve diferentes características (*habitus*) de acordo com a sua trajetória social. De tal modo, que a pequena burguesia ascendente apresenta modos e educação estudada; já a pequena burguesia em processo de mobilidade descendente apresenta uma rigidez repressora. Essas maneiras de ser são inculcadas nos indivíduos a partir das experiências e perspectivas sociais do grupo em que ele se insere (BOURDIEU, 1998)

Entendendo a partir da obra de Bourdieu como se dão as trajetórias dos indivíduos, e sabendo que uma classe social, ou segmento de classe, apresenta seus próprios padrões estéticos que vão contribuir para que aquele que expresse esses valores, seja imediatamente classificado e continuamente reclassificado dentro do seu próprio grupo, iniciamos nossa conversa com as entrevistadas, pedindo para que contassem um pouco da sua *trajetória de vida* e também de seus pais e irmãos, para que, a partir de certas características notássemos certos valores constituintes na formação de estratégias.

Entendemos que a história delas é chave para muitas coisas, como por exemplo, no caso de terem nascido em outro estado, ou cidade, indagar sobre os motivos que as trouxeram para Florianópolis.

¹⁵ De acordo com Bourdieu (1985): “*habitus* é sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações”.

No caso da profissão dos pais, pode nos fornecer uma pista para o contexto social e econômico do qual são provenientes e desde o qual elas estão falando. Enfim, como aponta Bourdieu (1996, p. 292), uma trajetória pode ser entendida como “a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”. Nessa perspectiva, os eventos biográficos e seus respectivos sentidos podem ser compreendidos dentro de um contexto no espaço social, ou seja, dentro de uma estrutura de distribuição dos diversos capitais (econômico, político, cultural, entre outros) que legitimam uma ação em um determinado campo.

4.1 A) Profissão e escolarização dos pais das entrevistadas

A importância de abordar a profissão e a escolarização dos pais está na análise comparativa entre as gerações dos pais e filhos (entrevistadas), seja para fazer comparações de ordem socioeconômica voltadas para o tipo de ocupação profissional ou comparações com respeito ao nível de escolarização, isso implica, antes de tudo, o resgate do conceito de *mobilidade intergeracional*. Adianto que tal conceito se fundamenta na metodologia da mobilidade social, a qual por meio de índices e modelos estatísticos, são realizados estudos sociológicos complexos sobre a mobilidade de determinada sociedade (CHERKAOUI, 1995).

Não busco aqui fazer um estudo da mobilidade intergeracional das famílias pesquisadas, pois para isso seriam necessários estudos estatísticos complexos, no entanto, os relatos das mulheres entrevistadas permitem que (sem maiores pretensões de aprofundamento teórico metodológico) este estudo se aproprie da ideia principal do conceito de mobilidade intergeracional.

A importância de se verificar isso está justamente como aponta Cherkaoui (1995) na movimentação dos sujeitos no interior de uma determinada estrutura social em comparação com seus ancestrais, podendo apresentar movimento ascendente (posição superior às dos pais), descendente (posição inferior às dos pais) ou ainda de imobilidade. Essa movimentação social pode ser provocada por uma infinidade de situações não somente de ordem econômica ou demográfica. Exemplo disso, está no contexto em que essas mulheres se encontram.

As respostas das entrevistadas mostraram que, quanto à profissão dos pais, tivemos, desde aqueles que trabalharam como autônomos, quanto com a pesca, atividade muito tradicional na ilha, que é o caso do pai de Debi e Tânia. Ou no caso do pai de Rosa, que trabalhou muito tempo com construção civil. Em relação às mães dessas três entrevistadas, não tiveram trabalho remunerado. Em relação à escolarização, apenas o pai de Debi conseguiu concluir o Ensino Médio (antigo Segundo Grau), o restante não conseguiu estudar.

O meu pai fez o segundo grau completo, a minha mãe é analfabeta, ela foi uma pessoa que criou cinco filhos tirando berbigão. O meu pai é a mesma situação da minha mãe. Mas não tenho do que reclamar deles, pois eles sempre foram pais que nos incentivaram. (Debi dos frios)

A minha mãe era lavadeira, e o meu pai pescador – a família do meu pai todos eram pescadores não tinha um que tinha outra profissão e da minha mãe também, a minha vó, todo mundo era lavadeira. Tanto o meu pai quanto a minha mãe eram semianalfabetos, eles não estudaram – sabiam escrever o nome – o meu pai lia com muita dificuldade a minha mãe não lia nada. (Tânia do eletro)

Meus pais são gaúchos, são casados há... 37 anos – mais ou menos – minha mãe sempre foi do lar – aquela mãe de família com cinco filhos – então não tinha condições de trabalhar fora, sempre cuidou dos filhos menores – dos filhos pequenos. E o meu pai – sempre trabalhou com construção civil, depois ele trabalhou, com a minha irmã que tinha um mercado, aí ele trabalhou em outra área, trabalhou no açougue do mercado, trabalhou na prefeitura. Mas sempre trabalhou nessa parte de obras, sabe? Sempre trabalhou no pesado mesmo e os dois não estudaram. (Rosa do crediário)

Já os pais de Ana e Rebeca trabalharam com carteira assinada e conseguiram estudar e até mesmo fazer uma faculdade.

Minha mãe, ela fez o segundo grau, na idade normal assim ela fez até a 8º série – depois- quando eu fui pro segundo grau, com 14, 15 anos ela terminou o segundo grau dela. O meu pai se formou – em Educação Física – em 2005. Então todos estudaram depois, sabe? Terminaram os estudos depois da idade normal. Os motivos dos meus pais estudarem depois foi que a minha mãe por causa do emprego – os dois- eles precisavam ajudar em casa, então não conseguiram conciliar o serviço com os estudos, aí tiveram que deixar mais pra frente. E o meu pai foi a mesma situação. O meu pai sempre trabalhou em empresa, e depois de formado foi dar aula. A minha mãe trabalhou em uma empresa perto de casa por muito tempo. (Ana da padaria).

Meus pais eram funcionários públicos. Minha mãe começou a trabalhar quando eu tinha sete anos de idade. (...) Não lembro ao certo, à época – aí ela tirou o segundo grau. E o meu pai tinha o Ensino Médio também. Meu pai que eu me lembre até os meus sete anos ele trabalhava em uma oficina de televisão, depois ele foi para o serviço público. E a minha mãe era dona de casa, daí ela começou a trabalhar pela empreiteira por uma empresa e depois ela foi contratada e virou funcionária pública (Departamento de obras e saneamentos). (Rebeca conferente)

No caso de Debi, Rosa e Tânia a trajetória familiar dos pais em relação ao trabalho e estudos, nos proporcionou constatar que advêm de famílias de camadas populares compostas por muitos irmãos. Isso influenciou que os pais dessas famílias não conseguissem prosseguir nos estudos e tampouco ter profissões mais qualificadas.

Os parâmetros utilizados para determinar esse pertencimento socioeconômico não foram baseados no salário mínimo ou em algum outro indicador financeiro. Fizemos opção por dar prioridade às descrições feitas pelas próprias mulheres sobre como era a situação de vida de suas famílias e contrastar essas informações com a ocupação profissional e o grau de escolarização (ou não) dos ancestrais. Percebemos que as três tiveram uma vida mais simples, na qual os pais trabalhavam de forma que conseguiam somente sustentar a família.

Apenas Ana e Rebeca tiveram uma situação melhor, os pais conseguiram estudar e ter um bom emprego.

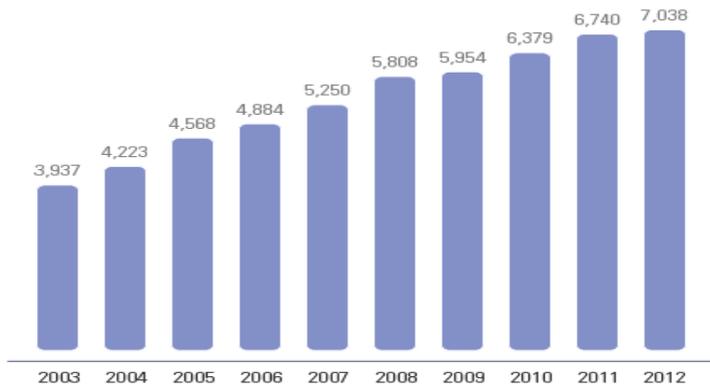
4.1 B) Escolarização dos irmãos das entrevistadas

Sabendo da situação dos pais quanto à profissão e escolarização, procuramos saber da mesma forma a situação dos irmãos. Neste caso buscamos verificar sobre a mobilidade intergeracional, isso porque achamos importante saber se houve ou não uma diferença na questão do trabalho e estudo dos pais para os filhos. Em se tratando das entrevistadas, todas apontaram que têm irmãos ou irmãs. Em relação aos estudos, alegaram que seus irmãos estudaram, como aponta Ana, Debi, Rebeca e Tânia. Ou no caso de Rosa e de Debi que ainda têm irmãos que estudam.

Mas, o interessante disso, é que constatamos que em comparação aos pais, grande parte dos irmãos das entrevistadas conseguiram ter uma mobilidade ascendente, ou seja, uma posição superior à dos pais. Somente no caso de Ana a posição se manteve, tanto que a irmã quanto os pais têm o Ensino Superior. De todo modo, como aponta Cherkaoui (1995, p. 199), a mobilidade é principalmente uma consequência das transformações estruturais da economia em um período longo. Seguindo nessa perspectiva, podemos supor que a possibilidade de ampliação dos anos de estudo das novas gerações destas famílias brasileiras se possibilita em grande medida graças a uma maior investida do país, principalmente desde a década de noventa em políticas para o ensino público gratuito, seja no âmbito da educação de nível fundamental e médio, como no ensino técnico e de nível superior. Mesmo que essas políticas tenham ainda muito a desejar, os reflexos se verificam na maior cobertura de escolaridade entre as gerações.

Como mostra a tabela a seguir, no período de 10 anos, a educação superior foi se consolidando. Dados oficiais do Censo da Educação Superior, divulgados pelo INEP em setembro de 2013, mostram que o Brasil vem registrando sucessivos aumentos no número de matrículas, com uma média de 6,7% de aumento ao ano entre 2003 e 2012, o que vai ao encontro com as reflexões acerca de maior cobertura de escolaridade entre gerações.

Tabela 8: Número de matrículas de 2003 -2012 no Ensino Superior
Number of enrollments 2003-2012
 (in thousands)



Source: MEC/INEP.

Fonte: Ser Educacional, 2012.

Por outro lado, partindo da própria fala de Tânia, notamos que entre os seus avós e pais, ou seja, gerações mais velhas, não houve mobilidade social, todos permaneceram fazendo a mesma função de uma geração a outra – “a família do meu pai todos eram pescadores não tinha um que tinha outra profissão e da minha mãe também, a minha vó, todo mundo era lavadeira”.

Cherkaoui (1995, p.183) nos mostra que em relação à mobilidade, a escola cumpre o papel de seleção mais importante na sociedade, isso porque segundo a própria autora a educação seria um meio de integração e de mobilidade social, primeiro porque grande parte dos jovens passa boa parte de sua vida a adquirir conhecimentos e, segundo, porque se acredita que políticas de educação podem atenuar o peso da herança social.

Diante disso, constatamos que quatro das entrevistas tiveram irmãos com mobilidade ascendente, ou seja, superaram a condição social dos seus pais.

Tenho 4 irmãs, eu sou a mais velha. Todas elas são casadas, nem todas têm filhos, todas elas tão fazendo curso, estudando. Uma delas tá fazendo faculdade, uma tem técnico, e as outras duas estão fazendo técnico. Elas fizeram THD, Técnico em higiene dental. Tem uma delas que é concursada da prefeitura, ela já passou em vários

concursos, ela agora tá trabalhando em Itajaí, ela foi uma das primeiras colocadas. E as outras duas estão trabalhando aqui no centro, em uma clínica. (Rosa crediário)

Eu tenho cinco irmãos e todos eles estudam. – Uma já concluiu a faculdade de Pedagogia, a outra que esta se formando em advocacia e tenho os meus irmãos que fizeram até o segundo grau. (Debi dos frios)

O meu irmão ele parou de estudar na 7^o série hoje ele é casado e mora no Sambaqui, tem 45 anos. A minha irmã tem 39 anos é formada em serviço social e hoje não trabalha na área, está trabalhando na parte administrativa. Ela trabalhou uma época como assistente social, em um determinado lugar e teve uma decepção muito grande e preferiu por um tempo se afastar da profissão até passar o “trauma”. (Tânia do eletro)

Eu tenho um só. Ele é mais velho, ele é casado, é 5 anos mais velho que eu. Ele não terminou a universidade, ele fez três universidades mais ele não terminou. (Rebeca conferente)

Apenas constatamos o caso da entrevistada Ana que manifestou uma imobilidade, ou seja, os pais já tinham uma faculdade e a filha também cursou, desse modo, permanecendo no mesmo nível de estudo dos pais.

Tenho uma irmã que é formada em magistério e mora ainda hoje no Rio Grande do Sul. (Ana da pararia)

4.1 C) A história das entrevistadas

Depois de identificar o perfil de profissão e escolarização dos pais e dos irmãos, adentramos sobre a trajetória de vida das entrevistadas, perguntamos sobre as idades em que começaram a

trabalhar, como seus pais lidavam com os estudos no ambiente familiar e os motivos que as levaram a casar e ter filhos.

A necessidade de saber sobre a questão do trabalho e estudo no ambiente familiar está justamente relacionada ao tipo de trajetória que as nossas entrevistadas tiveram.

Em relação ao trabalho percebemos que suas entradas no mercado de trabalho se deram muito prematuramente. Como apontam algumas delas:

Sim, sim... A minha mãe até na época a gente ajudava, eu sempre trabalhei fora, sempre quando tinha lavação a gente sempre tinha que participar na lavação, a gente ajudava a lavar isso com 5 anos de idade – já ajudava. E na época o meu pai era pescador a gente ia tirar ostra nas pedras, não era como é hoje em cativeiro, em pedra mesmo, a gente tirava, cozinha e descascava. E trazia a pé de lá de casa até o mercado público no centro. Eu nunca parei, eu sempre fui babá. Dez, onze anos eu já era babá, sempre fui babá e sempre capinei terreno, sempre fiz faxina junto com a minha mãe, quando ela se separou do meu pai ela teve que fazer faxina pra poder sustentar e eu fazia junto com ela. Eu sempre a ajudei nas coisas de casa, na limpeza da casa, nas funções da casa. Mas até os meus 19 anos eu cuidei de criança, meu último emprego eu ainda era babá de uma senhora e da neta dela, das duas ao mesmo tempo. Dalí então, que eu fui pro meu primeiro emprego de carteira assinada. Trabalhei pouco tempo em um restaurante – só temporada – depois eu fui pro BOB'S, fiquei daí quase três anos. Aí fiquei desempregada por um período e daí continuei vendendo, bijuterias essas coisas assim. Depois eu comecei a trabalhar aqui no supermercado e tô aqui 7 anos. (Tânia do eletro)

Eu comecei a trabalha quando tinha 12 anos como babá por necessidade mesmo. A gente é de uma família de 5 irmãos, o motivou da doença (coração) do meu pai fez com que a gente fosse trabalhar mais cedo eu e o meu irmão mais velho. Eu comecei com 12 anos, eu trabalhava numa

casa na parte da manhã cuidando de duas crianças, cuidando do geral da casa e à tarde eu ia pra outra casa do lado, eu cuidava de mais duas crianças e da casa, isso dentro da base aérea. Já o meu primeiro emprego de carteira assinada foi com 16 anos, a minha mãe que teve que ir lá assinar, hoje já não existe mais que era a confeitaria Cândido lá no Centro. (Debi dos frios)

Nossa, eu comecei com 13 anos, meu primeiro trabalho eu cuidava do filho da vizinha e já ganhava meu primeiro dinheirinho. Trabalho de carteira assinada foi só em 1997, em um supermercado em Canasvieiras, eu era balconista. (Rosa do crediário)

Com 15 anos, daí eu fui trabalhar com uma amiga da minha mãe – mas era mais por brincadeira mesmo, porque eu queria meu dinheiro, fui trabalhar no telemarketing. Aí trabalhar com carteira assinada mesmo – foi com 22 – quando eu passei em concurso público - Pra auxiliar de sala. (Ana da padaria)

A única que foi trabalhar um pouco mais tarde foi Rebeca, aos 19 anos.

Eu comecei a trabalhar com 19 anos – o meu primeiro emprego foi... como atendente de uma locadora de vídeos, na época não era DVD né, era fita cassete, de vídeo né?! Na época trabalhava e estudava e fazia o terceirão. Eu fiz o magistério logo em seguida como eu não fui chamada pelo estado comecei a trabalhar nesse vídeo, aí trabalhei seis meses mais ou menos, aí eu comecei a dar aula quando o Instituto Estado de Educação me chamou pra dar aula pra substituir uma professora, aí eu dei aula três meses de substituição, aí no final do ano eu fiz a inscrição e já fui chamada logo em seguida para trabalhar... Eu sempre trabalhei e estudei. (risos) (Rebeca conferente)

Percebemos que das cinco entrevistadas, quatro foram trabalhar muito cedo, trabalhos normalmente ligados ao cuidado com a casa, ou mesmo como babás, empregos que não exigiam carteira assinada e que serviria de ajuda para a família.

Em alguns casos não foi a necessidade de alimento que as levou a uma inserção prematura no mercado de trabalho, mas como mesmo aponta Rosa a vontade/necessidade de ter um calçado ou uma roupa nova, pois o que os pais ganhavam só dava mesmo para comprar comida. Poder comprar sua própria roupa nova, tornava-se um motivo mais do que suficiente para buscar um emprego, quando a vida toda, sempre passaram por necessidades.

Posteriormente às motivações na entrada no mercado de trabalho, procuramos saber como eram tratados os estudos no ambiente familiar. E o que percebemos é que três das entrevistadas, afirmam que os pais falavam da importância do estudo, mesmo que alguns deles não dessem horário, não cobrassem - salvo exceção à entrevistada Ana - pelo fato de ser bolsista em um colégio particular, os pais davam um horário para ela estudar, pois o colégio exigia notas boas para permanecer como bolsista.

No entanto, percebemos que três das entrevistadas sabiam da importância dos estudos e por isso procuraram se esforçar o máximo para ter um desempenho bom na escola.

Muito, bastante. Minha mãe foi muito rígida quanto aos estudos – então – como eu sempre fui bolsista, eu tinha que ter uma nota legal, pra poder manter minha bolsa. Então a gente tinha – chegava da escola – tinha um horário ali se divertia um pouquinho, lá pelas 19h tinha que estudar. (Ana da padaria)

Eu estudei em escola particular e depois do quinto ano pra frente foi toda em escola pública. O estudo foi sempre presente. Eu não lembro se existia um horário, eu não lembro muito bem dessa época. Eu tinha que fazer meus deveres, e muitas vezes era o meu irmão que me ajudava, que era o mais velho. Porque o meu pai trabalhava o dia inteiro a minha mãe também. Nessa época ainda eu ficava com a minha vó, às vezes eu ficava na casa de uma tia. Como a minha mãe podia deixar eu com conforto ela

deixava. Nunca faltou isso em casa, sabe?
(Rebeca conferente)

Bom... Estudo sempre foi cobrado, meu pai sempre mais rígido, a minha mãe também apesar de que ela trabalhava muito. O meu pai com a doença então ele acompanhava mais a gente. Iii...lá em casa nunca tive um horário específico pra estudar, meus pais não cobravam um horário, mas eu sabia que era importante e me interessava pelos estudos, a gente sabia que era importante, porque éramos cobrados desde pequenos. (Debi dos frios)

Rosa e Tânia foram as entrevistadas que falaram que os pais não as incentivavam. Para eles, o emprego vinha como primeira opção, isso porque com as condições que viviam, só poderiam dar o básico para sobreviver, se quisessem algo a mais tinha que ir trabalhar. Portanto, o estudo não foi um aspecto cobrado por eles. Além disso, no caso específico de Tânia o pai acreditava que, por não terem dinheiro, a filha iria acabar sofrendo preconceito na escola. Ela ainda expressa que o receio que o pai sentia estava relacionado com o preconceito que ele sofria por ser casado com uma mulher negra, sua mãe, e o fato dele ser branco.

Porém, percebemos que ambas entrevistadas colocam que as mães, ao contrário dos pais, incentivavam a estudar, a fazer uma faculdade.

Os meus pais nunca me incentivaram – na verdade, eles falaram – se você não estudar você não vai ser nada, mas nunca incentivaram. A gente tinha que trabalhar se quisesse ter um dinheirinho, alguma coisa, então, desde novinha nós todas sempre trabalhamos. Cuidei de criança desde os 13, 14 anos – sempre trabalhei. Eu sempre gostei de ler bastante, fui bem na escola, nunca repeti de ano, as minhas irmãs também sempre foram bem no colégio. (Rosa do crediário)

Da parte da minha mãe muito, muito, muito todo incentivo. Da parte do meu pai não, meu pai era contra. A minha irmã, a minha mãe teve que fazer

uma brigaçada com o meu pai muito grande pra minha irmã estudar e teve que fazer uma briga ainda maior pra eu estudar. Como a minha irmã já era alfabetizada quando eu nasci eles queriam que ela me ensinasse, ele não queria que eu fosse pra escola porque assim a gente não tinha dinheiro pra comprar o uniforme, realmente não tinha, ele dizia que a gente ia sofrer muito, preconceito na escola, por ser mais pobre do que as outras crianças – realmente isso tudo aconteceu – tudo que ele falou aconteceu. Ele não queria que a gente passasse por isso... Só que era necessário passar. Isso tudo que a gente passou também tem um pouco haver porque também a minha mãe é negra e o meu pai é branco, também teve preconceito. Então ele não queria que a gente passasse por isso, ele não queria que a gente passasse por essa situação, e ele não achava tão importante assim, porque antigamente as mulheres casavam e eram donas do lar, então ele pensava pra quê estudar. Mas lá em casa não tinha horário pra estudar, quando a gente chegava em casa, ela perguntava se os deveres estavam prontos e eu também não tenho muita paciência de ficar estudando, então geralmente eu já fazia os deveres na sala de aula. Eu estudava uma horinha, duas, geralmente quando tinha trabalho ou prova, mas... Eu sempre prestava muito atenção nas aulas, quando eu tenho aula eu desligo do mundo e presto atenção no que o professor fala. (Tânia do eletro)

No que diz respeito às ações práticas empreendidas pelas famílias das mulheres entrevistadas quanto ao processo de escolarização das filhas pudemos observar diferentes estratégias familiares. A grande maioria das famílias pesquisadas se caracterizou pela ausência de uma prática educativa explícita e racionalmente planejada ao futuro. Isso não significa dizer que essas famílias não se preocupavam com o processo educativo de seus filhos, mas que as ações referentes à escolarização não se revestiram de uma intenção pedagógica, antes, ocorreram na forma de práticas cotidianas difusas e, muitas vezes, improvisadas.

Na maior parte das famílias, os pais tinham pouco estudo e não detinham capital escolar suficiente para acompanhar as tarefas escolares

de modo a tirar possíveis dúvidas dos filhos ou estudar com os esses para as provas, mas, de uma forma geral, as entrevistadas reconhecem que a família valorizava o fato de estarem estudando. Como aponta Silva (1995), o capital cultural assim considerado por Bourdieu, no sentido estratégico é ainda basicamente, um mecanismo reprodutor das condições sociais reforçadas por suas ligações com suas outras formas de capital: o social, o econômico e o simbólico.

Depois de compreendermos como se dava a relação dos estudos no âmbito familiar das entrevistadas, procuramos saber, um pouco sobre a questão afetiva, pois acreditamos que isso tem significado para o entendimento da própria dinâmica de suas vidas atuais, e as estratégias criadas para conseguir manter uma vida com tripla jornada. Procuramos saber como conheceram seus atuais maridos ou mesmo ex-maridos.

Três entrevistadas apontaram que são casadas, Debi e Ana nos contam que estão com seus atuais maridos desde novas e que esses foram seus primeiros namorados. Ambas possuem três filhos. Já Tânia, é casada pela segunda vez, seu primeiro casamento durou 10 anos, o qual ela teve seu filho, e no segundo casamento ela já o mantém há sete anos.

Eu casei com meu primeiro namorado, com 15 anos – foi quando eu tive a minha filha também – então eu comecei a namorar ele com 14, tive a minha menina com 15. A gente casou eu tinha 17 anos – a gente tá junto até hoje. Nããão foi uma experiência legal! Acho que não, pela idade que eu tinha. Acho que eu não faria de novo. Mas agradeço muito por ter encontrado uma pessoa legal, sabe? Continua comigo. Nós estamos há 17 anos. E a gente se conhecia há muito tempo, ele morava perto da minha casa, ele tinha 17 anos e eu 14, quando a gente se conheceu, foi em um ensaio de carnaval. Tenho três filhos lindos. (Ana da padaria)

Bom eu me casei muito nova eu casei quando tinha 16 anos. O que me levou a casar? Acho, que estrutura familiar, mas da qual eu não me arrependo. Sou casada até hoje com o meu esposo, meu primeiro namorado, tenho três filhos

e a gente vive bem estamos há 27 anos. (Debi dos frios)

Eu fui casada por um período de 10 anos, eu conheci ele na escola, nós éramos do mesmo bairro e a gente se conheceu na escola. Eu namorei com ele pouquinho tempo e logo a gente acabou morando junto, eu morei com ele 10 anos – nós fomos casados no papel – e desse relacionamento que eu tive o meu filho. Eu demorei 8 anos pra engravidar, porque eu tenho dificuldade pra engravidar, e quando eu tive meu filho depois de 2 anos a gente se separou. Aí eu casei de novo como meu atual esposo e não tenho mais filho só tenho ele. Eu conheci o meu atual marido aqui no supermercado, ele trabalhava aqui também, vai fazer 6 anos que estamos juntos. (Tânia do eletro)

Rosa e Rebeca, que são solteiras, contaram um pouco de como conhecerem seus ex-maridos,

A gente se conheceu no supermercado em que trabalhávamos em Canasvieiras em 1997, nos conhecemos, nos apaixonamos e ficamos casados uns 4 anos e tivemos uma filha depois nos separamos, e hoje estamos 12 anos separados. (Rosa do crediário)

Eu casei na época que tava fazendo universidade, nós namoramos 4 anos e eu casei e fui morar no Rio de Janeiro com ele. Aí meu casamento durou 5 meses e eu voltei, aí eu voltei e comecei a retomar tudo, aí eu já não retomei mais pra dar aula, aí eu troquei de curso fui pro serviço social dentro da UFSC, transferência interna (...) Mais aí, mais tarde, dez anos se passaram eu conheci o pai do meu filho e vi ele, nessas idas e vindas do curso de Serviço Social que era o que eu fazia, trancava, voltava. Fiquei grávida, acabei me formando quando o Arthur nasceu tinha um mês. Aí era mãe, era trabalhar e estudar – mais vai indo. Então hoje eu tô com o Arthur com 9 anos, aí separei dele também, ele me deixou quando estávamos com 3 anos. (Rebeca conferente)

4.2 Estratégias de trabalho, estudos e vida familiar hoje

Nesta categoria procuramos identificar um pouco da rotina das entrevistadas hoje em dia, como a de todos que moram atualmente com essas. Procuramos investigar, descrever e analisar a trajetória laboral dessas mulheres atendentes de supermercado verificando como a opção pelo estudo se entrelaça com suas aspirações de trabalho e vida.

Para isso, utilizo do conceito de *estratégia* em Bourdieu para compreender de que forma as nossas entrevistadas conseguem criar maneiras para conseguir dar conta de uma vida com tripla jornada. Como aponta Silva (1995, p. 27), “cada grupo (ou indivíduo) adota uma estratégia própria, calcada nas disponibilidades que tem de manipular os diferentes tipos de capital”, ou seja, é importante compreender que tipo de estratégias as nossas entrevistadas fazem, já que, com isso, podemos verificar se uma dinâmica de mudança pode ocorrer por meio da cultura. (Silva, 1995, p. 26)

Nesta primeira questão que se referia ao local de nascimento, achamos importante saber se essas mulheres eram naturais de Florianópolis, ou se vinham de outra cidade, ou estado. O valor da questão está justamente nas relações sociais com as quais poderiam contar, e na forma como tecem suas estratégias para inserção laboral ou educacional na cidade.

Das cinco entrevistadas, três são naturais de Florianópolis e duas de cidades fora do estado de Santa Catarina, uma é do Rio Grande do Sul e a outra do Paraná. Perguntamos para Ana e Rosa, respectivamente vindas do Rio Grande do Sul e do Paraná os motivos que as trouxeram para Florianópolis. As respostas, de alguma forma, se entrelaçaram. A questão do trabalho é um eixo importante na escolha pela cidade. Ambas também acrescentam nas suas respostas a migração de alguns familiares para a cidade. Essas estratégias familiares de imigração são úteis em termos de propiciar apoios de vida (cuidado com os filhos, etc), sobretudo no caso das mulheres. Muitas delas “importam” os pais, como vimos com algumas das entrevistadas.

Eu sou de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Eu vim pra cá eem... 2007, meu marido

veio a trabalho e aí gente acabou vindo – eu e meus filhos depois – ele veio em janeiro e a gente veio em abril pra cá. Então a gente não retornou mais pra lá – só visitas mesmo – mais tarde a minha mãe que veio conhecer a cidade, matar a saudade dos netos, e como na época ela tinha separado do meu pai, acabou vindo morar pra cá também. (Ana da padaria)

Eu sou natural de Marechal Cândido Rondon, em uma cidade bem ao oeste do Paraná, 1000 km daqui. E eu vim conhecer Floripa porque eu tenho uma amiga que mora aqui, e aí eu acabei gostando da cidade, e desde então – desde 1997 eu fixei residência aqui, nunca mais voltei pro Paraná. Acabou que tinha mais opções de emprego aqui e a fiquei por aqui. E a partir daí eu acabei me casando, tendo uma filha, e a partir do nascimento da minha filha, os meus pais que vieram conhecer ela, acabaram ficando por aqui. E logo depois, as minhas irmãs vieram também, mas atrás dos meus pais e acabaram ficando, casando. Os maridos são manezinhos, e foram ficando por aqui e hoje está todo mundo aqui. Assim, pai, mãe e filhos né. Os parentes estão todos lá, no Rio Grande, Curitiba. (Rosa crediário)

Suas respostas foram muito interessantes, primeiro porque viram na cidade uma oportunidade de melhores oportunidades de empregos e de crescimento pessoal. E, segundo, a importância da vinda da família para a cidade. O que nos mostra a existência de rede de relações familiares presente nos seus cotidianos e que, conseqüentemente, contribui para as estratégias de conciliar uma vida com tripla jornada.

A importância que têm essas redes, no próprio movimento de estratégias de conciliação das nossas entrevistadas é tema importante de reflexão, haja vista que boa parte dos apoios, assim como das tensões e contradições vividas pelos sujeitos são geradas pela família. Para Bourdieu (1998a), o caráter dessas relações varia conforme as características específicas da herança familiar.

Isso quer dizer que estamos tratando aqui de um estudo sobre a trajetória de mulheres operadoras de supermercado – setor de serviços –

advindas de camadas populares, o que implica pensar nessas relações familiares como um ponto chave nos processos de escolhas e também nos pontos de apoio para decisões. Mais adiante discutiremos melhor todas as estratégias que nossas entrevistadas se utilizam para dar conta dessa tripla jornada. No entanto, fica uma ressalva neste aspecto.

Por outro lado, em se tratando das entrevistadas que nasceram em Florianópolis, Debi e Rebeca, ambas, falaram que tiveram experiências fora da cidade.

Bom eu sou natural de Florianópolis, moro aqui já há 37 anos - moro na Tapera, sul da ilha, sempre morei lá. Tive um percurso onde eu fiquei um ano fora, morei em Pinhalzinho, centro oeste. - Depois retornei pra cá, por questão de trabalho, lá é muito fraco, remuneração muito pouca e pessoal muito focado em plantação, então não era o que eu queria pra mim. (Debi dos frios)

Eu sou daqui... Eu nasci no Saco dos Limões, depois eu fui pro Pantanal e hoje eu moro aqui na Costeira. Teve uma época que morei no Rio de Janeiro, morei cinco meses lá, mais acabou que não deu certo o relacionamento que tive, e dai voltei e comecei a retomar tudo, estudo, trabalho. (Rebeca conferente)

A única entrevistada que é natural de Florianópolis e não teve experiência de trabalhar fora foi Tânia, porém, nos conta a sua trajetória e de sua família na cidade,

Eu nasci no João Paulo, hoje se chama João Paulo, antigamente se chamava Saco Grande, é em Florianópolis – eu nasci na ilha. Depois quando eu tinha uns 8 anos, eu fui morar em Biguaçu – ali em Três Riachos, morei ali uns dois anos – depois fui pro bairro Bom Viver e morei lá mais uns 2 anos, saí de lá com 10 anos e vim pra Costeira. Morei na Costeira por 20 anos... A minha mãe quando se separou do meu pai a gente veio pra Costeira – e eu morei com a minha mãe até casar... A única casa própria que tivemos – foi quando eu morava no Saco Grande onde eu nasci (João Paulo), era terreno da família da minha vó e

o meu pai de herança ganhou aquele terreno, meu pai vendeu aquele terreno com a intenção de comprar em Biguaçu, quando ele chegou lá, o valor de Biguaçu era completamente diferente e a gente não conseguiu comprar naaada. Ele não conseguiu emprego e ele gastou todo o dinheiro do terreno em aluguel e em comida. E a gente se viu morar até de favor. (Tânia do eletro)

Todos esses relatos foram extremamente importantes, pois nos deu abertura para pensar no caso de – Debi, Ana, Rosa e Rebeca – as estratégias relacionadas com a própria escolha da cidade e também da importância das redes familiares nesses processos de entrada no mercado de trabalho.

Em seguida, perguntamos quem são as pessoas que moram com elas, para, a partir disso entender como se desenrolavam as atividades. Além disso, questionamos sobre as divisões das tarefas dentro de casa, bem como elas enxergavam essa divisão. Também, procuramos saber como era o dia de trabalho e de estudo, o que elas costumavam fazer para conseguir dar conta das três esferas - trabalho remunerado, trabalho doméstico e os estudos - quais as estratégias que elas criavam para poder dar cobertura a tudo isso.

Outro ponto também que procuramos saber com as atendentes, era a existência ou não de um incentivo quanto aos estudos por parte dos familiares e amigos, se existia um incentivo no ambiente familiar delas, ou se na própria escola havia alguma ajuda, verificar afinal de que maneira esses incentivos contribuíam com as suas opções pelos estudos. E por fim procuramos saber das suas notas, e o que elas costumavam fazer nos horários vagos, como no intervalo do trabalho e das folgas.

Examinamos isso, pois, como aponta Silva (1995), os indivíduos como tal, podem garantir seus deslocamentos no espaço social, promovendo sua mobilidade social por meio das próprias relações que esses criam. Nessas estratégias estariam sendo acionados ou reconvertidos, os diferentes tipos de capital, especialmente o capital cultural, de acordo com as disponibilidades individuais.

4.2 A) Rotina das entrevistadas e das pessoas que moram com elas

Iniciamos essa parte da pesquisa perguntando quem morava com essas e como era a rotina de todos, na casa. Para aquelas que são casadas, notamos que a rotina era bem exigente, uma vez que as mesmas

são as grandes responsáveis pelo cuidado da casa, mas há a contribuição de seus esposos e filhos. Além disso, outro ponto trazido por elas é a importância da mãe, como uma estratégia para conseguir trabalhar e estudar, pois no tempo em que estão fora, são essas mães que cuidam das crianças.

Hoje quem mora comigo é meus três filhos, e meu esposo. O Jonathan tem 19 anos, o Gabriel tem 17 e a Heloisa tem 10 anos. O meu esposo sai de casa 6h da manhã volta às 23h da noite, ele trabalha em dois empregos, ele trabalha de manhã terceirizado – uma empresa terceirizada, como marceneiro, e à noite ele é técnico em instalação de forro PVC e divisórias na Eletrosul. Já o Jhonatan o meu de 19 anos, ele sai de casa 6:30h da manhã, trabalha de promotor, trabalha aqui no mercado em uma agência, iii... joga futebol. Já o Gabriel ele faz técnico em manutenção- suporte de computação (...) à noite e de tarde ele fica estudando. E a Heloisa faz o quarto ano, e fica à tarde na casa da minha mãe até a hora que chego em casa na hora do serviço. Bom e o meu... (risos) é puxado demais. Eu acordo todo dia às 5 horas da manhã e vou arrumar a casa, adianto todo o meu serviço, dou uma limpada, lavo roupa, passo, adianto o almoço quando não faço à noite pra deixar o almoço pra quando eles chegam da escola. Arrumo também a Heloisa, e espero a topic dela passar e depois então eu venho trabalhar. Eu saio de casa daí às 7h, trabalho até 16h da tarde e daí vou pra ginástica que eu faço três vezes por semana no SESC - eu acho que a gente tem que cuidar um pouco da gente e faço 1 hora. Depois vou pra faculdade de logística, aí passo na minha mãe e pego a minha filha, chego em casa mais ou menos às 23h30min. No estudo o mais velho já se formou e é jogador de futebol, ele parou faz pouco tempo. Mas pretende estudar, ele quer fazer uma faculdade de Educação Física. O meu esposo trabalha – mas ele – só concluiu o Ensino Médio. Mas eu vivo falando pra ele fazer uma faculdade, ele diz que vai fazer, mas que agora não é o momento. (Debi dos frios)

Ana também aponta a cobrança que ela faz com ela mesma em relação ao tempo que não pode dedicar aos filhos, por conta do trabalho e do estudo,

Eu, meu marido e meus três filhos. A minha rotina agora tá horrível (risos) – quanto ao lado mãe assim. Porque como eu tô estudando, eu venho pra cá, eu entro aqui às 7h, eu saio de casa às 6h da manhã, aí fico aqui até às 16h30min, daqui eu vou direto pra faculdade. Chego em casa às 23h. Eu passo na casa da minha mãe, que é na mesma rua que a minha, pego as crianças, levo pra casa. Se tem algum acordado, a gente dá um boa noite e tals, isso de segunda a quinta-feira – sexta-feira que é quando eu não tenho aula, aí eu saio daqui às 16h aí vou direto pra casa, aí a gente sempre tenta fazer alguma coisa diferente – já que a semana toda é muito ausente – eu sou muito ausente pra eles durante a semana por causa da faculdade. Então a gente sempre sai pra fazer alguma coisa, ou um lanche, ou a gente fica brincando com eles mesmos em casa. A rotina do meu marido, é a mesma que a minha. A gente sai junto, a gente faz o mesmo horário. A gente estuda na mesma faculdade e a gente volta no mesmo horário. Ele é promotor de vendas. (Ana da padaria)

No Caso de Tânia, já que o marido tem um horário flexível no trabalho, pode proporcionar a ela uma ajuda maior com os cuidados com a casa e o filho, e, além disso, ela também conta com a ajuda da irmã que mora com ela.

Mora eu, meu filho, meu esposo e minha irmã. O meu filho ele é meio guarda compartilhada – meio contra a minha vontade – mais é guarda compartilhada. Então o meu filho fica alguns dias da semana comigo e uns dias da semana com o pai dele – terça e quinta com o pai dele – e segunda, quarta, sexta, sábado e domingo, um final de semana é dele o outro é meu. Nos dias que ele está comigo, eu vejo ele bem pouco,

porque eu tô estudando né?! Então às vezes eu peço pra ele ficar um pouquinho mais tarde acordado pra mim da um beijinho nele. Mais eu curto mais ele nos finais de semana. O meu marido trabalha de promotor de vendas, que é reposição de uma marca específica nos supermercados e ele faz essa rotina toda de levar meu filho pra escola, de buscar de dar o almoço – porque promotor tem horário flexível - o que eu não tenho aqui. Meu filho estuda de manhã então ele leva, busca e à tarde fica com ele, aí ele faz o serviço dele mais na parte da manhã, quando meu filho está estudando, pra de tarde cuidar dele. E a minha irmã trabalha como auxiliar administrativo numa escola. A minha irmã mora comigo (...) ela é fundamental porque ela me dá uma força com os cuidados da casa. A minha rotina então, hoje (risos)... eu acordo todos os dias às 5 horas da manhã, pego o ônibus de 5:25h e chego aqui 6:30h – a Palhoça é bem distante daqui – aí eu fico aqui até umas 16:30h, tomo o meu café e vou direto pra onde eu estudo que é na Estácio de Sá, ali em Barreiros, fico ali até as 22:45h, chego em casa umas 23:30h tomo um banho e me deito, porque no outro 5:30h da manhã eu tenho que está de pé de novo. (Tânia do eletro)

No caso de Rosa e Rebeca, que são solteiras, percebemos muitas coisas parecidas e que também se distanciam em parte de Ana, Tânia e Debi, pois essas moram com os pais, e tem apenas um filho, assim, a família (pais) cumpre um papel importante para que elas consigam dar conta dessa tripla jornada. Pois, morando com suas mães, a responsabilidade de cuidar dos filhos e da própria casa acaba ficando um pouco maior para suas mães.

Eu, meu pai, minha mãe e minha filha. A minha filha estuda no colégio Adventista no centro, nós duas acordamos cedo, eu venho pro trabalho e ela vai pro colégio. Ela almoça em casa com os meus pais, meus pais ficam em casa, meu pai hoje é aposentado, então fica só em casa com a minha mãe. E ela chega e eles dão almoço pra ela, ela

faz a tarefa e ajuda um pouquinho em casa. Eu não, eu almoço aqui na loja, chego em casa tomo um banho e vou pra aula. E quando eu retorno eu vejo as tarefas com ela, algumas coisas a gente conversa um pouquinho, mas bem pouca coisa assim, é mais final de semana mesmo, é muito corrido. Então eu saio da loja correndo e vou pra casa, tomo um café, tomo um banho e faculdade, e retorno à noite, por volta das 22h40min. (Rosa do crediário)

Eu moro com a minha mãe e meu filho. O meu dia é acordar às 5:30h mais ou menos, trabalho aqui no mercado das 6h até às 15:30h, tenho 1:15h de intervalo de almoço. É onde eu pego o meu filho vou em casa – que eu moro aqui do lado – eu almoço, eu preparo um lanche, eu ajudo a minha mãe na cozinha, terminar a louça e tals, faço o lanche dele e levo ele pra escola que é 1 km daqui, e volto pra trabalhar. Aí trabalho até 15:30h, aí das 15:30h até às 17:30h é o tempo que eu tenho pra estudar um pouco, descansar um pouco, pego o Arthur na escola, deixou ele em casa e vou pra aula, e fico até às 22h na UDESC. Essa é minha rotina, aí vou dormir 00h mais ou menos, minha rotina de sono tem sido 5 horas. A minha relação com o meu filho é muito aberta, ele sabe que é preciso desse momento da universidade, então eu chego em casa, ele gosta de ver o meu caderno, é uma relação bem gostosa. Ele sente um pouco de falta, eu jogo XBOX com ele quando dá, então a gente tenta suprir, o momento que eu levo ele pra escola, à noite também em vez de eu dormir cedo e fico até mais tarde acordada com ele, ele gosta desse momento com ele, eu leio a Bíblia pra ele ainda, leio história. (Rebeca conferente)

Percebemos na fala de todas as entrevistadas a necessidade de uma ajuda externa, nesse caso a ajuda dos pais, para poder dar conta dessa rotina. Normalmente as entrevistadas deixam as crianças mais novas com os pais no período em que elas estão fora.

Por meio dessas estratégias rotineiras com o cuidado dos filhos e da casa que as entrevistadas desenvolvem, percebemos a importância

crucial das redes de relações. Como aponta Lahire (1997), entende-se como rede de configuração toda a rede de inter-relações vivenciadas pelos sujeitos com aqueles outros sujeitos que com eles interagem, seja no espaço público do contexto de trabalho, do contexto de estudo e do contexto familiar alargado, ou no espaço familiar privado do domicílio. Isso significa que essas redes de interdependência humana são forjadas pelo conjunto dos diferentes elos que interligam as relações entre os sujeitos sociais e que propiciam criar certos tipos de estratégias.

4.2 B) Divisões da tarefas no âmbito familiar

Diante disso, procuramos saber sobre as divisões das tarefas dentro de casa, e observamos que Ana e Debi que são casadas, têm hábitos diferentes de Rosa e Rebeca que moram com seus pais. No caso de Ana e Debi, elas acabam se responsabilizando e sobrecarregando as tarefas para elas, isso porque, elas são as únicas mulheres dentro do âmbito familiar. Mesmo falando que os seus maridos ajudam, percebemos na própria fala delas que o trabalho deles é algo secundário, é uma ajuda, como por exemplo - no lavar a louça, estender a roupa – o que não retira valor, mas a responsabilidade sobre essas atividades depende em última instância delas.

Independentemente dos novos modelos de família em que os comportamentos sociais já sofreram grande influência das novas relações de gênero ou do pertencimento de classe social, percebemos que os afazeres domésticos são considerados, na maior parte dos casos, como responsabilidade e obrigação para as mulheres (tidas como donas de casa) e, para os homens, como opção de ajuda eventual e a título de cooperação (quando esses têm disponibilidade). E percebendo a partir da própria fala delas que o serviço de casa acaba sendo algo de responsabilidade da mulher, existe, portanto, uma incorporação no ambiente familiar dos estereótipos de gênero tradicionais sendo reproduzidos, como mesmo aponta Araújo (2005). Mas, por outro lado, não se pode diminuir essa “ajuda”, pois para elas conseguirem dar conta do trabalho e do estudo, isso acaba influenciando diretamente nas suas estratégias.

É bem dividido assim... é muito puxado pra mim.
Meu marido me ajuda muito, normalmente.
Dentro de casa nas tarefas domésticas, eu fico
com essa parte de lavar roupa, passar, arrumar a

casa - e ele fica com a parte mais de limpar o banheiro, arrumar o quintal e o meu filho também ajuda o meu esposo.. Normalmente nos finais de semana, é ele quem arruma a casa junto comigo. Mas o meu filho do meio quando chega em casa a tarde ele sempre me ajuda, ele lava uma louça, ele organiza o restante, ele passa uma vassoura, ele passa um pano, ele lava banheiro. Eles dão uma ajuda no geral. (Debi dos frios)

A menina, a mais velha me ajuda assim bastante. O menino já não muito, só quando a gente pede. Mais ela é quem me ajuda. O meu marido também me dá uma mão. Mas... eu que faço as coisas, e aí chamo eles pra me ajudarem – ou vem por conta própria mesmo. Na sexta-feira, ele chega mais cedo que eu, então ele chega em casa, ele já adiantou – se tem que fazer feira, alguma coisa ele já fez. Se tem que botar uma roupa na máquina, ele já colocou. (Ana da padaria)

Por outro lado, temos o caso de Rosa e Rebeca que, como já falamos acima, são solteiras e moram com seus pais. Percebemos nelas outro discurso, são definitivamente as mães das entrevistadas que cumprem um papel fundamental para que elas consigam dar conta dessa tripla jornada. No caso de Rosa, percebemos que, se não fosse sua mãe, seria muito difícil conciliar essa tripla jornada, pois a mãe de Rosa acaba ficando com a parte mais pesada da limpeza de casa.

A minha mãe que é responsável. E na quarta-feira, foi um dia que eu não peguei nenhuma disciplina, que é pra eu dar conta de cuidar dela, e fazer as coisas que eu tenho que fazer. Mas a minha mãe, ela lava a roupa, recolhe, passa as coisas assim. As tarefas maiores do lar, ela me ajuda bastante. Por ela tá em casa assim, o dia toda é que eu consigo fazer tudo isso, se não seria bem mais difícil. (Rosa do crediário)

Já no caso de Rebeca, ela também coloca do papel que tem a mãe nesse processo. Como vivem na casa, ela a mãe e o filho de nove

anos, expõe que a mãe dela cumpre um papel importante e que sem a sua presença seria muito mais complicado, se não impossível.

A minha mãe tem um papel importante, sem ela não ia tá conseguindo fazer isso tudo, porque eu tenho um filho de 9 anos né?! É pequeno, menor de idade, se não fosse ele, aí tudo bem, era tranquilo porque a gente se vira, mas uma criança aí ela me dá um grande apoio. Somos só nós três em casa né. Quase tudo das tarefas é por conta dela, eu dou uma força assim durante o dia, com eu posso, mais é muito pouco ainda. Mas é porque não tem tempo mesmo, não sobra né?! E a minha mãe ela não é nova, ela já ta com... ela vai fazer 69 anos, então já puxado também pra ela. (Rebeca conferente)

No caso de Tânia, pelo fato de sua irmã morar com ela e o seu esposo ter um horário mais flexível, percebemos que eles acabam ficando com a responsabilidade da casa pra eles, e isso contribui para ela conseguir dar conta dos estudos.

Antes do curso era muito mais fácil, porque antes eu saía daqui umas 15:30h – hoje eu fico até às 16:30h pra fazer horário pra ir pra aula. Então umas 17h eu tava em casa, então eu fazia todos as minhas rotinas, eu botava roupa na máquina pra lavar, varria a casa, estendia a roupa e deixava até a janta pronta pra eles jantarem pra no outro dia eles terem o que almoçar. Agora não dá mais, agora eles que estão se virando da forma que dá, porque agora que eu chego em casa quase meia noite, eu não boto nem máquina pra lavar. E aí a responsabilidade da casa, eles se dividem (irmã e o esposo), a minha irmã chega em casa às 20h da noite, e ela geralmente bota a máquina pra bater, o meu marido quando chega em casa já varre a casa. E quando eu chego em casa a louça sempre tá lavada. O meu marido sempre me ajudou, mas bem menos que agora, porque quando ele chegava já estava pronto. Ele mudou pra esse serviço porque a rotina minha toda mudou, antes ele trabalhava em um serviço, que ele chegava

em casa só às 19h da noite, então também era complicado pra ele. (Tânia do eletro)

4.2 C) Setor de serviços – sua entrada e trajetória

Após sabermos sobre as suas estratégias de divisão do trabalho doméstico no ambiente familiar e de como as entrevistadas entendem por essa divisão, adentramos sobre a questão do trabalho, e nesse ponto procuramos saber como se deu a entrada no supermercado, qual a função delas e o que fazem.

Todas as entrevistadas cumprem hoje no supermercado um papel de chefia e, com isso, tendem a ter maiores responsabilidades. Para tal, portanto, procuramos identificar como se deu a entrada no supermercado, quais razões as levaram a trabalhar nesse atual emprego e que atividades exercem.

O que percebemos foi que, das cinco entrevistadas, quatro delas – Debi, Ana, Rosa e Tânia, sempre trabalharam no setor de serviços. E como nos coloca Sennet (2000), ao mesmo tempo em que os capitais globalizados transbordam as muitas ricas e modernas fortalezas globais do serviço de ponta, é também por esse mesmo capitalismo que encontramos os novos e excludentes empregos, no mais das vezes intermediados por agências de trabalho temporário que contratam desde os operadores de caixa de supermercado, faxineiras, entre vários outros tipos de funções para empregos pouco qualificados na área de serviços variados. O que nos mostra que esse serviço tende a ser mais precário e instável como mesmo aponta Hirata (2001).

Debi, na entrevista, conta que começou a trabalhar em supermercados aos 16 anos, que passou por outras experiências, mas que acabou voltando para o supermercado.

Bom eu trabalho em supermercado - eu entrei aqui - primeira vez eu tinha 16 anos, eu sempre trabalhei com o público, sempre trabalhei em mercado. Trabalhei 10 anos no Santa Mônica, no supermercado, depois saí. Trabalhei em comércio em lojas não gostei, daí voltei pro mercado de novo. Eu gosto - eu faço - um trabalho diferenciado, eu gosto de trabalhar o lado humano das pessoas, me preocupo muito com o bem estar delas porque eu sei que isso reflete lá na frente, procuro trabalhar bem o grupo para

todos estarem bem. Eu comecei aqui no mercado como summelier, eu também fiz um curso no SENAC, depois de Summelier me destaquei pela organização, pelo atendimento, fui de líder de balcão de padaria me destaquei também. Assumi a rede de açougue na qual fui a primeira mulher a cuidar de um açougue durante três anos. Com o meu bom... acho que foi até meu ótimo desenvolvimento no açougue, eu assumi o de frios. Que eu tenho uma equipe já tem 6 meses, sem faltas, sem atestados, pessoal bem unido, e é isso. (Debi dos frios)

Rosa também tem uma história parecida com a de Debi, ela sempre trabalhou em supermercado, ela conta que sua experiência foi toda nele, primeiro porque trabalhou no mercado da sua irmã, segundo porque, quando casada com seu ex-marido, chegou a ter um minimercado. Porém, ela ressalta que todas as vezes que tentou mudar de ramo, não conseguia, porque segundo ela, contava muito a experiência. Essa frase de Rosa lembra uma parte do texto de Telles (2006, p.185), quando a mesma aponta que em um circuito de trabalho fechado em supermercados é muito difícil de conseguir rompê-lo. A autora conta sobre o caso de Marcelo, um entrevistado na sua pesquisa realizada em São Paulo, em que o mesmo aponta “uma vez em supermercado, sempre em supermercado”.

Eu já tive um supermercado, eu tive um minimercado na verdade, e depois meu casamento não deu certo e a gente fechou a empresa e eu acabei trabalhando no mercado que a minha irmã montou e a minha irmã ficou nesse supermercado bastante tempo. E eu como cheguei em Florianópolis, e acabei indo trabalhar em supermercado eu acabei que a minha experiência foi toda em supermercado, toda vez que eu tento mudar de ramo contava essa coisa da experiência e então eu acabei caindo em supermercado novamente. Eu comecei a trabalhar aqui em 2007, eu já trabalhava com mercado antes. Fazendo mais ou menos a mesma função trabalhava em frente de caixa, aí eu resolvi deixar um currículo, que eu sabia que ia abrir essa loja. Eu vim até a loja, fui até São José, deixei um

currículo, logo depois eles me chamaram e o cargo que eles me ofereceram foi operadora de caixa e eu não quis. Daí me ofereceram uma vaga pra fiscal de caixa, daí como era bem próximo da minha casa, o salário não era muito diferente, eu troquei, saí da empresa que eu tava e vim pro mercado aqui. Do qual eu já estou há 7 anos. Depois eu cresci, o mercado deu bastante oportunidade. Eu estava há dois anos em frente de caixa, como fiscal daí o meu gerente da época, me convidou pra ser líder de crediário. Se eu queria, e eu disse que sim. E eu sempre fui muito responsável, comprometida e ele gostava do meu trabalho e me convidou pra ser líder de crediário, e onde eu já estou há 5 anos. Eu tenho uma equipe bem legal, eu mesmo contrato a minha equipe, nos temos metas - não parece - mas é bastante coisa que a gente faz naquele “quadradinho”, ali nós fazemos contratos de boletos, convênios de empresa, nós fazemos a liberação dos boletos, verificamos limites, cadastramos cheques, fazemos ligações pra clientes - crédito ao cliente. (Rosa do crediário)

Ana e Tânia, por outro lado, entendem que sua entrada no supermercado se traduz como uma primeira opção,

A gente morava lá nos Ingleses, e daí a gente trabalhava em um restaurante lá. O meu filho mais novo fez uma cirurgia, meio complicada, e eu pedi minhas contas nesse restaurante pra cuidar da recuperação dele. Eu tenho uma madrinha minha que mora aqui na Tapera, e daí ela perguntou se a gente não queria morar pra cá, pra nos auxiliar. Como minha mãe não morava aqui ainda, pra ela ajudar, que o aluguel era mais barato - que o custo de vida era mais barato, a Tapera é mais barato que os Ingleses. Daí a gente mudou, daí quando ele se recuperou bem, passou aquele período de recuperação, eu tinha que procurar emprego. E daí tinha uma vizinha dela que era líder aqui no mercado, e daí ela conseguiu pra mim aqui. Onde eu trabalhava nos frios. Eu comecei trabalhando no setor dos frios,

como repositora. E consegui um cargo de chefe nos frios, fui promovida a repositor sênior, depois a repositor pleno e depois pra líder. Daí com a função do horário da faculdade, porque aqui tinha que fazer fechamento, daí conversei com o gerente, não tinha mais como fazer, se ele podia dar minhas contas, daí ele me remanejou pra outro setor... A minha função hoje, eu sou controladora da ordem de produção lá da padaria. Então tenho que controlar todo o estoque, tenho que controlar o que foi produzido, pesagem, fazer nota de entrega, nota de transferência, mais na parte burocrática lá. (Ana da padaria)

Eu quando comecei a trabalhar aqui, eu comecei meio que no desespero porque eu tinha acabado de me separar, e eu tava desempregada e eu tinha que arrumar emprego de qualquer jeito, pra poder criar o meu filho. Então eu botei currículo em todos os supermercados de Florianópolis, e esse foi o único que me aceitou com filho pequeno. Todos os outros rasgaram o meu currículo, e eu comecei trabalhar no mesmo setor que eu trabalho hoje né?! Só que eu não queria responsabilidade, e eu já tava com muito problema na minha vida, eu só queria ser repositora, ganhar meu salário pra pagar meu aluguel e criar meu filho. Só que nós éramos em 23 pessoas, e todos foram saindo, uns foram sendo demitidos e outros foram pedindo as contas. E chego em um momento, que só tava eu e mais uma e o resto tinha ido tudo embora. E tanto eu quanto ela ficamos por necessidade, ela então virou a líder do setor, e eu não queria ser nada, só que ela teve que pegar férias, e alguém tinha que cuidar do setor, e aí a funcionária na época mais velha era eu, então eu tive que cuidar do setor. Quando ela voltou, eu não consegui mais tirar essa responsabilidade de mim, porque ela já tinha passado toda a rotina pra mim, então eu ia nas reuniões, eu que respondia. Um belo dia, ela não quis mais, e ela foi embora, ou era assumir ou vinha uma outra pessoa de fora que eu não sabia quem era, que eu não sabia como iria se comportar, o que ia fazer comigo e com a equipe.

Então eu resolvi assumir, muito contrariada e cuidado do setor até hoje. Foi meio assim no susto, mas assim todo o lugar que eu tô eu geralmente tenho um espírito de liderança, não liderança autoritária, eu gosto de liderança, no sentido de incentivar as pessoas, de estar ajudando as pessoas a fazer. Mas eu não gosto de certas coisas da liderança, tipo, demitir, ser dura com as pessoas, decidir os futuros das pessoas, quando tu demite alguém tu tá prejudicando uma família inteira. Eu não gosto disso, às vezes a empresa te obriga a fazer injustiça. Quanto ao papel que eu cumpro aqui, hoje, por exemplo, é o dia que troca o Cart, que aquela revistinha que chega nas casas das pessoas com as ofertas né?! Aí a gente chega mais cedo, vem um monte de alteração, vai mudar todo o preço que tava no caderninho, vai voltar para o preço antigo, para o preço normal e vai entrar as novas promoções. Daí tem que trocar todos esses preços, depois conferir toda folha pra ver se os preços estão corretos na prateleira. Depois tem que conferir pela foto, pra ver se o produto bate o preço com a foto com o preço que está ali. Depois tem que ir lá atrás e pegar carga e abastecer todo o produto da loja, organizar, limpar tudo, isso tudo até às 16h. Depois tem que fazer reunião com o pessoal, pra passar o que vai ficar pra eles fazerem depois que eu for embora e assim vai. (Tânia do eletro)

Rebeca foi a única que teve experiências com a formação do magistério e também de assistente social, todavia, na entrevista ela conta que teve algumas propostas de emprego, porém, a opção do supermercado foi mais atrativa na época. Segundo ela, essa opção, foi por uma questão de estratégia para dar conta tanto do trabalho quanto do estudo, já que o supermercado fica ao lado de sua casa. Segundo Rebeca, o salário que pagam para uma assistente social fica próximo do que ela ganha como conferente de loja e, por isso, a escolha pelo supermercado tornou-se mais atrativa. Além disso, a entrevistada fala sobre o seu percurso dentro da empresa, os setores que passou, as questões que a levaram a mudar de setores.

Uma delas foi a facilidade, porque eu moro aqui do lado então ...eu tive algumas propostas na época em que eu entrei aqui, tô aqui 4 anos, e entrei na época no departamento pessoal mas daí era muito puxado, eu era sozinha no DP e não dei conta, aí pedi pra trocar de setor e acabei indo pro recebimento, conferente. O horário agradável – não tanto de acordar cedo - dá sono – mas saiu às 15:30h, então se eu precisar ir no centro, fazer alguma coisa ainda dá tempo, se eu precisar ir no médico, não tem história de ficar dando atestado, eu não gosto. Um dos motivos então daquelas 3 ou 4 opções que eu tinha no momento de escolha, foi a mais atrativa na época, por ser departamento pessoal, o horário, e por ser do lado de casa na época o horário era outro. Na conferência eu estou há 1 ano e meio, eu pedi pra sair do departamento pessoal, não tava mais dando conta, ou então eu ia sair daqui. Como eu não tinha nenhuma proposta fora daqui, aí em uma conversa que a gente teve aqui, junto com a diretoria a gerência, aceitaram que eu ficasse dentro do supermercado mas em outro setor. (Rebeca conferente)

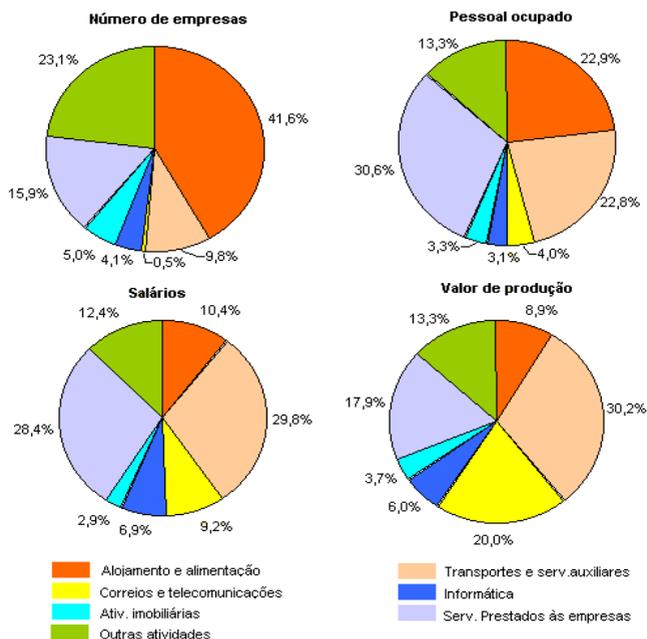
Percebemos na fala de todas elas que a entrada no supermercado está como uma primeira opção nas suas atuais circunstâncias, apesar de ser um setor muito instável. Como aponta Telles (2006, p.2), as realidades urbanas vêm apresentando desafios consideráveis, isso porque, seguindo a nova geografia dos empregos e as novas polaridades e segmentações entre os reduzidos e seletivos empregos estáveis, são miríades de empregos precários que vêm se proliferando. De fato, a instabilidade é a regra, sobretudo para os trabalhos pouco qualificados, como é o caso do trabalho em supermercados.

Apesar de nossas entrevistadas hoje cumprirem o papel de chefes de setores, o que acarreta maiores responsabilidades e ao mesmo

tempo dá certo status para essas trabalhadoras em relação aos seus colegas de loja, não deixa de ser um tipo de trabalho precário, instável, de baixos salários. Hoje, os supermercados são grandes contratadores de mão de obra, como mesmo aponta a tabela 9, em que o setor de alimentação tem o segundo mais alto índice de pessoas ocupadas, 22,9%, e com um dos salários mais baixos, 10,4%.

Tabela 9: Participação dos segmentos na pesquisa anual de serviços

Gráfico 3 - Participação dos segmentos na Pesquisa Anual de Serviços - 1999



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Comércio e Serviços.

Fonte: IBGE

Para Telles (2006, p.3), esses grandes supermercados se multiplicaram no decorrer da década e desenharam um grande arco que chega até às periferias mais distantes da cidade. Isso significa que esses grandes equipamentos de consumo já compõem a paisagem urbana, e como consequência disso redefinem circuitos e práticas urbanas, alteram

escalas de distância e proximidade e operam como referências de tempos/espacos cotidianos.

4.2 D) Escolarização – Incentivo da família

Seguindo adiante, procuramos, então, adentrar sobre o tema da educação. Começamos perguntando a elas sobre o incentivo ao estudo, que surge a partir da família, se existe ou não, e de que maneira isso aparece.

Debi e Ana falaram que de uma forma geral existe um incentivo muito importante por parte da família e dos amigos.

Existee...de toda família, não só da parte da minha casa, mas como minha mãe minha irmã, todo mundo. O meu esposo também me incentiva muito, ele sabe da minha vontade de estudar, sempre soube que eu sempre gostei, então ele sempre me incentivo. E desse curso que eu tô fazendo, ele que viu e ele chegou em casa e me mostrou o site e juntos fizemos a inscrição. Mas... eu ainda quero fazer a psicologia, então eu não vou parar aí. (Debi dos frios)

Sim, de todos. Em casa, amigos, primos, todo mundo na maior empolgação, todo mundo me incentiva bastante. Porque todo mundo sabe que é o que eu quero nesse momento sabe. Hoje eu estou com 43 anos... então não é fácil a gente acompanhar uma turma de 2º fase de universidade como eu tô, acompanhar uma turma de 17, 18 anos como eu tô. Só que a cabeça que a gente tem agora é melhor pra pegar, então tu vê de uma outra forma as coisas da universidade. É uma correria, tem dias que da vontade de chorar mas...que nada esse é meu objetivo. (Rebeca conferente)

Por outro lado, Ana nos conta que, mesmo com o incentivo do marido ela às vezes pensa em desistir,

Eu fiz a matrícula do meu marido, ele queria fazer mas nunca ia fazer a matrícula dele. Daí quando surgiu esse curso, que é do PRONATEC,

daí eu fiz a minha matrícula aqui na empresa, fez eu e um colega meu, e aí, eu já fiz a dele. Depois que a matrícula dele estava pronta é que eu falei – ó fiz tua matrícula. E hoje é ele que me incentiva a estudar, porque como eu acho que tô muito ausente com os meus filhos, eu já pensei em duas vezes em desistir, de estar faltando pra eles. E daí ele e meus filhos me incentivam muito assim, os dois mais velhos. (Ana da padaria)

Rosa nos conta que, por parte da mãe, existe um incentivo, mas quanto ao seu pai ela não sente tanto,

Não. Da minha mãe – por parte da minha mãe – sim. Eles têm só até o ensino fundamental, eles não tiveram um incentivo também. A minha mãe sim, mas o meu pai quando eu digo que estou cansada, em épocas de provas, estou um pouco estressada, ele diz: Por que fosse se meter nisso?! Tipo questionando um pouco a minha idade, porque eu demorei muito pra ir pra faculdade, mas eles não opinam na vida particular da gente. Então se eu decidir que vou parar amanhã eu paro, e eles não dão opinião. (Rosa do crediário)

Tânia já nos mostra que a família incentiva muito, mas seu filho ainda resiste ao fato dela se ausentar,

Existe por parte da minha irmã e do meu marido, o meu filho é completamente contra, ele reclama, ele chora, ele pede pra eu faltar - depois no final ele diz que entende – ele tem 8 anos né?! O meu marido e minha irmã, eles me incentivam muito, ele até me busca todos os dias na Estácio, porque seu eu fosse voltar de ônibus – eu nem sei como chegaria em casa – porque eu ia ter que pegar um ônibus da faculdade até o centro e outro para ir pra Palhoça. Ia ser muito mais complicado, e então ele me busca todos os dias, tá sempre disponível, leva o Jhonatan que é o meu filho pra eu ver ele. A minha irmã também, eles ajudam muito. (Tânia do eletro)

De um modo geral, todas as atendedoras de supermercado recebem algum tipo de apoio, incentivo, que surge desde o ambiente familiar, até os amigos que estão mais próximos da sua rotina. Elas apontam muito as dificuldades que elas enfrentam para conseguir estudar. Como a própria Rebeca registra, “às vezes da vontade de chorar...”. Elas estão tão sobrecarregadas que se cansam e extravasam, mas isso não as desmotiva, pelo contrário, isso é um estimulador para elas continuarem.

4.2 E) As motivações para estudar

As questionarmos quais eram os motivos que as fizeram voltar a estudar, já que todas elas estavam voltando depois de anos fora da escola, as suas respostas convergiam em termos de narrativas similares: de um lado a opção pelos estudos se referia a uma tentativa de maior valorização pessoal no mercado de trabalho, por outro lado, elas ansiavam por dar vazão às suas aspirações de vida, às suas vontades de projetar-se de outra forma. Ou seja, a vontade de fazer uma faculdade, um curso técnico, estaria vinculada diretamente com a possibilidade da sua realização pessoal.

Bom eu acho que o estudo é uma coisa que te cobram todo dia, uma cobrança diária assim. Ou tu faz, ou corre atrás de um objetivo pra ti ou, tu vai parar no tempo e vai ficar pra trás. Então eu acho que a juventude de hoje vem se preparando. E é isso aí, a gente tem que estar no mesmo ritmo que o deles. (Debi dos frios)

Ah estudar! Quando eu engravidei da Nati, eu tinha passado na Escola Técnica pra Edificações e daí eu tranquei meu curso que daí eu achei que não ia conciliar. Daí eu fiquei sempre com aquilo na cabeça. Sabe? Com aquilo de que eu tinha que voltar a estudar, só que eu achava que não ia conseguir conciliar mais pelas crianças. Como apareceu esse curso e é área que eu tô trabalhando aqui na empresa e é de graça (sorriu). Aí eu conversei com a minha mãe, aí ela disse que me ajudava com as crianças – então é agora. Eu precisei da ajuda dela pra ficar com os meus

filhos nesse horário que eu não tô. Mas eu fazendo esse curso vai ser bom, porque eu posso tentar algo aqui dentro da empresa mesmo, no setor de logística. (Ana da padaria)

É! O que me motivou de fato? Olha. Eu quero dar uma vida melhor pra minha filha, eu sempre busquei isso, eu sempre incentivei ela. Eu digo pra ela que ela vai fazer uma faculdade. Eu trabalho isso na cabeça dela, isso desde cedo. Incentivo ela à leitura, meus sobrinhos também assim, procuro conversar bastante com as minhas irmãs assim a respeito. Mas assim – bem em busca de uma qualidade de vida. (Rosa do crediário)

Só que... eu estou 7 anos em supermercado, e isso não é vida, não é uma coisa pra tua vida, eu sei que eu posso ser mais que isso aqui. Aí o pessoal começou a falar, colegas aqui que trabalham comigo que estudam pelo PRONATEC começaram a falar, “vai, vai é bom”, ii eu fui fazer massoterapia. Nunca gostei de nada da área da saúde, tanto que quando eu ia fazer faculdade na época do PROUNI, eu ia fazer gastronomia que eu gosto bastante. Mas eu disse eu vou pelo dinheiro, porque dizem que massoterapia dá bastante dinheiro, se for trabalhar informalmente. Então eu fui pelo dinheiro. E quando eu comecei a ter as minhas primeiras aulas de anatomia... eu me apaixoneei. Eu “devoro” os livros, eu amo estar lá, eu pergunto, e assim, eu tô amando fazer. Eu fui pelo dinheiro mas hoje eu tô amando, talvez eu até faça outra faculdade, ou também da pra fazer especialização em acupuntura, várias outras áreas. Mas também pode ser que eu faça fisioterapia, porque eu amei estudar o corpo humano. Então o que me motivou foi sair dessa rotina assim, hoje, eu vou fazer 31 anos e eu tô 7 anos aqui e eu tô sentindo o meu corpo já não está correspondendo mais como quando eu entrei aqui. Eu não tenho o mesmo pique, eu venho cansada, e a rotina é estressante, cansativa, é muito complicado, eu tô cansada. Cansada

psicologicamente, e fisicamente também. (Tânia do eletro)

Hoje então eu tô fazendo uma segunda universidade, eu faço a UDESC agora. Me formei em Serviço Social e agora tô fazendo a UDESC porque é o que eu gosto, é a sala de aula. Então voltou as minhas raízes, da onde eu comecei. O que me motivou a estudar de novo? É mais por uma realização pessoal mesmo. Eu sempre gostei da área de educação, eu gosto da sala de aula, não vou dizer que vou voltar pra uma sala de aula, mas eu quero voltar pra dentro da escola. O Serviço Social eu terminei mesmo pra não parar no meio do caminho, eu sempre gostei me enriqueceu muito, uma visão política, uma visão social, é muito bom. Eu não fui trabalhar no ramo, porque pra entrar aqui (assistente social), é mais por concurso público ou só se pegar alguma ONG, alguma empresa privada que tenha assistente social e não é bem remunerado também né. E remuneração eu prefiro ir ficando aqui no mercado, porque aqui me compensa um pouco mais do que for trabalhar fora e longe de casa, porque aqui eu ainda consigo um tempo pro meu filho e fora daqui não. Então eu tenho que submeter, me sujeitar a trabalhar em um depósito daqui – que eu não gosto – e é um dos motivos que eu quero mudar - então é uma realização pessoal que a gente gosta e não adianta. (Rebeca conferente)

Como coloca Bruschini (2007, p.180) a respeito das mudanças nos padrões de comportamento das mulheres ao longo dos anos, essas profundas transformações foram intensificadas, sobretudo, pela presença feminina cada vez mais atuante nos espaços públicos. No caso das nossas entrevistadas isso parece ser procedente, já que esse contato com as experiências de trabalho no supermercado parece ter sido importante para a tomada de decisão delas em fazer uma faculdade, ou um curso técnico e que acarretou nesse processo de transformação de seus comportamentos. As próprias conversas com colegas de trabalho e seu mútuo incentivo, a circulação de informações sobre os cursos, a valorização das próprias capacidades que as relações de trabalho

propiciaram, são possibilidades que somaram nas suas decisões de estudo.

4.2 F) O relacionamento com os colegas de sala de aula

Diante dessa opção pelo retorno aos estudos e a motivação por encarar uma tripla jornada, pensamos que a relação com os colegas de sala de aula poderia ser mais um incentivo. Foi curioso notar que as meninas que fazem o curso técnico têm uma visão do pessoal da sala de aula diferente das outras duas que fazem faculdade pública (UFSC/ UDESC). Enquanto que no curso técnico elas sentem uma maior ajuda dos (das) colegas em relação aos trabalhos pedidos pelos (as) professores (as) e, por isso, criam relações de cumplicidade mais fortes entre eles (as), em relação à faculdade, as relações parecem mais impessoais. Ou seja, no âmbito das relações entre colegas na faculdade, embora bastante amistosas, essa cumplicidade fica restrita a um apoio moral, no sentindo de incentivá-las a continuar, no entanto nas questões práticas elas falam que cada uma cuida das suas coisas.

Como a gente – o nosso grupo – é uma sala de pessoas com idade acima de 28 anos, então uma turma bem sofrida. Então um ajuda o outro porque estamos todos no mesmo barco, são pessoas que deixaram de estudar mais de 10 anos, são pessoas que... fazia muito tempo que não estudavam, então realmente, um dá força pro outro pra continuar. Na minha sala todas elas são casadas, pela situação que a gente se encontra, eu acredito que todas elas passam pela mesma situação da correria do dia- a-dia. A gente normalmente quando faz trabalho em grupo, a gente procura se unir geralmente a mulherada e faz o trabalho, porque a gente sabe que é o nosso comprometimento, acho que a gente leva mais a sério, não vou desmerecer o homem, mas hoje a mulher tá levando as coisas mais a sério. (Debi dos frios)

Aham, bastante. Principalmente no meu caso – tem três mães só na turma – o resto nada mais tem filho. Então o pessoal me ajuda bastante me

auxilia no trabalho, “Ana conseguiu fazer?”, “vamos fazer”tem uma prova eles me mandam material por mensagem – “consegui uma coisa pra ti mais fácil, mais resumido” – então tem bastante ajuda assim. (Ana da padaria)

A turma é ótima, todo mundo se dá bem. Mas eu tenho um grupo ali de 6 pessoas, que são muito chegadas, a gente já tem o número um do outro, a gente já tá combinando de frequentar a casa um do outro. A gente faz os trabalhos juntos, e a gente se dá super bem. O pessoal da sala tem um perfil bem parecido, inclusive em ter ido pelo dinheiro e não por gostar. Na minha sala só tem 1 homem, o resto é tudo mulher. Mais da metade da sala é tudo menina de 20 anos, mas tem uma senhora 50 anos, mas o resto é da minha faixa – 30 anos. (Tânia do eletro)

Para Rosa e Rebeca que fazem faculdades públicas entendem essa ajuda um pouco diferente, para elas é mais um incentivo moral, no sentido de estimular a permanecem no curso.

Na sala eu tenho um relacionamento assim, com umas três amigas, e tem uma delas que me incentiva bastante. Que é a mais nova assim, ela tem 19 anos, ela trabalha muito, ela é estagiária, e ela faz qualquer concurso que aparece ela faz. E ela me incentiva bastante assim, nas vezes que eu falei pra ela que estava ficando bem cansativo – não pensei em desistir – mas peguei menos disciplina pra poder dar conta. E ela sempre fala: “vai lá, vai lá tens que estudar”. A gente troca email, sempre diariamente, então isso ajuda bastante. Mais pra trabalhos, provas, é cada um se vira assim, a gente não tem muito essa coisa assim, o máximo que acontece é eu mandar um email pra elas no dia que eu não pude participar da aula, como foi ontem que eu levei minha filha pro médico, e não pude ir pra aula, e então, eu entrei em contato com elas de manhã, pra saber se eu perdi muita

coisa. E elas me passaram, e aí elas passam. Mas fora isso não. (Rosa do crediário)

Não. É uma turma bem complicada... é uma turma bem dividida, então assim tem meninas novinhas, tem o grupo, eu sou uma das mais velhas, mas também tem intermediárias são pessoas que já fizeram uma graduação e voltaram pra fazer outra. Deve ter umas dez mais ou menos, a maioria também é mulher só tem dois homens na sala. Aí muito por conta disso é mais cada uma por si, não existe muito essa de ajudar nos trabalhos individuais, nas provas. No máximo é se perguntarmos pra alguma amiga, alguma dúvida e aí sim elas vão responder. E só. (Rebeca conferente)

Tendo em vista essa ideia de como se dá o incentivo dentro do âmbito da sala de aula e das próprias diferenças entre cursos e perfil de alunos e alunas, notamos que para o traçado das estratégias delas em relação aos estudos, o uso das redes é fundamental. Essas amigas em sala de aula cumprem um papel muito importante. Lahire (1997) esclarece que certos tipos de apoio fornecidos pela rede de relações sociais, ou mesmo informações sobre o funcionamento do sistema escolar, podem se tornar um elemento significativo de longevidade escolar para os estudantes dos meios populares. cremos que isso é esclarecedor no caso das nossas entrevistadas.

4.2 G) Estratégias de estudos, local e tempo

Procuramos saber como elas fazem para estudar, que estratégias criam para conseguir dar conta dos estudos, e que momento é esse, de que maneira elas fazem isso. E perguntamos então sobre o horário de intervalo do trabalho, os dias de folga, para ver se esses eram ocupados com os estudos.

Encontramos uma mesma resposta para todas elas: os tempos dedicados para estudo se reduzem aos intervalos do trabalho, aos finais de semana, aos escassos momentos que sobravam quando chegavam em casa depois das aulas. Enfim, todos os horários “livres”, elas utilizam para isso, para se dedicar aos estudos, e isso incluía desde uma leitura, estudos para provas, trabalhos, reposições de matérias. Nos finais de

semana ainda é o tempo que elas dedicam também para cuidar da casa e, quando conseguem, para rever os amigos e parentes.

No meu trabalho eu tenho 1 hora pra descanso, e nesse momento eu tô sentada em um canto tô lendo, tô fazendo um trabalho, tô pesquisando. Eu uso, esse horário pras coisas da faculdade. Além do intervalo do trabalho, as minhas folgas também são pra isso, por exemplo, esse final de semana, que a minha folga foi domingo a gente almoçou fora, dormimos até tarde, acompanhamos a trimania que a minha vizinha que ganhou – foi muito legal – e à tarde vim pra casa, terminei a roupa que eu tinha, passei bastante roupa e depois eu fui fazer um trabalho que eu precisava entregar - olha é bem complicado. Mas eu uso os finais de semana principalmente os domingos que é quando é o meu único dia de folga e nos meus intervalos do trabalho pra repôr as coisas da faculdade. (Debi dos frios)

Normalmente os finais de semanas eu fico em casa, curto a família, tenho que arrumar a casa e também fazer coisas do curso. Outro momento que eu estudo é o intervalo do trabalho, tenho 1h30 de intervalo. – lá na faculdade as provas são feitas todas em uma semana, essa semana é uma semana de prova pra mim, então no intervalo que eu tenho, eu tiro esse momento pra estudar. Daí eu estudo pra prova nesse horário. Caso não seja semana de prova, daí eu uso pra descansar mesmo, a gente dorme, fica conversando com os colegas. (Ana da padaria)

Sábado e domingo porque eu não tenho vida social. Sábado e domingo eu estudo sempre, e quando eu chego da faculdade também, das 22:30h às 00h, sempre tô lendo, tô estudando, tô fazendo algum trabalho. Eu sempre trago meu material pra na hora do meu intervalo aqui, eu almoço e já vou ler, vou fazer alguma coisa. É

uma hora de intervalo, e pelo menos 40 mim eu me dedico também a fazer alguma tarefa das aulas, alguma coisa assim. Esse final de semana, minha folga foi domingo, normalmente é domingo. Aí eu acordo e dou uma geral no meu quarto, dou uma arrumada no meu quarto, organizo o que eu posso. E na parte da tarde eu estudo e normalmente domingo à noite é quando eu vou pra igreja. (Rosa conferente)

Eu não tenho folga durante a semana, eu só tenho folga no final de semana. Minha última folga... sábado eu saí daqui (risos)...fui pra casa fazer a unha, me arrumar, descansei um pouco, porque a tarde eu fui trabalhar em um casamento, porque tem finais de semana que eu faço eventos pra ganhar uns dinheiro a mais. (risos) Aí no domingo eu dormi até às 14h da tarde pra poder ter um pouco de energia. No nosso setor a gente trabalha de segunda a sábado, no sábado eu trabalho das 6h da manhã até às 10h da manhã, depois só volto segunda-feira, tem época que nos finais de semana a gente relaxa um pouco da universidade e vai viver um pouco né, vamos dar uma volta no shopping, vou fazer alguma coisa com o meu filho. (...) Mas eu sempre tiro um momento pra dar uma lida, fazer algo. O bom é que durante a semana, como moro aqui pertinho, e saio do serviço às quatro, eu consigo dar uma lida. Mas o meu horário de intervalo, eu não consigo estudar porque é o tempo que tenho de ir em casa, almoçar, levar meu filho pra aula, e depois já venho correndo pro serviço. E no mais, prestar atenção na aula... presto atenção na aula todinha, não desvio, não mato, não saí da sala de aula é 100% focada na aula. (Rebeca conferente)

Eu estudo bastante no ônibus, porque como eu passo a maior parte do tempo dentro do ônibus eu fico lendo, estudando – bastante. E em casa também nos sábados né, sempre usando a internet. Também quando eu saio mais cedo, por exemplo, essa semana eu fui liberada duas vezes, aí nesse dia eu cheguei em casa, e fui ler meus slides. No meu intervalo do trabalho eu

aproveito pra dormir - eu durmo, eu durmo - quando eu estou no ônibus eu estou dormindo, quando não tô estudando. Esses momentos eu aproveito, porque a gente fica muito cansada né?! E final de semana sábado que eu não tenho aula, eu chego em casa e faxino a casa toda. Todos eles me ajudam, eu chego em casa e já vou com a roupa aqui do mercado mesmo, aí quando acaba a faxina eu boto a roupa pra lavar, tomo um banho. E aí domingo eu não faço nadaaa (sorriso), sábado quando eu acabo de limpar a casa e tomo um banho, eu me sento e estudo, fico estudando umas 2, 3 horas. Domingo é meu, eu não faço nada mesmo – eu descanso - ou vejo televisão, ou saio para o shopping com eles. Minhas obrigações da semana terminam no sábado, o domingo é meu. Também de 15 em 15 dias eu vou na minha sogra, eu durmo lá, passo a tarde. Então a gente vai lá, normalmente a gente faz um churrasco, eu ajudo a fazer o almoço, e a gente inventa alguma coisa pra sobremesa, a gente loca um filme, a gente coloca música, bota a mesa pra rua e a gente fica “jogando conversa fora”. À tarde a gente sai pra dar uma volta, domingo também eu vou na missa à noite. E eu fico com eles. Aí quando dá umas 22h eu vou embora pra casa. O meu filho quanto à cobrança de sair com ele, é às vezes assim, mas aí domingo normalmente eu dou um jeito de fazer alguma coisa com ele, só que no meio da semana é complicado, essa semana ele cobrou, cobrou, cobrou e eu fui obrigada a fazer um lanche com ele – mas no outro dia eu fiquei quebrada – fui dormir mais tarde né?! (Tânia do eletro)

A questão do ter espaços de tempo exclusivos para os estudos é algo limitado, muito por conta dessa tripla jornada. Pelas experiências relatadas, verificamos que a maioria delas utiliza os intervalos do trabalho e reserva algum horário do final de semana para cumprir as atividades escolares. Ou seja, o espaço e o tempo destinados aos estudos são aqueles ajustáveis ao possível, mas por outro lado, esses momentos não deixam de ser estratégicos, pois são por meio deles que elas vão conseguir ter um

desempenho melhor na escola, e vão poder acompanhar o ritmo da sala de aula.

4.2 H) Rendimento escolar

A outra variável que julgamos importante para avaliar os resultados dessa tripla jornada foi saber sobre o rendimento acadêmico, se elas conseguiam suprir a exigência mínima. E o que percebemos é que de fato existe uma dificuldade muito grande, dadas às próprias limitações de tempo. Muitas delas reclamam das notas baixas, é o caso de Rosa, por exemplo, que rodou em uma matéria. Ana fala de uma prova em que foi mal. Por outro lado, constatamos também um esforço muito grande delas em não desistir das tentativas de tirarem notas boas.

Apesar das limitações e talvez até mesmo por todo esforço, elas estão, em geral, satisfeitas com seu desempenho acadêmico, principalmente quando se comparam a outras colegas de sala que podem se dedicar integralmente aos estudos. Conseguem também vibrar com suas conquistas, ainda que, segundo elas, sejam limitadas, permanecendo sempre o desejo de querer fazer melhor. Entre elas é muito raro uma nota final abaixo da média e a maior parte das médias fica acima de 8,0.

Minhas notas são boas. Tiro em torno de 8 - 8.5, depende, são boas em geral. Normalmente é a cima de 7. Mas quando tiro alguma nota baixa já vou atrás de melhorar a nota. Eu me esforço muito... quando eu vejo alguém com mais tempo que eu, tirando a mesma nota ou até uma nota menor que a minha, eu sei que o me esforço tá valendo a pena. (Debi da pararia)

Ahhh tá bem legal! (ironizou) Ontem eu acho que rodei em uma prova, mas vai ser a primeira prova que eu vou ter rodado. O módulo passado foi bom, minha média foi 8, aí dá uma média legal. Aí a prova de ontem que foi de estatística, eu acho que fui mal – mais tem a recuperação agora. Vou me esforçar pra tirar uma nota legal. (Ana da padaria)

Olha, no primeiro semestre, eu reprovei em uma disciplina, e isso, me desmotivou muito assim,

porque eu estudei bastante pra prova, mas na verdade eu tava 15 anos sem estudar. E eu não compreendia muito bem o que o professor queria na hora da prova e ele deu duas oportunidades, duas provas se não alcançasse a nota, já era. Então eu consegui só um 4 e ele me reprovou. E eu fiquei bem desmotivada mas assim no outro semestre eu me matriculei só em 4 disciplinas – não fiz a dele que eu tinha reprovado. Aí eu fui super bem, daí eu tirei um 10, tirei um 9 e um 8,5, foi bem legal assim. Então foi a minha ideia pra esse semestre agora fazer só três também. Porque eu preciso dar conta da minha filha que está péssima no colégio. Ela chegou ir pra recuperação direto, e é um investimento de quase 10 mil em um colégio que eu não posso perder. Eu tive que abrir mão de algumas disciplinas, fazer a faculdade em um período maior, pra ela não perder o ano. (Rosa crediário)

Estão boas, 8, 7,5, 8 não teve quase notas agora que ainda tá no começo. Eu comecei esse semestre essa universidade. Mas tá dando pra levar, por enquanto tá. (Rebeca conferente)

Por enquanto eu só tô recebendo as notas dos trabalhos, porque lá funciona assim... 80% da nota é a prova e 20% é os trabalhos. Cada trabalho vale meio ponto, então são coisas mais simples. A prova mesmo, que é a maior nota eu vou saber só em novembro. Mas por enquanto as notas estão boas. (Tânia do eletro)

4.3 Percepções do presente e projeções para o futuro.

Nesta categoria analisamos o que as entrevistadas almejam alcançar, como situam a profissão e a família em suas vidas. Além disso, achamos necessário saber o que acreditam que pode constituir um possível obstáculo para conseguir o que desejam. Como pensam em conciliar suas diferentes aspirações e quais as estratégias para driblar as barreiras.

Como nos mostra Almeida (2005), a mulher brasileira do século XXI é diferente daquela da década de 1950. Enquanto a segunda esteve dedicada ao lar, tendo o homem como o principal provedor e a ela cabia apenas o reconhecimento de mãe e dona de casa, a mulher hoje passou a dividir com o homem a função de prover a família, o que lhe conferiu maior prestígio.

A mulher hoje vai atrás dos seus objetivos, do ponto de vista de Araújo (2005), o sentido que essa dá para o trabalho, atualmente, pode estar carregada de vários sentimentos, que vão desde uma realização pessoal, passando por uma necessidade econômica, até mesmo para formar sua própria identidade.

4.3 A) A escolha do curso, e a vontade de fazer uma faculdade

Buscou-se então entender primeiramente como se deu a entrada das nossas entrevistadas na faculdade e qual a relação delas com o curso. As mesmas apontaram que,

O vestibular foi uma “brincadeira” porque eu consegui passar no vestibular estudando só aqui na loja. Eu estudei só pelas provas anteriores praticamente, e comprei 1 ou 2 livros – eu não lembro – acho que história de Santa Catarina, alguma coisa assim, como eu não sou daqui, tudo pra mim aqui é novidade. A história do estado é novidade. Eu fui super bem em português, fui super bem em espanhol – menos nas exatas – que não é o meu forte, mas fui muito bem em redação. E também saía daqui ia pra casa e estudava. Eu achei que fosse um curso mais fácil e é uma coisa que eu gosto, eu achei que envolvia muita leitura, e essa parte de redação de escrita, eu gosto muito. Na verdade eu não tinha muita noção do que eram as disciplinas, eu não tinha nem me informado o que eu ia estudar mesmo, só vim a saber quando eu entrei no curso mesmo. Eu gosto bastante, teve uma época em que eu me interessei por fono, tentei ver uma possibilidade, é um curso que eu acho bem interessante, mas o curso que eu estou fazendo eu gosto. (Rosa do crediário)

Rebeca por outro lado, entrou no curso com o um pedido de retorno e atrela a sua entrada pelo interesse que sempre teve com o curso de pedagogia,

Entrei como retorno de graduado. Na UDESC tem, é retorno de quem já é graduado em alguma instituição que tenha passado por processo seletivo. Aí tem a seleção, tem os pré-requisitos pra entrar, e desses pré requisitos eu consegui a matrícula. O curso de pedagogia é curso muito bom, eu adoro aquele ambiente escolar, aquela experiência no magistério, me mostrou coisas muito legais pra trabalhar em sala de aula. E mesmo tendo ido fazer outra faculdade, acabou que a Pedagogia me “chamou de novo”. É muito engraçado até a forma que eu entrei, eu entrei no site da UDESC, e lá constava os cursos de retorno de graduando, e quando eu vi que tinha pra Pedagogia, já fui logo me escrevendo, e foi muito legal porque eu estava há um tempo querendo voltar a fazer, e daí acabou que deu certo. (Rebeca conferente)

E para as outras três que fazem cursos técnicos, perguntamos se havia algum interesse em prestar um vestibular, ou fazer uma faculdade superior.

Por enquanto não. Até o meu pequeno crescer, mas vou só terminar o curso. Daí quando o Pedro tiver uns 6, 7 aninhos aí dá pra pensar em uma faculdade, um vestibular de novo. (Ana da padaria)

Eu pretendo. Eu gostaria muito de fazer a faculdade de Psicologia, é um curso que eu sempre me interessei. Vamos ver depois quem sabe, quando eu terminar o curso de logística, eu tente um vestibular. (Debi dos frios)

Olha eu não sei. Eu achei que sim, pretendo fazer a faculdade de Fisioterapia, mas não sei se vou prestar vestibular. (Tânia do eletro)

Existe uma vontade muito grande por parte delas em fazer futuramente uma faculdade, no entanto, não constatamos uma certeza.

4.3 B) Projeções para o futuro – lado profissional e pessoal

Diante disso, procuramos saber quais as suas projeções para o futuro, tanto em relação ao lado profissional quanto ao lado pessoal. O que percebemos foi que, Ana e Debi, que estão fazendo curso técnico não têm muitas projeções de sair do supermercado. A partir de suas falas percebemos que as suas vontades profissionais são de, no máximo, mudar de setor, dentro do próprio mercado. Quanto ao lado pessoal, ambas querem garantir um futuro melhor para os filhos e também sonham em adquirir seu próprio imóvel, já que elas moram de aluguel.

Em relação a faculdade, pretendo trabalhar no setor de logística aqui na empresa. Ou em outro setor mais fácil por aqui aonde eu tô, e já me sinto mais segura. Em relação pessoal, até ano que vem é a gente conseguir a casa, é o que a gente tá planejando. Isso tudo é em questão de filhos, você quer mesmo ver o melhor pra eles. Então eu queria morar em outro bairro, a casa que a gente tá vendo não é na Tapera, um lugar diferente pra eles terem um lugar melhor pra morar. É isso que a gente quer. (Ana da padaria)

O que eu penso sobre isso, é fazer o meu trabalho aqui sempre bem feito, acho que cuidar do meu lado profissional, acho que é importante, a minha imagem que eu venho fazendo. Sonhos futuros, comprar a minha casa, que hoje eu vivo em casa alugada, mas pretendo em breve ainda uma entrada, financiar – vamos ver o que vai dar. E o que eu penso pro meu futuro eu vou continuar estudando é o meu foco, estudar e deixar bem a minha família. (Debi dos frios)

Já no caso de Rosa, Rebeca e Tânia, percebemos que o trabalho no mercado representa uma opção temporária, é como se o mercado fosse um local de passagem, pois elas deixam isso bem explícito. Quanto às

projeções pessoais, Rosa pretende dar uma vida melhor para sua filha e também pretende comprar sua casa própria,

Um dos motivos de eu estar estudando é ter uma formação e sair do ramo de supermercado, eu preciso do sábado e domingo livres, pra cuidar da minha filha, pra cuidar de mim, então é um dos motivos. Meus projetos então é me formar, comprar um apartamento e fica com a minha filha, por enquanto eu moro na casa dos meus pais. Eu quero trabalhar no meu ramo, tô fazendo concurso direto também, tô correndo atrás pra vê se eu consigo um salário melhor. Hoje em dia tudo que eu faço pela minha filha, voltar a estudar foi ela, a existência dela foi que me motivou, tudo que eu faço é por ela, pra dar uma vida melhor pra ela. (Rosa do crediário)

Rebeca projeta seu futuro em torno da conquista em concluir um curso que sempre teve vontade de fazer,

Sonho a gente vive muito quando é mais jovem. Hoje a gente vive mais a realidade. Sonho a gente tem em melhorar um pouco de vida, ou pelo menos ter uma estabilidade profissional, junto fazer o que gosta também. Não adianta também se iludir assim, fazer algo pra ganhar dinheiro e ser uma frustrada, então eu acho que não vale a pena. Tem que tentar conciliar, eu sei que pedagogia não vai ser uma área com futuro financeiro promissor, mas vai me trazer uma satisfação, posso juntar o útil ao agradável, um pouco de cada, fazer um equilíbrio entre os dois. E por meu filho é claro, mas ele já está sendo bem encaminhado, ele tá em uma escola particular, ele lê muito, eu vivo incentivando ele na educação. Eu acredito que o futuro dele fica bem encaminhado assim, mesmo porque em casa a gente é exemplo, sabe a mãe estudou, eu estudo. Então ele vê eu estudo ele também estuda, então é um ciclo. E futuro também... é ter uma qualidade de vida, trabalhar em um lugar que tu gastes, fazer o que tu gosta isso, diminui muito o stress e não se pode perder tempo

também. E mais do que nunca quero concluir o meu curso, e trabalhar na área. E estou aqui mesmo porque é bom pra mim, que dá tempo de fazer minhas coisas, cuidar do meu filho... mas não é algo que eu goste. (Rebeca conferente)

Tânia acredita que com o curso poderá abrir seu próprio negócio,

Eu fiz esse curso pra dar conforto pra minha família, meu primeiro pensamento foi esse né?! Então eu pretendo, tenho uns planos na minha cabeça. Eu tenho uma amiga que ela tem salão de beleza, e ela me convidou pra trabalhar com ela quando eu me formar. Então eu vou começar a trabalhar com ela, e não vou sair daqui, vou trabalhar no contra turno, o horário que seria o curso, vou trabalhar com ela, vou dar uma parte da porcentagem de tudo que eu fizer pra ela, até eu me ajeitar. Depois, que eu me ajeitar financeiramente, daí eu vou dividir as contas com ela, e daí o que é meu é meu, e o que é dela é dela. Mas a minha ideia de ganhar dinheiro mesmo, quero comprar um carro maior e quero comprar uma maca daquelas que são desmontáveis, eu quero botar dentro do carro e eu vou na casa das pessoas. As minhas amigas já falaram comigo, que é pra mim fazer um cartãozinho, pra fazer divulgação e eu tenho muitos amigos, eu conheço bastante pessoas, muitas pessoas já passaram por aqui. E a minha ideia é atender em casa, até eu conseguir dinheiro pra montar a minha sala de atendimento. Eu também penso futuramente fazer uma faculdade, eu tô me encantando pela fisioterapia, a massoterapia é uma matéria da fisioterapia. E eu me descobri assim que cuidar de pessoas é muito gratificante e a fisioterapia faz isso né?! Além da estética que hoje tá na moda e dá dinheiro, a fisioterapia estuda isso também, boa parte da clínica estética. Então provavelmente eu vou fazer a fisioterapia depois. (Tânia do eletro)

Constatamos na fala de todas elas o desejo de deixar um futuro melhor para os filhos. A dedicação aos estudos está muito relacionada com esse projeto de futuro que inclui a família e o bem estar dela. Ou mesmo estar de bem consigo mesma, como a entrevistada Rebeca fala “é ter uma qualidade de vida, trabalhar em um lugar que tu gostes, fazer o que tu gostas”. Enfim, como mesmo aponta Bruschini (1998, p.7), as mulheres mais instruídas apresentam taxas mais elevadas de participação, não só porque o mercado de trabalho é mais receptível ao trabalhador qualificado, mas também porque elas podem ter atividades mais gratificantes e bem remuneradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julgamos importante salientar que as considerações que fizemos ao longo deste estudo e que procuraremos aqui dar um breve encerramento, não têm uma pretensão de esgotamento, no sentido de exaurir as explicações possíveis. Ao contrário, embora tenhamos que dar um arremate final a esta pesquisa, temos plena consciência das limitações, mas apesar disso, esperamos ter contribuído e que as colocações feitas tenham o atributo de provocar um momento de reflexão sobre as questões aqui tratadas.

Optamos nesse trabalho por entender um pouco mais sobre as mulheres operadoras de supermercado – setor de serviços - que, não apenas estão se inserindo em uma atividade profissional, mas que, além disso, lidam com o trabalho doméstico e dedicam tempo aos estudos. A novidade deste estudo esteve no desafio de relacionar as trajetórias dessas trabalhadoras com o tema da escolarização. Como coloca Bruschini a respeito da importância da escolarização (2007, p. 30): “é neste polo que estão ocorrendo às mudanças mais significativas. A médio e longo prazo, é possível que o acesso de contingentes cada vez maiores de mulheres às ocupações e aos empregos mais qualificados crie condições para que a segregação ocupacional seja rompida e as desigualdades salariais superadas.”

Ao longo do trabalho, pudemos observar um pouco melhor a construção da condição feminina do espaço privado ao espaço público e

conseguimos verificar seus problemas, dificuldades e aspirações, assim como constatar algumas das mudanças ocorridas nos papéis das mulheres e na sua posição na sociedade. Partindo do princípio de que há um histórico de desigualdade social entre mulheres e homens e que uma das manifestações era do confinamento dessas ao espaço controlado e privado do lar, verificamos que apesar da entrada massiva das mulheres ao mercado de trabalho, muitas contradições a respeito do trabalho ainda se perpetuam. No entanto, as mulheres hoje denotam índices maiores de escolarização, inclusive maiores em comparação com os próprios homens na disputa de espaços de trabalho.

Quanto ao papel da educação acreditamos que as lutas feministas foram muito importantes para enaltecer o valor da mulher na sociedade. Foi por meio delas que as mulheres conseguiram conquistar direitos políticos, sociais e econômicos. As mulheres escolarizadas, hoje, conseguem adentrar nos ramos mais competitivos, como apontou Nogueira (2004), somadas às duas principais mudanças - a entrada em massa de mulheres casadas no mercado de trabalho e a expansão da educação superior - tem-se o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, do impressionante movimento da “feminização do mundo do trabalho”.

Tivemos oportunidade de constatar pontos interessantes a respeito das trajetórias das nossas entrevistadas. Em se tratando da vida de seus pais, constatamos que a maioria delas vem de uma origem humilde e que, por conta disso, os pais e mães não tiveram nenhuma ou muito pouca escolarização e trabalhos pouco qualificados e mal remunerados. Em vista dessa origem social, constatamos que a maioria teve que trabalhar muito cedo, em parte para ajudar no sustento familiar,

mas também por necessidade de ter suas próprias coisas, o que de alguma forma as amadureceu também cedo. Mas, por outro lado, isso também retardou ou abortou suas trajetórias escolares em idade adequada, fator que poderia ter sido diferente, se não fossem as limitações da sua condição social.

É interessante também verificar, na esteira do que se entendeu por mobilidade intergeracional, que a geração destas mulheres entrevistadas, que inclui evidentemente a trajetória de seus irmãos, conseguiu conquistar patamares de escolarização melhores que os seus pais. O mesmo não ocorreu entre a geração dos avôs e dos pais, em que ainda havia uma imobilidade social. Ou seja, mesmo que estas mulheres estejam transitando em uma trajetória de trabalho bastante precária do setor de serviços, a elas é permitido se projetar de formas diferentes das de suas mães, afinal são mais escolarizadas e ainda almejam ir além do que já galgaram nos seus estudos. Elas podem ser outra coisa, talvez se realizar de outra forma, e talvez diferentemente do que afirmava Telles (2006): deixar de ser supermercado, se assim a elas aprouver.

Mas vencer essa barreira da condição social e de gênero não se dá sem muito esforço. Quando indagadas sobre as suas estratégias para manter uma vida com tripla jornada constatamos que todas elas apontaram que tem uma vida muito cansativa, estressante. O fato de pertencerem às camadas populares faz com que, para essas mulheres, a necessidade do trabalho remunerado seja um imperativo de sobrevivência. Além disso, outro fator para esse cansaço físico e mental é a sobrecarga de trabalho fora de casa com o acúmulo do trabalho doméstico e cuidado com os filhos.

Percebemos que, para manterem uma vida com tripla jornada é essencial que obtenham o apoio das suas redes de relacionamentos, principalmente com familiares, como os pais e esposos, para conseguir o cumprimento dessa. Mas também o apoio dos (das) colegas e amigas surgidas a partir da sala de aula se mostraram importantes nessa empreitada do estudo.

Outro ponto que as operadoras de supermercado apontam é a questão do incentivo familiar nos estudos. Todas alegam que a família, os amigos, as apoiam nesse percurso, o interessante é perceber esse envolvimento das pessoas mais próximas para a concretização desse sonho, “todos navegam nesse mesmo barco” para que elas consigam seguir adiante.

Constatamos, também, que essa opção pela tripla jornada, além de estressante, tampouco é isenta de culpa, já que o desdobramento entre tantas atividades faz com que sua presença na casa e com os filhos não seja tão satisfatória como é esperado para seu rol de mãe e dona de casa. Mas, apesar disso, elas se satisfazem pela sua escolha de crescimento pessoal ao optar pelos estudos.

O sentimento de realização pessoal aparece nas suas narrativas, justificando os motivos que as levam a ingressar em uma universidade ou em um curso técnico. Elas entendem que preferem sair da zona de conforto e ir atrás dos seus objetivos e metas. Também as motiva encarar a tripla jornada, a possibilidade da sua possível valorização no mercado de trabalho, de conseguirem melhores postos de emprego e, quem sabe, conquistarem trabalhos menos precários.

Quanto às estratégias de estudos, percebemos que por elas viverem uma tripla jornada, os seus horários tornam-se bem reduzidos.

A semana normalmente é muito corrida e, por conta disso, encontram alguns horários vagos para poder dar conta das atividades pedidas em sala de aula. Nessa correria, evidentemente, é o lazer que fica prejudicado, já que são nos finais de semana que elas realmente se dedicam mais para estudar. Todas denotaram uma dedicação muito especial para com os estudos. Todas conseguem desse modo suprir as exigências mínimas do estabelecimento de ensino, demonstrando um esforço muito grande em conseguir se superar.

Em relação às suas projeções de trabalho e vida, pudemos observar que todas querem, de alguma forma, alcançar novos horizontes, isso significa que querem melhores empregos, melhores salários, uma melhor qualidade de vida. Querem também adquirir coisas e, sobretudo, querem melhorar as expectativas de futuro dos filhos e filhas. Seus esforços se voltam para si, mas, sobretudo, para o projeto familiar. O papel feminino tradicional do cuidado com os outros não se abandona, mas se soma ao novo papel da mulher no espaço público.

Sendo assim, a pesquisa deixou claro que para conseguirem dar conta dessa tripla jornada, a atuação da rede de configuração familiar é imprescindível para o sucesso escolar, além disso, outra questão que está em jogo é o aproveitamento máximo do tempo, que consiste em estabelecer prioridades, em fazer escolhas e buscar o equilíbrio na realização dos diferentes afazeres.

Uma das conclusões mais importantes que retiramos desta pesquisa é que, mesmo essas mulheres tendo uma trajetória de vida marcada por muitas dificuldades, são conscientes das suas limitações e desafios, mas se negam a abdicar diante das dificuldades e oposições. Pelo contrário, essas mulheres não querem ser vistas como vítimas, mas

sim como mulheres sujeitas – que tomam decisões, que sabem o que querem, ou seja, essas mulheres operadoras de supermercado estão redefinindo o que é ser mulher contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 2007, 328 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/>>. Acesso em: Fevereiro 2014

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca. **A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil?** In: Nadir Zago; Lea Paixão. (Org.). *Sociologia da Educação Brasileira: Pesquisa e Realidade Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2007a, p. 44-59.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007b.

Disponível em: www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1199/1/tese.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2014

ALMEIDA, Leila Sanches de. **Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham.** Revista do Departamento de Psicologia (UFF), vol.19, n.2 , p. 411-422, Jul./Dez. 2007c. Disponível em :

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010480232007000200011&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em :fevereiro de 2014

ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.

_____. **Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX.** In: SAVIANI,

Demerval; ALMEIDA, Jane Soares de *ETal.* O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2004, p.59-117.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.

_____ **Adeus o trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho/** Ricardo Antunes. - 11.ed. - São Paulo: Cortez: Campinas - SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ÁVILA, Rebeca Contrera. **Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior.** Mal-estar e sociedade. Ano II n2 – Barbacena – Jun 2009.

ARAÚJO, Clara. **Gênero, família e trabalho no Brasil.** Organizadoras. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BATISTA, karem Fernanda Mourão. **Júlia Lopes de Almeida e a educação da mulher nos livros das noivas e das donas e donzelas.** karem Fernanda Mourão Batista . - 2011

BOURDIEU, Pierre. **As contradições da herança.** In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A.(orgs.). Escritos de Educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998a, p.229-237.

BOURDIEU, Pierre. In: Nogueira e Nogueira (org) Bourdieu e a educação, BH: Autêntica, 3ª. Edição, 2009/ **Os excluídos do interior.** BOURDIEU (2008) Escritos de Educação. RJ: Vozes, 271 - 227.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Dooriginal La Domination Masculine, 1998.

BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.p.81-126.

BRUSCHINI, Maria Cristina. **Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação ?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo: pag. 1-32, ano 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>> Acesso em: Abril de 2014.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Fundação Carlos Chagas, grupo de pesquisas socialização de gênero e raça. São Paulo- Rio de Janeiro cadernos de pesquisa, v.37, n.132, p.537-572, set/dez. 2007.

CASTELLS, Manuel. A empresa em rede: a cultura, as instituições e as organizações da economia informacional. In: CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002. P. 209-263

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com escola entre estudantes da periferia**. Cad. de Pesquisa, SP, no. 97, 47-63, maio de 1996.

CHERKAOUI, Mohamed. **Mobilidade**. In: BOUDON, Raymond *et al.* Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 167 – 212.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudo Avançados**. São Paulo, v.17, n. 49, p. 151-172, set/dez. 2003.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142003000300010Acesso em: 11de outubro de 2014.

HIRATA, Helena. **Reestruturas produtivas, trabalho e relações de gênero.** “Revista latinoamericana de estudos do trabalho.” Ano 4 N° 7. 1998.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de pesquisa, v.37, n 132, set/dez. 2007

IBGE. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas.** Pesquisa Mensal de Emprego”. 8 de março de 2012.
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendiment/o/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf

JACQUES, Caroline da Graça. **Trabalho decente, responsabilidade social focado em trabalhadores e as novas racionalidades das empresas.** II Colóquio Internacional de epistemologia e Sociologia da Ciência da administração. Florianópolis, SC 2012.

KNEBEL, Rosemeri Leane. **Trabalho e Maternidade: desafios da maternidade na contemporaneidade** / RosemeriLeaneKnebel. Ponta Grossa 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** Educação em Revista, n.46, p.201-218, Dez. 2007 a. _____. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, 2007b.

MARTINS, Heloisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Universidade de São Paulo (USP), Departamento de sociologia. São Paulo. Vol. 30, n.2,p.289-300. 2004

MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão. **Mudança da condição feminina na atualidade: Revisitando a história do feminismo.** Núcleo de estudos das Desigualdades Contemporâneas e Relações de Gênero. Rio de Janeiro - 2012. Disponível em:
[file:///C:/Users/kcosta/Downloads/14293-23162-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/kcosta/Downloads/14293-23162-1-SM%20(1).pdf)
Acesso em: 20 de Agosto de 2014.

MÉNDEZ, Natália Pietra. **Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo**. Revista Mulher e Trabalho: as mulheres no mundo do trabalho. Vol. 5, n. 2, p. 1-13. 2005.

MURARO, Rose Marie, PUPPIN, Andrea. (Org). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro. RelumeDumará, FAPERJ, 2001.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado. A divisão sexual no trabalho e na reprodução: Um estudo das trabalhadoras de telemarketing/** Claudia Mazzei Nogueira. !ed. São Paulo: Expressao Popular, 2006. @40: II – (coleção trabalho e emancipação)

_____As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. Aurora ano IV número 6 – Ago/ 2010.

_____ Integrar desintegrando: as metamorfoses no mundo do trabalho feminino, na agroindústria. São Paulo, n.27, p. 186-199. 2011

OLIVEIRA¹, ARIZA² Orlandina, e Marina. **Trabalho feminino na America latina: Um relato das principais abordagens analíticas**. Faculdade latinoamericana de ciências sociais. México, 2000.

OLIVEIRA, Luis Roberto. **A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas**. In: FLEISCHER, Soraya. (Org.) Ética e regulamentação na pesquisa antropológica. Brasília: Letras Livres: Editora Universidade de Brasília, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 a. p.167-234

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acessado dia: 10/07/2014

QUEIROZ, D. M. **Mulheres no ensino superior no Brasil**. In: 23ª Reunião anual da Associação Nacional de pesquisa em educação. - ANPED, 2000.

R. Madalozzo; S.Martins; L. Shiratori. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?** Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2010000200015&script=sci_arttext acesso: março de 2014.

RODRIGUES, Joice Meire. MARQUES, Eliza Cristiane de Rezende. **O civilizar da mulher na história da Educação**. 2013.

SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. (Org.). **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 131-150.

SENNET, Richard. **A corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro. Record. 2000

SILVA, Melissa de Oliveira Guimarães. **Violência contra as mulheres: a Lei Maria da Penha e suas implicações jurídicas e sociais em Dourados-MS**. / Cláudia Melissa de Oliveira Guimarães Silva. – Dourados, MS: UFGD, 2010.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. V.1,n.2. p. 24-36. 1995

SORJ,Bila. **Sociologia do Trabalho: mutações, encontros e desencontros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15,n.43, p. 26-34.2000.

SCOTT, J. W. (1991). **A mulher trabalhadora**. In G. DUBY, & M. PERROT. História das mulheres no ocidente: O século XIX. Porto, Portugal: Afrontamento.

STIVAL, Maria Cristina. Dominação e reprodução na escola: Visão de Pierre Bourdieu. 2011. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf acesso em: 20 de setembro de 2014.

TELLES, Vera da Silva. **Mutações do trabalho e experiência urbana**. Tempo social, revista de sociologia da USP, V.18,n.1.2006
Trajétórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. Departamento de sociologia. USP. 2006

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WOLFF, Cristina. **Profissões, trabalhos: coisas de mulheres**. Revista estudos feministas (UFSC), ano 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200012, acesso em: Abril de 2014

ZANOTI, Luiz Antonio Ramalho. **A função social da empresa como forma de valorização da dignidade da pessoa humana**. Luiz Antonio Ramalho. Marília, 2006.

ANEXO 1
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

Título do projeto: Trajetórias, estratégias e percepções de atendentes de supermercado que vivenciam uma tripla jornada: trabalho remunerado, trabalho doméstico e escolarização.

Ficha de identificação

Nome: _____

Data _____ de
nascimento: _____

Idade: _____ Cargo
atual: _____

Telefone _____ para _____ contato:

Email: _____

Bairro _____ que _____ mora:

Estado
civil: _____

Profissão e ocupação do cônjuge ou companheiro (se houver):

Tem filhos? () Não () Sim. Quantos? _____

Idade dos filhos: _____/_____/_____/_____

Há quanto tempo a Sra. trabalha nessa empresa? _____

Com que idade começou seu primeiro trabalho?

Quais outros trabalhos você já teve? Onde trabalhou e o que você fazia? Explique brevemente.

Quanto tempo (mais ou menos) de carteira assinada? _____

Está estudando neste momento? () sim () não

O que está estudando? () Ensino Fundamental () Ensino Médio ()
Ensino Superior () Curso técnico () EJA () outros.

Qual?

Quantos dias por semana?

Em qual horário você estuda?

Você aceitaria ser entrevistada para colaborar com esta pesquisa?

Obrigada! Kerolin Costa

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

As questões vão ser basicamente referente à sua trajetória familiar, trabalho e estudo:

Conte um pouco mais sobre a profissão e a escolarização dos seus pais?

Seus pais te incentivaram a estudar? E como eram os hábitos de vocês em casa em relação aos estudos nessa época? Tinha um horário específico para estudar?

Você tem irmãos? E os seus irmãos, eles estudaram, também? Conte-me um pouco.

Com quantos anos você começou a trabalhar fora, pela primeira vez?

Quantos anos você tinha quando casou? Fale um pouco dessa fase.

Onde você nasceu? (Como chegou em Florianópolis?)

Hoje em dia quem mora com você?

Conte um pouco da rotina da sua família?

Qual o perfil de escolaridade do marido e filhos?

Existe um incentivo para você estudar dentro do âmbito familiar?

Tarefas dentro de casa? (Marido, filhos)

PESSOAL- O que te motivou a estudar?

Como você faz para estudar?

Na escola você recebe a ajuda dos colegas de sala para os trabalhos, provas?

Como estão suas notas?

Conte um dia de trabalho, estudo seu? (Lembra de ontem)

O que você faz no intervalo do trabalho?

Conte um pouco da sua folga? (Lembra da última)

O que te motivou a buscar seu atual emprego?

Quais são seus sonhos para o futuro?

E você vai querer prestar vestibular?